ROMANCES NOVA CULTURAL 7

Julia Verão



# Amor Sem Fim

Jacqueline Baird

SBD

Título original: *Raul's Revenge*

Copyright © 1997 por Jacqueline Baird
Copyright da tradução © 1997 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Baby Abrão

*revisão:* Projeto Revisoras

*preparo de originais:* Projeto Revisoras

*digitalização:* Mana, Alê M. e Sandra Martino

*capa:* Star Books Digital

*adaptação para ebook:* Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



***https://t.me/SBDLivros***

***https://t.me/StarBooksDigital***

---

Baird, Jacqueline Amor Sem Fim [recurso eletrônico] / Jacqueline Baird [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1997.
recurso digital (Julia Verão; 7)

Tradução de: Raul's Revenge
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-03-7311-876-2 (recurso eletrônico) 1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

---

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

# Sinopse

*Destinos aprisionados por um segredo do passado...*

Raul e Penny: quando jovens, foram tomados de um desejo insano de se entregar um ao outro, de experimentar o sabor da paixão. Agora, adultos, esse desejo, mesclado a um amor não revelado, ameaça separá-los outra vez. Penny sabe que terá de superar o estigma do passado para poder ser feliz. Mas como, se Raul não lhe dá a mínima chance de revelar que a sua primeira noite de amor fora realmente... amor!

# Capítulo 1

— Que cama boa, Raul! — Penny contemplou o móvel enorme que ficava no centro do quarto ao hotel. Então, inclinando a cabeça loira, pousou um olhar sensual no companheiro. — Não podemos perder a *siesta*!

Raul sorriu e colocou a mala sobre o colchão.

— Sinto muito, mas não tenho tempo. Vou tomar um banho. Um carro virá me pegar em trinta minutos.

Penny seguiu o homem alto e moreno com o olhar até vê-lo entrar no banheiro. Suspirou. Para Raul, o trabalho sempre vinha em primeiro lugar. Tratou de desfazer a mala e então, atirando longe as sandálias, jogou-se na cama e avaliou o aposento. Bem, era apenas mais um quarto de hotel. No começo, costumava ficar encantada com eles. Agora, porém, os achava todos iguais.

Ouviu o som da água correndo e a voz grave de Raul entoando uma canção espanhola. Um sorriso suave desenhou-se em seus lábios. Ele, como sempre, fazia seu espetáculo particular durante o banho.

Quando o barulho cessou, Penny sentou-se na cama. Ajeitou o longo cabelo atrás das orelhas, os olhos azuis brilhando de antecipação.

Era tolice, ela sabia. Vivia com aquele homem há meses, amava-o mais do que à própria vida e ainda perdia o ar quando ele se aproximava. Como agora.

Conhecia cada centímetro daquele corpo magnífico, mas ao vê-lo sempre sentia a pulsação acelerar-se e o peito encher-se de calor. Raul não era exatamente atraente, com aquele nariz meio exagerado e o queixo quadrado, mas o cabelo preto e os olhos profundos, de um castanho incomum, combinados com um corpo musculoso, tornavam-no extremamente sexy.

No momento, coberto apenas com uma toalha branca, presa na cintura, ele se movimentava pelo quarto, abrindo portas e gavetas à procura das roupas. O olhar de Penny demorou-se na pele bronzeada e nos pêlos encaracolados do peito largo, que desapareciam sob a toalha.

— *Dios*! Vou me atrasar! — resmungou ele, dirigindo-se à cama. Com um short preto e brilhante, de boxeador, balançando na mão enorme, pousou em Penny um olhar travesso. — Por isso, você não pode me persuadir a experimentar esse colchão, certo?

— Eu? Persuadir você? — Os olhos azuis dela brilharam, divertidos. — Como se eu tivesse esse poder! — exclamou, fingindo inocência.

A boca sensual curvou-se num sorriso.

— Perto de uma cama, mocinha, você é capaz de levar qualquer homem à loucura!

— Verdade? — ela perguntou faceira.

— Você sabe que sim. — Sentou-se ao lado dela, tomou-lhe as mãos e afastou uma mecha loira do rosto bonito. Tinha a expressão séria. — Lamento sobre isso — disse, contemplando o quarto e depois voltando a fitá-la. — Sei que prometi passar seu aniversário em Londres. — Com um dar de ombros, tipicamente latino, acrescentou: — Infelizmente, nem sempre os planos dão certo.

— Está tudo bem — Penny assegurou. — Quantas mulheres são capazes de estar num

aeroporto espanhol, certas de que viajarão para Londres, e de repente acabar no Oriente Médio? — brincou, tentando encarar o fato da melhor maneira possível. — A não ser, claro, que você contrate alguns eslavos para gerenciar seu império financeiro.

— Engraçadinha, hein? — Raul riu. — Mas não brinque com isso. Não neste país. Você é minha e vai permanecer assim. Não se esqueça disso.

— Claro, meu senhor...

Penny fez uma reverência, um gesto subserviente, as mãos pequenas e macias juntando-se como se em oração. Raul não resistiu e deu uma gargalhada.

— Sua bruxinha... Comporte-se. Preciso mesmo deixá-la por algumas horas. Mas vou lhe dar muito trabalho mais tarde, prometo.

Haviam deixado a casa de Raul, naquela manhã, para voar até Londres. Mas uma ligação no telefone do carro o chamara para uma reunião de emergência em Dubai. Por sorte havia um vôo para o Oriente Médio marcado para apenas dez minutos depois do avião que partiria para Londres. Assim, antes que Penny se desse conta do que estava acontecendo, viu-se numa poltrona na primeira classe de um Boeing 747, sobrevoando o Mediterrâneo.

Ela costumava acompanhar Raul em suas viagens ao redor do mundo. Como proprietário de uma empresa internacional de engenharia, além de uma fazenda de alguns milhares de acres na Andaluzia, Espanha, e diversos outros negócios, o namorado era um homem ocupadíssimo.

Penny sorriu. "Namorado" não era a palavra mais adequada para defini-lo, admitiu, os olhos azuis fixos no rosto marcante dele. Aos trinta e sete anos, Raul Gonzalez não tinha mais jeito para casos de inspiração adolescente.

— É por isso que gosto de você, querida... Nunca reclama — disse ele, complacente, levantando-se depois de dar-lhe um beijo longo, profundo, que a deixou sem respiração.

Lutando para recobrar o ar, Penny observou-o caminhar pelo quarto, maravilhada com a facilidade com que ele se transformava de amante apaixonado em homem de negócios. Exatamente três minutos depois Raul estava em pé ao lado da cama, elegante num terno cinza, o branco imaculado da camisa contrastando com o bronzeado da pele, uma gravata azul e prata presa ao colarinho. Ergueu o braço.

— Coloque as abotoaduras para mim, querida. — Foi o que ela fez, sorrindo com o inglês perfeito de Raul. — Obrigado. Não sei o que eu faria sem você. — Sorriu, os olhos brilhando. E, como um mágico tira um coelho da cartola, tirou do bolso uma caixinha de veludo preto. — Eu pretendia dar-lhe isto à luz de velas, num belo jantar em seu restaurante favorito às margens do rio Tâmisa, em Londres. Mas, nas atuais circunstâncias, acho melhor entregar agora. Divirta-se com ele enquanto estou fora.

Penny abaixou o olhar para que Raul não percebesse seu desapontamento. Tivera a esperança de ganhar, como presente de aniversário, uma aliança de noivado, mas uma olhadela à caixinha mostrou que se enganara. Escondendo a frustração num sorriso, pegou o presente e o abriu.

Engoliu em seco ao ver que, dentro da caixa, havia um bracelete de diamantes mais apropriado a uma rainha.

— Feliz aniversário, querida. Gostou?

— Claro! É magnífico! Obrigada — disse com suavidade. Então, entregando-lhe a jóia, pediu: —

Coloque-a para mim. — Manteve a cabeça baixa enquanto Raul prendia-lhe o bracelete no pulso. — Deve ter custado uma fortuna. Assim você me deixa mal-acostumada... — Tentou sorrir, mas evitou encará-lo porque havia lágrimas em seus olhos.

Os dedos longos de Raul levantaram-lhe o queixo.

— Essa é outra coisa que adoro em você: é uma mulher sentimental e não tem medo de mostrar isso. — A outra mão enxugou a lágrima solitária que escorria pelo rosto delicado. — Hei, garota, você merece muito mais do que isso. Afinal, é tão boa para mim...

Mas e Raul, era bom para ela? Perguntou-se Penny, odiando-se pelo pensamento desleal. Magoara-se porque ele lhe dera um bracelete em vez de oferecer uma aliança, e fora por esse motivo que chorara. Mas Raul não entendera. Não que fosse um homem insensível. Simplesmente fazia apenas aquilo que se adequava a ele e a seu agitado estilo de vida.

Penny encarou-o quando notou que a mão firme soltava seu rosto e que Raul endireitava o corpo. Mas ele não a fitava. Estava longe dali. Não como presença física, claro, mas em pensamento. Ela conhecia os sinais dessa distância. Com um franzir de sobrancelhas, ele consultou o relógio rolex, caríssimo.

— Tenho que ir. Descanse. Se eu não voltar até as oito da noite, peça para entregarem o jantar aqui na suíte — falou, como se desse uma ordem. Depois virou-se, atravessou o quarto e, com um aceno descuidado e um casual "até logo", partiu. Já nem se lembrava da existência de Penny. Toda a sua atenção estava voltada para a reunião que aconteceria em seguida.

"Descanse." Mas Penny não queria descansar. Levantou-se, o olhar fixo no bracelete de diamantes, e com um suave suspiro removeu-o, colocando-o na mesinha ao lado da cama. Depois, dirigiu-se ao banheiro.

O perfume de Raul ainda estava no ar, e ela o aspirou profundamente enquanto tirava as roupas. Amava aquele homem e tinha certeza de que era amada, ainda que nunca o tivesse ouvido dizer "eu te amo". O fato era que ele demonstrava isso de várias maneiras.

Era generoso como homem e como amante, cuidava para que não lhe faltasse nada, dava-lhe proteção e segurança. Jamais se esquecia de usar preservativos. Não estava disposto a encarar uma gravidez indesejada. Aliás, pensou ela com certa amargura, não estava disposto a nada que lembrasse compromisso, casamento.

Balançou a cabeça, como se o gesto pudesse afastar o triste pensamento. Censurou-se por ter permitido que a ideia lhe cruzasse a mente. Não devia ser ingrata só porque ele lhe dera um bracelete caro em vez de oferecer o anel de noivado que secretamente esperava.

Ela ia ligar o chuveiro quando mudou de ideia. Pegou um pote de óleo de banho, despejou metade dele na banheira, inclinou-se sobre o mármore branco e abriu as torneiras. Por que não aproveitar um pouco mais do conforto oferecido pelo hotel? Certamente tinha todo o tempo do mundo...

Ora, mas o que estava acontecendo? Qual era o problema?

Na verdade, não estava cansada, e ficar furiosa por causa de um simples aniversário era uma atitude infantil.

Endireitando-se, ela se mirou no espelho que tomava uma parede inteira do aposento. Vários meses passados num clima quente haviam ressecado ligeiramente seu cabelo louro, tornando-o mais

claro ainda. Costumava usá-lo preso ou trançado, mas, por insistência de Raul, agora deixava solto, caindo em ondas suaves pelos ombros.

Reparou nos seios firmes e altos, com algumas marcas rosadas deixadas por Raul na noite anterior. Observou também a cintura fina, o estômago baixo e a curva dos quadris. Depois, analisou as pernas longas e bem-torneadas.

Correu os dedos por entre o cabelo e prendeu-o num rabo de cavalo, revelando o belo pescoço e o queixo firme. Tinha lábios carnudos e generosos, um nariz pequeno e arrebitado olhos azuis grandes e profundos.

A pele brilhava, saudável e levemente bronzeada. Não gostava de expor-se exageradamente ao sol, mesmo porque era muito clara. No todo, tinha uma aparência interessante para seus vinte e dois anos... Não, vinte e três, completado naquele mesmo dia. Depois, com determinação, fechou a torneiras e entrou na banheira.

Mergulhou na água morna e inclinou a cabeça para trás fechando os olhos e procurando manter a mente vazia, um velho ensinamento oriental que começara a praticar havia pouco. Não sabia se uma banheira era o lugar mais apropriado para a ioga, mas isso não importava muito. Bastava que a técnica funcionasse.

Meia hora mais tarde abriu os olhos, e a temperatura da água, que esfriara rapidamente, fez com que estremecesse. Saiu da banheira depressa e entrou no chuveiro. Minutos depois, com o longo cabelo lavado, pegou uma toalha felpuda envolveu-o. Em seguida, procurou por outra, maior; desdobrou-a e leu as palavras gravadas no tecido: Hyatt Regency. Então era esse o nome do hotel onde se encontrava...

Segurou a toalha diante do corpo nu e balançou lentamente a cabeça. Aquela era uma coisa terrivelmente deprimente, concluiu com tristeza. Obrigar-se a ler a toalha de um hotel para saber onde estava... Mal podia acreditar que um dia julgara emocionante viajar para o exterior e hospedar-se em locais luxuosos só para ficar à espera de Raul...

Angustiada com o pensamento, enxugou vigorosamente o cabelo, até vê-lo cair, como uma suave cortina de seda, nos ombros.

Tratou de aplicar a maquilagem e, como usasse apenas creme hidratante, um pouco de base, uma sombra leve para os olhos e batom natural nos lábios, terminou a tarefa num instante. Colocou um vestido justo de crepe, de gola alta, simples, mas que valorizava a curva dos seios, além de deixar costas e joelhos à mostra.

Raul não gostava de minissaias e deixara claro que preferia vê-la sem esse tipo de roupa. Era um homem tradicional, conservador até, e não se importava em acompanhar as variações da moda. Parecia um pouco... ultrapassado, Penny concluiu, um tanto irritada. Balançou mais uma vez a cabeça, procurando afastar a ideia. Bastava calçar os sapatos e estaria pronta.

Preguiçosamente, atravessou a sala de estar da suíte e, cruzando as portas francesas, ganhou a varanda. Depois do ar-condicionado do interior do aposento, o calor escaldante atingiu-a com maior intensidade. Mas o panorama a fez prender a respiração.

Aquela era sua primeira visita a um país árabe. O cenário era diferente de tudo a que estava acostumada. Era magnífico. Dubai estendia-se à sua frente, branca, clara e brilhante, com construções em forma de torre e minaretes fantasticamente delicados. À distância, via-se a água azul

do Golfo.

Ela apreciou a paisagem, voltou para a suíte e pegou o folheto de informações do hotel. Sentou-se numa confortável poltrona de couro e leu com interesse a lista de bares e restaurantes da galeria de compras incorporada ao prédio. Melhor ainda: como o hotel situava-se perto do centro da cidade, ir até lá custaria apenas cinco minutos de caminhada...

O relógio marcou oito da noite e nem sinal de Raul. Penny, com um brilho determinado no olhar, pegou a bolsa, calçou sandálias e, sem parar para pensar, saiu do quarto, atravessou o corredor e foi até o elevador.

Era seu aniversário, e ela iria aproveitá-lo. Não queria jantar entre as quatro paredes da suíte. Uma bela refeição num restaurante e um passeio pela cidade soavam bem mais divertidos.

Depois de um jantar leve, e de posse de um mapa desenhado pelo recepcionista do hotel, ela saiu para o ar fresco da noite e virou à esquerda, como o rapaz lhe indicara.

Havia dado apenas dois passos quando ouviu uma porta de carro bater e uma voz chamar:

— Penélope! — Mãos firmes fecharam-se ao redor de seu braço e mantiveram-na presa. — Onde diabos pensa que vai?

Surpresa, ela olhou para Raul.

— Oh, você voltou. Eu pretendia...

— Quieta — ele disse, e foi só naquele momento que Penny viu que dois homens o acompanhavam na branca limusine.

Um deles vestia um terno de estilo ocidental e o outro, mais alto do que Raul, usava a túnica branca típica dos xeques árabes.

— Ora, ora, mas você precisa me apresentar a essa linda criatura! — disse o árabe.

— Claro, Alteza. Permita-me que lhe apresente... — Raul hesitou — ...minha acompanhante, srta. Penélope Gold. — Em seguida, fitando-a com olhos frios como aço, acrescentou: — Penny, este é o xeque Ali Ben Hammat.

Pela primeira vez Penny sentiu-se verdadeiramente embaraçada. Ficou furiosa ao ser apresentada como "acompanhante". Mas as boas maneiras fizeram com que abrisse um sorriso, enquanto via, nos olhos escuros do xeque, o brilho de um interesse sensual. Ele tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

— Encantado — murmurou. — Estou honrado em conhecer uma senhorita tão adorável. — Relutante, soltou-lhe a mão e continuou: — O Sr. Gonzalez é mesmo um homem de sorte.

— Obrigada — ela respondeu, usando todo o seu autocontrole para não gritar. Não por causa do xeque, claro, mas porque os dedos de Raul apertavam-lhe tanto o braço que ela chegou a pensar que lhe tirariam sangue.

A princípio não conseguiu entender a conversa que se seguiu entre os homens, porque eles falaram em árabe. Dez minutos depois, porém, pôde deduzir do que se tratava...

O percurso até o elevador e de lá à suíte foi feito sob um silêncio tenso. Raul só soltou o braço de Penny depois de fechar a porta. Ela se afastou, os olhos faiscando de raiva. Mas, antes que pudesse abrir a boca e exigir uma explicação para aqueles modos rudes, Raul silenciou-a com uma série de imprecações que a fizeram corar.

Ele nunca se dirigira a Penny naqueles termos. E jamais se mostrara tão irado como naquele momento. Involuntariamente, ela recuou um passo. Pôde perceber uma tensão extrema em cada linha daquele rosto, em cada parte do corpo musculoso. E sentiu-se ameaçada.

— O que diabos você achava que ia fazer? — ele perguntou, louco da vida. — Por acaso enlouqueceu?

— Eu...

Penny ia responder, mas calou-se diante do brilho perigoso que observou nos olhos do namorado. E, antes que pudesse voltar a se defender daquelas acusações, ouviu-o acrescentar:

— Olhe para você! Um vestido que revela cada curva! O que pretendia fazer? Flertar com todos os homens que encontrasse na rua? — Segurou-a pelos ombros, os dedos longos machucando a carne macia. Abaixou a cabeça para encará-la melhor. — Ou bastava um xeque?

— Não sei do que está falando! Nunca me passou pela cabeça flertar com alguém! Eu estava simplesmente saindo para um passeio e...

— Um passeio? — interrompeu ele. — Sozinha? Num país árabe? E à noite?

— Posso saber o que existe de errado nisso? — ela perguntou, já pálida, procurando assimilar as palavras ásperas que metralhavam seus ouvidos.

— Tudo! — ele respondeu, num grito áspero. — As mulheres árabes não têm permissão para sair à rua sem cobrir-se de preto dos pés à cabeça. Uma ocidental como você, sozinha e com esse vestido, seria considerada uma garota de programa! — Deu um sorriso torto. — Devia saber disso, Penny. Nem mesmo você seria tola a e se ponto.

Ela engoliu em seco, humilhada. Tola? Então Raul menosprezava assim sua inteligência?

— Se existe algum tolo aqui, é você — devolveu, sem conter a raiva. — Me obrigou a atravessar o hotel e me trouxe até aqui como se eu não passasse de um saco de batatas. Morreu de ódio só porque sorri a um homem que *você* me apresentou.

— Sorriu? Ora, seja franca. Deu mais do que isso. Lançou a ele um olhar ardente. Acaso tem ideia do que fez? Quase pôs a perder um negócio multimilionário!

— Pare de me acusar desse jeito. Até parece que não me conhece! Então não sabe que o olhar ardente foi dirigido a você? — Penny balançou a cabeça, incapaz de reconhecer naquele estranho furioso o mesmo homem com quem convivera nos últimos meses.

— Para mim? Ora, não me venha com essa! Acha que não reparei na maneira como fitou o xeque? — ele continuou, cínico. — Passei os cinco piores minutos de minha vida tentando explicar, num árabe sofrível, por que não poderia ceder-lhe minha acompanhante. Sabe o que ele queria? Que você, minha cara, fizesse parte de seu harém!

— O quê?

— Por sorte o xeque decidiu esperar até que eu me cansasse de sua companhia. Vou ter um trabalhão danado para convencê-lo a desistir da ideia. O pior de tudo é que terei que permanecer aqui mais tempo do que o previsto apenas para não ofender um homem que tem costumes diferentes dos nossos.

Sentindo-se péssima, Penny libertou-se dele e atravessou o quarto, com lágrimas nos olhos. Estava furiosa e terrivelmente ofendida. Agora sabia o que Raul pensava dela.

Virou-se e o encarou. Viu-o em pé, numa atitude agressiva. Seus olhos azuis percorreram-lhe o corpo alto e bem-feito. Amava-o, mas o xeque era um homem astuto. Notara que entre ambos havia uma tensão cuja existência ela recusava-se a admitir.

— Talvez, se você não tivesse hesitado quando me apresentou como sua *acompanhante*... — disse, enfatizando a palavra — ...o xeque houvesse percebido que não sou uma mulher de programa. Ele é um homem cosmopolita, e entende perfeitamente o inglês. Sabe que *acompanhante* significa *amante*. Não há diferença — afirmou num tom amargo, e quase riu da expressão ultrajada de Raul.

— É isso que pensa? É assim que vê nosso relacionamento? — perguntou ele, incrédulo, mas com uma autoridade ácida que exigia uma resposta.

Ela o fitou.

— Eu penso que... — Interrompeu-se. Não sabia mais o que pensar.

Quando conhecera Raul, tudo parecera perfeito. Era como se o destino tivesse tramado aquele encontro. Naquela época, trabalhava meio-período numa das filiais de uma rede farmacêutica de nível nacional.

Numa noite escura e tempestuosa, no final de janeiro, Raul entrara na loja. Levava a prescrição de um medicamento que, segundo explicara, era para a angina de sua governanta, a Sra. Grimble. A velha senhora esquecera-se de encomendá-la e não podia passar sem o remédio. Penny comovera-se com esse gesto de carinho. Sua admiração cresceu ainda mais quando ele disse que era muito perigoso, para uma jovem adorável como ela, ficar sozinha na farmácia até tarde da noite.

Começaram a conversar, e ela logo notou seu leve sotaque. Então Raul contara que era espanhol. Até hoje Penny ficava envergonhada quando se lembrava do comentário que fizera:

— Mas você é muito alto para um espanhol!

Ele rira e respondera, divertido:

— Veja o príncipe Felipe, da Espanha. Ele é mais alto do que o príncipe da Inglaterra, Charles, não é?

Então os dois riram juntos. Mas, mesmo com aquele clima descontraído, Penny recusara a carona que ele lhe oferecera para aquela mesma noite, depois que a loja fechasse. A farmácia pagava táxis para os funcionários daquele turno. Na tarde seguinte, porém, Raul aparecera e convencera-a a sair para jantar.

Fora o início daquele relacionamento. Nos dois meses seguintes, sempre que se encontrava em Londres, ele telefonava, levava-a a restaurantes, ao teatro, à ópera. Abrira um mundo de sofisticação ao qual Penny nunca aspirara. E por fim dormira com ela.

Como fui tola! Pensou Penny, fechando os olhos por um instante, enquanto as lembranças vinham-lhe à mente.

Raul fizera amor com toda a paixão e a experiência que acumulara ao longo dos anos. Deixar de ser virgem e tornar-se mulher foi para ela uma revelação, uma festa dos sentidos, uma explosão de emoções que nunca imaginara existir.

Fora a noite mais perfeita de sua vida. Na manhã seguinte, aconchegada ao calor do corpo másculo, Penny perguntara ingenuamente quando iriam se casar.

Raul tratara de desestimular a ideia, argumentando que não seria justo levá-la ao altar. Afinal, era

bem mais velho e mais experiente. Disse que ela teria que mudar sua maneira de pensar, e que a maioria das mulheres, ao ir para a cama pela primeira vez, confundia sexo com amor.

Em vez de pedi-la em casamento, Raul sugeriu-lhe que abandonasse o trabalho e fosse viver com ele. Fez com que a proposta soasse como um favor.

Penny balançou a cabeça, procurando afastar as recordações. Não pôde evitar um sorriso cínico.

— Você é uma mulher vulgar.

Ela virou-se, surpresa. O comentário ácido e injusto de Raul tirou-a do sério. Viu que os olhos escuros brilhavam de ódio, e num único passo ele a alcançou, segurando-a pelos ombros.

— Eu... — ela começou.

— Não se incomode em mentir — ele interrompeu. — Seu silêncio diz tudo — resmungou um segundo antes de cobrir os lábios dela com os seus, numa brutal paródia de um beijo de amor.

Penny ergueu os braços e colocou as mãos contra o peito largo, tentando afastá-lo. Mas Raul era muito forte. E, sentindo-lhe a resistência, envolveu-lhe a cintura, erguendo-a do chão, enquanto, com a outra mão, puxava-lhe o cabelo para trás, obrigando-a a inclinar a cabeça.

— Não, Raul — ela sussurrou quando a boca voraz deslizou para seu pescoço, enchendo-o de beijos quentes, selvagens.

Ele levantou a cabeça, o olhar implacável.

— Não? E ainda ousa dizer não? — zombou. — Para uma mulher que se julga amante, você ainda tem muito a aprender. Uma das regras é que elas nunca podem dizer não.

Penny começou a se debater, procurando soltar-se. Em vão. Raul simplesmente a colocou nos ombros e dirigiu-se ao quarto.

— Ponha-me no chão, Raul! Por favor! — ela gritava. Não permitiria que ele continuasse a tratá-la daquela maneira.

Foi jogada sobre o colchão, e a força do impacto fez com que perdesse a respiração. Encarou o homem à sua frente. Aquele era um Raul que não conhecia. Descontrolado, tinha nos lábios um arremedo irônico de sorriso, e os olhos soltavam faíscas.

Num gesto rude, ele abriu a gola do vestido, puxando-o até a cintura fina e revelando os seios. Penny tentou cobrir-se com as mãos, mas Raul as tomou, prendendo-as ao lado do corpo feminino enquanto se ajoelhava sobre ela. O olhar ardente fixou-se no busto.

— Não foi à toa que o xeque ficou tão encantado. Esse vestido e nada são a mesma coisa!

— Raul, por favor — ela tornou a murmurar, começando a temê-lo pela primeira vez.

— Então acha que eu a trato como amante, hein? Julga que a escravizo, certo? Pois está na hora de conhecer as diferenças, minha querida, doce, inocente e namoradeira Penny — disse com selvageria. Então, abaixando a cabeça, sugou, um a um, os mamilos rosados.

Penny contorceu-se e sentiu no corpo o fogo que já conhecia tão bem. Mesmo agindo daquela maneira, Raul conseguia excitá-la.

A paixão acendeu-se como um raio. Ele rapidamente tirou-lhe o vestido e a calcinha, e em segundos livrou-se da calça. Procurou os lábios macios, que se abriram para seus beijos.

O calor, o perfume viril, os músculos rijos eram poderosos afrodisíacos. Penny não podia resistir.

O sangue lhe pulsava nas veias enquanto sentia o coração dele bater cada vez mais depressa.

Desabotoou-lhe a camisa, para sentir nas mãos e nos seios a pele nua. Gemeu quando Raul novamente tomou na boca os mamilos rijos, e não opôs resistência quando percebeu que ele lhe afastava as coxas e dava início a uma penetração selvagem.

Não durou mais do que um minuto. Logo em seguida, sentiu o peso de Raul sobre o corpo e percebeu que a cabeça morena se aninhava em seus ombros.

Lutando para respirar, Penny ficou assustada com a própria falta de controle. Mas, nesse detalhe, Raul não lhe devia nada. Perdera a cabeça a ponto de esquecer-se do preservativo.

— Raul... — ela murmurou, colocando o braço em torno dos ombros largos, os dedos finos traçando um caminho entre o pescoço e o cabelo macio.

Ele virou a cabeça, afastando-se; seus olhos captaram o brilho dos diamantes, sobre a mesinha de cabeceira. Deitando-se de costas e abraçando Penny, disse com voz rouca:

— Lamento, querida. — No tom, estava patente o remorso. — É seu aniversário, e eu me esqueci completamente. Machuquei você?

— Não. Surpreendeu-me, me deixou um tanto chocada, mas... machucar? Nunca — ela assegurou, sorrindo, os olhos azuis fixos no rosto marcante, relaxado depois daquele arroubo apaixonado.

— Eu surpreendi a mim mesmo — disse ele com um sorriso seco. — Nunca imaginei que pudesse sentir tanto ciúme. Quando vi o xeque beijar sua mão, tive vontade de matá-lo.

— Seria um péssimo negócio — ela brincou, deliciando-se com o calor daqueles braços e maravilhada por saber que Raul sentira ciúme. Isso devia significar que a amava.

— Sei disso, e então a apresentei como minha acompanhante... Não foi à toa que você ficou furiosa. Eu devia ter dito que você era minha companheira. — E depositou-lhe nos lábios um beijo gentil.

— Companheira... Sim, gostei — ela murmurou, acariciando o peito bronzeado. — Se for verdade.

— Claro que é verdade. Agora e sempre — ele declarou, tomando-lhe as mãos.

Penny suspirou, feliz. Raul lhe pertencia. Por inteiro. Contemplou o corpo magnífico e riu.

— Hei, qual é a graça?

— Você reparou que ainda está de paletó, gravata e... meias?

Ele se levantou e contemplou-se. Sorriu. Olhou para Penny e levantou um dos pés, mostrando a meia. Em seguida, os dois começaram a rir, e aquele eco de felicidade se espalhou pela noite.

# Capítulo 2

— Hei, dorminhoca, você tem dez minutos para se arrumar. Penny abriu os olhos e viu Raul em pé, ao lado da cama. Espreguiçou-se e sorriu, erguendo um braço na direção dele. Então, franzindo a testa, abaixou a mão. Raul, já vestido, usava um terno sofisticado.

— Não agora, querida — ele disse com um sorriso.

— Seu desmancha prazeres — ela murmurou, escondendo-se sob as cobertas. — Pode ir trabalhar, se quiser. Quanto a mim, vou ficar mais uma hora dormindo.

— Sinto muito, mas houve uma mudança de planos.

— Como assim? — ela perguntou, surpresa, relutante em deixar o aconchego da cama.

— Vamos lá, garota, levante-se. A lua-de-mel não pode durar para sempre. Você tem uma reserva num vôo para a Espanha que vai sair daqui a setenta minutos.

— Nós vamos embora? — Penny sentou-se, os olhos sonolentos revelando curiosidade.

— Não exatamente. Preciso ficar mais alguns dias, para resolver alguns problemas. Mas você vai voltar à *hacienda*. Estará mais segura lá. Na verdade, eu não deveria tê-la trazido. Muitos homens daqui pagariam uma fortuna por alguém como você. E não posso ficar o dia todo a seu lado, bancando o guarda-costas.

Atravessou o quarto e abriu as cortinas, deixando o brilhante sol da manhã iluminar o quarto. Penny piscou, por causa da luminosidade e da expressão sombria de Raul.

— Você não está exagerando um pouco? — perguntou secamente. — Não acho justo ser expulsa assim do Hyatt Regency... — Levantou-se e, envolta no lençol, também atravessou o quarto, colocando-se ao lado dele. — De mais a mais, você prometeu que me levaria à Inglaterra — lembrou-o. — Eu já combinei...

— Agora não, querida. Não tenho tempo para discutir — ele a interrompeu. — Não quero que fique aqui. Prefiro que volte para a Espanha. Lá, Ava e Carlos poderão tomar conta de você. — Afastou-se da janela. — Seja boazinha e apresse-se. Agora você só tem oito minutos.

O patrão está mandando, pensou ela com raiva. Mesmo assim, obedeceu. Arrumou a mala em minutos, tomou um banho rápido, vestiu calça branca de algodão com frente-única azul, calçou sandálias e deu a arrumação por terminada. Em silêncio porém, remoía seu ressentimento.

Dirigiu-se à sala de estar, pronta para pedir explicações. Raul sabia muito bem que ela havia combinado encontrar a amiga Amy em Londres, no final de semana. Agora, porém, sugeria que permanecesse na Espanha e o esperasse como uma esposa submissa. E Penny nem era a esposa dele! Ah, e o que ele dissera mesmo? "A lua-de-mel não pode durar para sempre"...

Ela se deteve. Então era desse modo que Raul via os meses que haviam passado juntos? Como uma lua-de-mel? Quer dizer que sequer se dera ao trabalho de casar-se *antes* disso?

— Céus, querida, está disposta a dar algum espetáculo?

— A voz furiosa de Raul cortou o ar.

— Espetáculo? — Ela fitou-lhe a fisionomia brava. O que fizera de errado agora?

— Sem sutiã, com os braços e as costas de fora... Ainda não aprendeu que aqui as coisas são

diferentes?

Penny estudou a frente-única azul antes de voltar a olhar para o namorado.

— Aparentemente não — respondeu, e não estava se referindo às roupas.

— Não importa. Agora você não tem mais tempo para se trocar. — Tomou-a pelo braço, conduziu-a para fora da suíte e de lá para o elevador.

— Mesmo que tivesse, eu não me trocaria — ela disse, desafiadora. — Caso não tenha notado, estamos no meio de junho, a temperatura está alta aqui e estará alta em Andaluzia. Não me importo nem um pouco se as mulheres deste lugar se cobrem dos pés à cabeça. Sou inglesa e uso aquilo que melhor me aprouver.

Por mais que amasse Raul, tinha que reconhecer que às vezes ele podia ser o homem mais arrogante e chauvinista da face da Terra.

— Quer dizer então que lhe apraz ficar com os seios praticamente à mostra? — ele perguntou com um sorriso cínico.

Penny sentiu que o sangue lhe subia às faces. Só não sabia se de raiva ou de vergonha.

— Exatamente — respondeu, e virou o rosto quando ele aproximou os lábios, tomando-a pela cintura.

Não estava disposta a beijos, abraços, demonstrações de carinho. Sentia-se confusa, furiosa e desapontada.

Talvez fosse porque iria se separar de Raul por alguns dias. Os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas haviam deixado um sabor amargo em sua boca. Não gostara nem um pouco do que vislumbrara no olhar do príncipe árabe. Também não apreciara a atitude que Raul em relação a isso.

Era como se, ao pisar num país árabe, ele fosse dominado pelos hábitos de seus ancestrais mouros. Esse povo dominara o sul da Espanha por oitocentos anos, e Penny, olhando para Raul naquele momento, podia até mesmo imaginá-lo trancando-a em casa.

A residência dele, situada a oeste de Granada, fora construída no estilo mourisco. Tinha arcos graciosos e balcões elegantes, de ferro trabalhado, nas janelas. Um pátio central, abrigado do sol inclemente por velhas árvores, fazia com que aquele fosse um mundinho particular, separado da vida lá fora.

A propriedade pertencia à família Gonzalez há gerações. Era enorme, com oliveiras estendendo-se pelas planícies e subindo pelas montanhas, onde pastava o gado e corriam os cavalos, o hobby predileto de Raul. Ela amava o lugar, mas era tão isolado...

Fitou o namorado, o olhar revelando seus amargos pensamentos. Mas naquele momento as portas duplas do elevador se abriram. Raul endireitou o corpo, o rosto moreno impassível, e levou-a, através do lobby, até a rua, onde brilhava o sol forte da manhã.

Um motorista abriu a porta de uma limusine, que já se encontrava à espera. E, sem uma única palavra, Penny se acomodou no assento traseiro, ao lado de Raul.

— Suponho que terei a honra de ser acompanhada até o aeroporto — ela resmungou, ainda magoada com o fato de estar sendo despachada para a Espanha.

Um braço enorme enlaçou-a pelos ombros enquanto uma das mãos de Raul segurava-a pelo queixo, obrigando-a a fitá-lo.

— Querida, por favor, não fique brava.

Um dedo traçou o contorno da boca feminina, fazendo com que ela soltasse um suspiro resignado. Por que lutar contra ele? Amava-o. Bastava um toque, uma palavra de ternura para que se derretesse.

— Não estou brava. — Sorriu levemente. — Apenas triste. É que, desde que fui viver com você, nunca passamos uma noite separados. Vou sentir sua falta — confessou.

Raul a apertou, os olhos escuros fixos nos dela.

— Odeio ter que me afastar de você, querida. Pode acreditar. E ontem à noite não fui totalmente honesto, sabe? Sim, fiquei louco da vida com a história do xeque, mas havia algo mais. E que os problemas com esse projeto estão me deixando mal-humorado.

— Você devia ter confiado em mim. É isso que os companheiros fazem — repreendeu ela gentilmente. — Por que não divide comigo suas dificuldades profissionais?

— Era o que eu devia ter feito. Desculpe — disse ele, beijando-lhe a ponta do nariz. — É que no fundo não sei bem como me comportar num relacionamento. Passei muito tempo sozinho. Mas prometo tentar melhorar.

E abaixou a cabeça, cobrindo-lhe os lábios num beijo apaixonado. Penny aconchegou-se ao peito largo.

— Por que não me fala sobre o projeto agora? Às vezes, dividir o problema ajuda a resolvê-lo.

— Você é jovem, mas é sábia — ele murmurou. Fez uma pausa antes de prosseguir: — Eu tinha sua idade, vinte e três anos, e acabara de me formar engenheiro, especialista em desenho industrial. Pensei em trabalhar em alguma grande empresa de Granada e viver feliz na *hacienda* o resto da vida. Mas meu pai morreu. Então descobri que a propriedade estava sob hipoteca e que meu salário, por melhor que fosse, não iria salvá-la. Foi por isso que abri meu próprio negócio.

— Oh, eu não sabia. Pensei que você sempre tivesse sido rico.

— E fui... até tudo mudar. Apenas nos dez últimos anos consegui me recuperar financeiramente. E esse projeto em Dubai é meu maior investimento.

— Entendo.

— Fui eu que o desenhei. É um projeto inovador. Infelizmente, uma parte terá que ser repensada. Preciso ficar aqui e resolver o problema. Mesmo porque a recompensa, caso tudo saia bem, é astronômica. E não somente em termos financeiros, mas humanos. Lembre das milhares de pessoas que morrem todo ano na África por causa da seca. Muitas delas têm o mar à disposição, mas não sabem como utilizá-lo.

— Tem razão. Se esses povos pudessem contar com uma tecnologia avançada, talvez o problema se resolvesse.

— Exatamente. Dimensionei o projeto não apenas para o Oriente Médio, mas para todas as áreas costeiras do mundo que enfrentem problemas com o fornecimento de água. Incluindo o meu país.

Penny estava perplexa. Aquele era um Raul que ainda não conhecia, falando sobre sua vida e seu trabalho, coisas que nunca havia feito até então. Ela se impressionou com tamanha responsabilidade, e ficou comovida com o fato de ele confiar-lhe assuntos tão íntimos. Parecia que aquilo marcava

uma nova fase no relacionamento, mais profunda.

— Por isso, querida, por mais que queira estar a seu lado, não devo. Para ser honesto, não posso me distrair. — Levou a mão a um dos seios dela, apertando-o. Penny estremeceu de prazer. — E você, meu amor, é minha maior distração — sussurrou com voz rouca. — Se eu souber que estará em casa, à minha espera, terei estímulo para trabalhar ainda mais. Para poder voltar depressa.

Foi a vez de Penny procurar os lábios de Raul.

— Compreendo, querido, e vou contar os dias que faltam para vê-lo de novo.

Ele a abraçou com força e beijou-a mais uma vez.

— Quanto a mim, vou contar as noites. Sabe, querida, você pode me pedir qualquer coisa, mas qualquer coisa mesmo. Tenha certeza de que moverei céus e terras para conseguir.

Penny não poderia esperar por maior declaração de amor. Com essas palavras no coração e o calor dos lábios de Raul na boca, quinze minutos mais tarde entrava na sala de espera do aeroporto. Confiava cada vez mais naquele amor. Há duas semanas sequer poderia imaginar que estaria vivendo um sonho tão bonito.

Lentamente, Penny abriu os olhos. Seu sono fora agitado, e o corpo ansiava por Raul. Passara a noite sozinha na cama enorme, de quatro colunas. Olhou para o fino lençol que cobria seu corpo nu e suspirou, desejando, pela enésima vez, que seu amor voltasse logo.

Abriu a boca e espreguiçou-se. Então, devagar, saiu da cama, apoiando as pernas longas no chão. Os poucos dias que Raul passaria em Dubai haviam se transformado em duas semanas. Por mais que gostasse da *hacienda,* permanecer lá sem fazer nada começava a aborrecê-la. Chegara à conclusão de que não conseguia viver sem ter alguma atividade.

Um suspiro profundo escapou de seus lábios. Ela se sentou por um momento. Puxou o cabelo para trás e olhou pela janela. Teria pela frente outro dia muito quente. Seu corpo ardia. Mas por causa de outro tipo de calor.

Bem, disse a si mesma, vamos ao café da manhã e em seguida aos estábulos, para uma longa cavalgada em Daisy, a égua árabe. Fora um presente de Raul, na primeira vez em que estiveram juntos na Espanha. Depois, o almoço, um pouco de natação...

Ora, a quem tentava enganar? Vinha fazendo as mesmas coisas há semanas, e cansara-se daquela rotina.

O que sua mãe diria, pensou, se visse a filha posando de madame às custas de um homem rico? Seus olhos azuis encheram-se de lágrimas. No fundo de seu ser, conhecia a resposta, e isso não lhe trazia nenhuma alegria.

Seus pais haviam sido maravilhosos. Talvez tolerassem seu atual estilo de vida porque a amavam muito, mas nunca o aprovariam. Nem em um milhão de anos.

Seus pensamentos voltaram ao passado. Como filha adorada de um médico de Sussex, tivera uma existência feliz e tranquila até o momento em que o pai sofrera um acidente fatal, a caminho de um chamado noturno de emergência. Depois disso, aproximara-se ainda mais da mãe, e as duas, apoiando uma à outra, tocaram a vida.

Aos dezessete anos, porém, recebeu um golpe duro: soube que a mãe tinha câncer. Forte como era, porém, Emily Gold não se deixou abater. Insistiu para que a filha continuasse estudando e

prestasse os exames para a faculdade de medicina. Na época, Penny decidira seguir os passos do pai.

Talvez pela preocupação com a mãe, talvez por não estar suficientemente preparada, o fato foi que ela não consegui uma boa colocação nos exames. E não pôde cursar a faculdade

O dono da farmácia local, onde Penny trabalhava desde os quinze anos, permitiu-lhe fazer apenas meio-período, o seja, vinte horas por semana. Assim, ela pôde passar o ano todo cuidando da mãe. Então, quando finalmente Emily faleceu, a empresa propôs custear-lhe a faculdade de farmácia.

Com certa relutância, Penny vendeu a casa da família, comprou um pequeno apartamento em Londres e voltou a estudar.

Um sorriso acompanhou-lhe as lembranças. Logo nos primeiros dias conhecera Amy, órfã como ela, e que procurava acomodação. As duas acabaram dividindo o apartamento, no qual Amy ainda vivia. E isso a fazia recordar-se de que...

Penny levantou-se e foi ao banheiro da suíte. Precisava telefonar para a amiga. Desde que chegara à Espanha só falara com ela uma vez, para desculpar-se por não ter podido ir a Londres.

Raul, por outro lado, ligava todas as noites. Mas Penny não sabia se gostava do efeito daqueles telefonemas. Pensou, ao abrir o chuveiro, que invariavelmente desligava o aparelho com saudade e muita vontade de estar com ele. Acostumara-se a tomar banhos frios depois dessas conversas, na esperança de que a ajudassem a acalmar-se, mas não funcionava. Quem fora o idiota que dissera que banhos frios curavam a frustração e a solidão?

Meia hora mais tarde, depois de uma rápida xícara de café, Penny cavalgava com Daisy pela trilha poeirenta que levava a seu recanto predileto, um bosque repleto de laranjeiras e limoeiros, plantados por quem um dia vivera na casinha, hoje em ruínas, localizada a um canto do pomar. Um riachinho estreito, quase seco por causa do calor, corria a dez passos da construção.

Ela ficou por ali algum tempo, refrescando-se à sombra. Depois retornou para a *hacienda,* escovou a égua, alimentou-a e voltou para a casa.

— Descerei daqui a cinco minutos — disse a Ava, em espanhol, antes de subir a larga escadaria de mármore.

Uma das coisas positivas de seu relacionamento com Raul era poder falar o espanhol, língua que estudara na escola. E fora com prazer que percebera ter o sotaque melodioso que o idioma exigia.

Entrou no chuveiro, tomou um banho rápido, enxugou-se. Vestiu short de algodão branco e uma camisa também branca, que amarrou na cintura. Calçou sandálias brancas de couro e saiu do quarto.

O barulho da campainha fez com que hesitasse por um segundo, no topo da escada. Nas ocasiões em que estivera na propriedade, haviam sido poucas as visitas. Além disso, eram todos conhecidos de Raul. Por esse motivo, ela franziu a testa, intrigada. Quem poderia ser?

Ouviu a voz antes de avistar a recém-chegada. E sabia o bastante de espanhol para entender o que dizia.

— Por Deus, achei que Raul já tivesse demitido você e aquele seu marido inútil, Ava. Diga a seu patrão que estou aqui e sirva-me um drinque. Estarei no salão.

Penny correu escada abaixo a tempo de ver a cena. Ava, em pé junto à porta aberta, tinha a fisionomia surpresa e desgostosa enquanto seus velhos olhos fitavam, horrorizados, a moça que

àquele momento passava por ela.

Do tipo *mignon,* morena, a desconhecida parecia saída da revista *Vogue*. Do cabelo preto impecável aos elegantes sapatos de salto alto, cujo som ecoava no hall a cada passo, revelava-se uma mulher bem-sucedida.

— Posso ajudá-la? — perguntou Penny num tom seco, parando em frente à moça, que aparentava ter mais de trinta anos.

— Duvido muito. Vim visitar Raul. Agora saia do caminho e diga àquela velha estúpida que me traga logo um copo de vinho branco.

A raiva fez o rosto de Penny corar. Nunca na vida conhecera uma pessoa tão desagradável e arrogante, que agia sem pensar nas consequências.

— Raul não está e tão cedo não voltará. Na ausência dele, a responsável pela casa sou eu. Assim, sugiro que vá embora agora mesmo. Ava, a governanta, não foi contratada para ouvir insultos de hóspedes indesejados.

— Como se atreve a falar assim comigo? Sou Dulciana Maria Costas, filha de um ministro do governo!

— Bem, acredito que seu pai deva ter-lhe ensinado boas maneiras. Agora, se não se importa, Ava irá acompanhá-la até lá fora.

O rosto maquilado com capricho fez uma careta irada.

— Raul vai saber disso, sua inglesinha vulgar! Já ouvi falar a seu respeito... E a mais nova amante de Raul, não é mesmo? Quando ele souber que voltei, não vai mais precisar dos seus... serviços. Juro.

Penny ficou branca e voltou a corar. Sentia um misto de raiva e embaraço.

— Saia — sussurrou, procurando controlar-se.

— Vou sair. Mas voltarei. Quanto a você, se tiver bom senso, ouvirá meu conselho: faça um favor a si mesma e caia fora dessa situação humilhante. — Em seguida, girando nos calcanhares, a arrogante Dulciana Maria Costas dirigiu-se à porta da frente da casa.

Penny sentou-se ao pé da escada. Tremia tanto que as pernas mal conseguiam suportar-lhe o peso.

— Quem é essa mulher? — perguntou, olhando para a governanta.

— Como ela mesma disse, filha de um ministro. Que, por acaso, também é proprietário da *hacienda* vizinha.

Penny ergueu-se.

— Sei... Então acabo de insultar nossa vizinha. — Sorriu e avistou no olhar de Ava um traço de simpatia.

— Fiquei feliz ao ver que você saiu em minha defesa, mas, pelo seu próprio bem, acho que não devia ter agido assim. Dulcie Costas tem um gênio difícil.

— Ela não pode fazer nada contra mim — disse Penny, sem muita segurança.

— Não estou certa disso — Ava respondeu, com um gesto da cabeça grisalha. — Venha. — Conduziu Penny a uma porta aberta, a um canto do hall, atravessou com ela a esplêndida sala de jantar e saiu para o pátio. — Servi o almoço aqui fora. Enquanto você come, eu explico.

— Explica o quê? — quis saber Penny, sentando-se numa cadeira de ferro junto à belíssima mesinha trabalhada. Admirando as saladas e as carnes, lembrou-se de como estava faminta. Colocou frango, batatas e alface crespa no prato. — Sente-se, Ava, e coma. Já lhe pedi que almoçasse quando tivesse fome. Não precisa esperar por mim. Ava suspirou.

— Está bem. Mas só dessa vez. — E, puxando a outra cadeira, acomodou-se.

— E então, que mistério envolve Dulcie?

— Em primeiro lugar, quero me desculpar. Porque desaprovei o fato de o Sr. Raul tê-la trazido. Ele nunca havia feito isso. Sou velha, você sabe. Essas coisas modernas me assustam. Mas logo percebi que vocês dois estavam apaixonados. Penso que vão se casar e que a *hacienda* vai ouvir de novo o som de vozes e risos infantis.

— Espero que tenha razão. Sinceramente — disse Penny, corando, deliciada com as palavras da governanta.

— Nunca vi o patrão tão feliz. E olhe que o conheço desde bebezinho. Se ele tem um defeito, é o de recear assumir um compromisso mais sério com uma mulher. Não costumo comentar essas coisas, mas acho que você deve saber por que ele é assim.

Penny parou de comer. Pegou a garrafa de vinho branco, encheu um copo e levou-o aos lábios, sorvendo um gole, o olhar fixo em Ava.

— Continue — pediu gentilmente.

— Raul tinha oito anos quando sua mãe fugiu com um americano. O Sr. Gonzalez ficou arrasado e nunca mais se recuperou. O pobre menino não entendia o que acontecera, nem por que sua mãe não voltava para vê-lo. Fiz o que pude para dar-lhe amor, evitar que sentisse muito a falta dela, mas ele cresceu com essa dor. Quando adolescente, era muito amargo. O pai não ajudou em nada, pois criticava todas as mulheres. Em especial a ex-esposa.

— Oh! Que história triste...

— É verdade, mas o pior ainda estava por acontecer. Você viu Dulcie e percebeu que tipo de mulher ela é. Pois bem, como as duas famílias sempre foram vizinhas, inevitavelmente Dulcie se tornou "amiga" do Sr. Raul. Quando, ele foi estudar nos Estados Unidos, os dois trocavam cartas, e às vezes se encontravam.

— Compreendo.

— Isso caiu como uma luva para os pais, que logo trataram de anunciar o noivado de ambos. Mas tenho minhas dúvidas. Ela foi mimada demais por um pai super-indulgente. Enquanto o Sr. Raul estudava, Dulcie viajava para Roma, Paris... qualquer lugar onde houvesse homens e dinheiro. Os boatos eram frequentes, mas o Sr. Raul nunca suspeitou de nada.

Penny entendeu tudo. Raul havia sido noivo da moça que ela expulsara da casa. Mal conseguiu acreditar nisso. Então ele amara aquela bruxa e nunca lhe dissera nada? Por quê?

— E depois, Ava?

— A data do casamento já havia sido marcada quando o Sr. Gonzalez morreu. Daí, tudo mudou. Dulcie descobriu que ele deixara uma dívida imensa e que o futuro marido não teria como sustentar sua vida extravagante. Um mês antes da cerimônia, ela viajou com um colombiano endinheirado.

— Que horror!

— Mas ele a trocou por uma modelo mais jovem e mais bonita, de modo que Dulcie voltou para a Espanha dois dias depois. Só estou lhe contando isso para que fique atenta. O patrão a ama e vai se casar com você, tenho certeza. Mas tome cuidado com Dulcie. É diabólica e inteligente. Perto do Sr. Raul, mostra-se doce e inocente, mas longe dele trata mal todo mundo.

Penny imaginou Raul junto com aquela mulher arrogante. Foi tomada pelo ciúme ao pensar que haviam feito amor. Sabia que isso era ridículo, mas não conseguia evitar. Forçou um sorriso.

— Não se preocupe, Ava. Raul está mais maduro, mais sábio. Jamais seria enganado uma segunda vez e...

— Então é assim que as minhas duas mulheres favoritas Passam o tempo quando não estou em casa, hein? — A voz grave e profunda soou às costas das duas. — Bebem vinho e fofocam...

Penny virou-se. Raul, encostado na soleira da sala de jantar, com a camisa branca aberta no colarinho, sorria. Ela levantou-se num salto e atirou-se nos braços dele.

— Que bom que você voltou! Por que não me disse nada?

— Eu queria fazer uma surpresa, querida — murmurou enquanto seus lábios buscavam os dela para um beijo apaixonado.

# Capítulo 3

O beijo foi tão devastador que Penny esqueceu-se até de onde estava. Deslizou as mãos para dentro da camisa de seda, procurando a pele macia, enquanto ele a abraçava com força.

— Céus — murmurou Raul, com um olhar apaixonado. — Que maravilhosas boas-vindas! Significam que sentiu saudade, não é?

— A cada minuto — ela respondeu, um sorriso brilhante no rosto.

— E sentiu falta de mais alguém?

— Não. Só de você. — Colocou-se nas pontas dos pés para beijá-lo. Mas então as mãos fortes seguraram-na pelos ombros, mantendo-a a distância. — Raul? — sussurrou, notando que o olhar escuro avaliava cada pedacinho de seu corpo.

— Tem certeza? — ele perguntou, com um sorriso cínico.

— Claro que tenho! — ela respondeu, enfática. Então ele não sabia quanto sentira saudade, quanto o amava? — Por que isso agora? Há algo errado? — indagou, abrindo-lhe os botões da camisa.

— Oh, não. Nada. Mas, a não ser que você queira deixar Ava chocada, é melhor soltar esses botões. Não que eu me importe, claro...

Penny, que se esquecera da presença da governanta, olhou por sobre o ombro para vê-la em pé junto à mesinha, os olhos baixos.

— Acho que tem razão. Não precisamos ofender a sensibilidade de ninguém... — disse, aliviada por saber que o comportamento de Raul se devia à presença da governanta.

Penny abriu os olhos e bocejou. O sol estava se pondo, e os últimos raios davam ao quarto um aconchegante tom rosado. Virou-se e sorriu ao perceber que Raul dormia a seu lado. De olhos fechados, ele parecia jovem e quase vulnerável.

Vê-lo daquele modo a fez tremer de paixão. Com um dedo, ela traçou a linha dos ombros e do peito largo. Era maravilhoso tê-lo de volta, sentir o calor daquele corpo. Ergueu a cabeça e beijou-o suavemente.

— Comporte-se, garota. — A mão forte segurou-lhe o pulso, detendo-a. — Você é mesmo insaciável, não? Quando a levei para a cama pela primeira vez, sequer podia imaginar que havia uma tigresa adormecida aí dentro.

— Tigresa, é? E quanto a você? Vai me dizer que não é também um tigre?

— Grr! — ele brincou, abraçando-a. — Só a seu lado, querida. Quer saber de uma coisa? Adoro você.

— Também adoro você — ela respondeu, aconchegando-se. Ele sorriu.

— Juro que gostaria de ficar mais tempo aqui, mas tenho trabalho a fazer. Ah, sim: e vou levá-la a Londres no fim de semana.

— Vai mesmo?

— Claro. Não cumpri essa promessa ainda, lembra? E sou um homem de palavra — ele disse,

levantando-se.

Penny o fitou. Amava-o mais do que a própria vida. Como pudera ter se sentido aborrecida? Passaria o resto de seus dias à espera daquele homem, se necessário. Sabia que era amada. Ava estava certa. O casamento era apenas uma questão de tempo.

Nos dias que se seguiram, Penny chegou à conclusão de que a vida era perfeita. Os dois tomavam o café da manhã juntos, no pátio; depois Raul se trancava no escritório e lá permanecia a manhã inteira. Após o almoço, no entanto, era todo dela.

Passaram uma tarde inteira na velha cidade de Granada, aos pés de Sierra Nevada. Caminharam de mãos dadas pelo palácio de Alhambra, construído pelos mouros séculos atrás.

Penny admirara, fascinada, o luxo do lugar. As paredes cobertas de afrescos, o mármore branco, os vidros coloridos e os tetos de cedro com desenhos representando o paraíso quase a convenceram de que estava mesmo nos céus.

Depois, compartilhando com Raul um piquenique nos jardins onde o barulho da água das fontes criava uma atmosfera relaxante e onírica, ela realmente acreditou que se encontrava no paraíso.

Feliz, cantarolando uma canção, Penny desceu a grande escadaria de mármore. Terminara de preparar a bagagem. Às nove horas da manhã seguinte estaria num vôo para Alicante. De lá, seguiria para Londres, aonde chegaria na hora do almoço. Já telefonara a Amy e marcara um encontro no domingo, para pôr as novidades em dia.

Usava um vestido de seda verde, simples, que caía justo, em seu corpo. Seguro por alcinhas finas, ficava acima dos joelhos, revelando parte das pernas bem torneadas. Nos pés, calçava delicadas sandálias em tons de ouro.

Deixara o longo cabelo loiro solto, porque sabia que Raul os preferia assim. Mas nem fazia ideia de como estava bonita. A chama do amor que ardia em seu íntimo fazia com que sua beleza brilhasse. Os lábios corados nem precisavam de batom, e os olhos azuis mostravam a felicidade de uma mulher que se sabe amada.

— Penélope? — A voz era áspera.

Ela hesitou e parou no penúltimo degrau, o coração acelerado. Raul, parado junto à porta aberta, vestia um elegante terno escuro, e a claridade formava um halo a seu redor. Parecia um deus. Ou a encarnação do demônio.

— Oh, você voltou mais cedo — ela comentou, caminhando na direção dele com um sorriso.

— Cedo? Oh, não. Eu diria que voltei tarde demais para detê-la.

— Deter-me? — Ela balançou a cabeça, confusa. De que ele estava falando? Notou-lhe a fisionomia estranha e estremeceu.

— Não banque a inocente comigo. Tenho experiência suficiente para não ser enganado. — A dureza daquela voz atingiu-a como um tapa.

— O que houve, afinal?

— Quero falar com você no escritório. Agora.

Penny o seguiu. Ao observar a tensão nos ombros largos, tremeu. Alguma coisa o incomodava. Mas... o quê?

Mal entrara no escritório quando ele fechou a porta com um estrondo e virou-se, apoiando uma

das mãos na pesada peça de madeira e fitando-lhe a expressão confusa. Nem parecia o mesmo homem carinhoso de horas atrás. Nos olhos escuros brilhava um traço ameaçador.

— Que diabos você andou fazendo? — ele perguntou num tom gelado.

— Arrumando a bagagem. Por quê?

— Não se faça de desentendida. Isso não combina com você. Pressionada contra a porta, com o corpo masculino inclinado sobre o seu, Penny umedeceu os lábios secos.

— Não sei de que está falando.

— Quem lhe deu o direito de insultar meus vizinhos e expulsar desta casa uma amiga minha?

— Eu...

Ela sentiu o sangue fugir-lhe das faces. Fitou-o, desanimada. O choque de estar sendo acusada daquela maneira pelo homem que amava deixava-a tonta.

— Como se atreveu a isso? — Um sorriso cruel apareceu nos lábios de Raul. — Com que autoridade decidiu agir assim?

*Com que autoridade.* Essas palavras ecoaram em seus ouvidos. Ela e Raul eram amantes, companheiros... Ou ao menos parecia ser assim. Com certeza a ideia que ele fazia de um relacionamento era diferente.

A raiva a tomou por inteiro. Que ousadia a de Raul, de tratá-la daquele jeito horrível, como se ela não fosse nada além de uma serva naquela casa... Tinha que reagir. Não poderia permitir que ele a intimidasse de novo. Endireitou o corpo e fitou os olhos escuros.

— Bem, imaginei que fossemos parceiros, e que na sua ausência eu poderia cuidar da casa como se fosse minha — disse, a frieza da voz contrastando com a tensão. — Se entendi errado, peço desculpas.

O rosto moreno ficou ainda mais sombrio.

— Tudo bem, mas isso não lhe dá o direito de insultar os vizinhos. — Atravessou a sala e depois voltou-se para fitá-la, passando a mão no cabelo num gesto de frustração. — É a Dulcie que você deve desculpas, não a mim.

— Oh, presumo que esteja se referindo àquela mulher desagradável, Dulciana Maria Costas. Ela entrou nesta casa e humilhou a pobre Ava. Pedi-lhe que fosse embora, como qualquer pessoa de bom senso teria feito. Se acha que vou pedir-lhe desculpas, esqueça — disse, no olhar um desafio, os braços cruzados sobre o peito.

Os lábios de Raul formaram uma linha fina.

— Dulcie não fala inglês. Você não poderia ter entendido o que ela dizia.

— Lembre-se de que meu espanhol é bom. Entendi cada palavra.

— Pois deve ter entendido errado. Conheço Dulcie desde menina. Ao contrário do que você faz, ela não costuma insultar as pessoas.

— Não fale assim comigo. Acaso deixou de ter escrúpulos? Embora o tom tivesse soado firme, no fundo Penny sentia-se profundamente magoada. Agindo daquela maneira, Raul demonstrava não lhe ter o menor respeito. Piscou, para conter as lágrimas, incerta sobre se eram de dor ou raiva.

Balançou a cabeça, incrédula com aquilo tudo, e fitou Raul como se nunca o tivesse visto.

— Como pode confiar mais na palavra de uma ex-noiva que não vê há anos do que na minha?

— E, vejo que Ava andou soltando a língua... Eu devia ter adivinhado. Você viu em Dulcie uma rival e resolveu ofendê-la. Sinceramente, que coisa mais infantil!

Ele não podia ter dito nada pior. Infantil? E ciumenta?

— Não seja tolo. Naquele momento eu sequer sabia que aquela mulher fora sua noiva. Você nunca me falou nela — devolveu Penny, tensa com aquela situação ultrajante e profundamente ferida.

— Meus relacionamentos passados não são da sua conta — ele respondeu com voz gelada. — Só o presente lhe diz respeito. De mais a mais, o *senõr* Costas e Dulcie devem chegar daqui a meia hora, para o jantar.

Penny ficou boquiaberta.

— Você convidou aquela... — Não conseguiu completar a frase. Estava tão furiosa que não foi capaz de ordenar os pensamentos.

— Convidei. E espero que você peça desculpas por seu comportamento inoportuno. Pretendo que essa seja uma refeição civilizada.

Penny notou-lhe a expressão implacável e prendeu a respiração. Lentamente, caminhou até ele, o rosto vermelho, tremendo de raiva. Percebeu arrogância no porte masculino. Raul mantinha as mãos nos bolsos da calça, como se nada estivesse fazendo de errado.

Senhor da situação e da casa, exalava uma aura de poder que não podia ser ignorada. Pela primeira vez, Penny recusou-se a sucumbir ao apelo sensual daquela presença viril. Deteve-se a alguns centímetros dele e deliberadamente elevou o olhar até o rosto duro.

— Pedir desculpas, eu? Só se for por cima do meu cadáver — disse, enfatizando cada palavra. — Eu não me desculparia com aquela mulher nem para salvar minha vida.

Raul deu de ombros.

— É o que vamos ver. Lançou-lhe um sorriso condescendente. — Não vou levar em consideração o que disse. Você está emocionalmente abalada. — Tirou as mãos dos bolsos e deslizou um dedo pelo rosto corado de Penny. — Preciso me trocar. Continuaremos essa conversa mais tarde.

— Não há mais o que dizer.

Ele ignorou o comentário.

— É melhor você vestir algo mais apropriado. — Seu olhar passeou até o decote, que revelava parte do busto. — Algo mais decente, que cubra *isto* — acrescentou, traçando com a mão a linha do seios.

— Não vou me trocar. Não quero.

— Ahá! Então a tigresa finalmente decidiu mostrar as garras, hein? — ele zombou, deslizando a mão para dentro do fino tecido e tocando os mamilos rosados. Ela estremeceu ao toque e Raul soltou uma risada, ciente de que a excitava. — Não tente me desafiar, querida. Você nunca poderá me vencer. — Tornou a colocar as mãos nos bolsos. — Recuso-me a discutir esse assunto. Estamos perdendo tempo. Diga a Ava para servir o jantar para quatro.

Em seguida, com ar triunfal, passou por ela e saiu do escritório.

Trêmula e fragilizada, Penny o observou partir. Então ele achava que podia vencê-la sempre... Que bastava um toque para que ela se derretesse...

Não dessa vez, pensou com determinação. Já havia virado as costas a muitos de seus valores morais ao aceitar aquela vida com Raul. Não permitiria que seu orgulho e sua dignidade fossem massacrados por um pedido de desculpas que não devia a ninguém.

Penny olhava o próprio reflexo no espelho. Nada mau, disse a si mesma com firmeza. O vermelho em torno dos olhos, resultado das lágrimas que derramara durante o banho, estava bem disfarçado sob a maquilagem. Ainda bem que deixara suas roupas no quarto de hóspedes. Sentia-se grata por aquela privacidade.

Ouviu a campainha soar e levantou-se lentamente. Alisou a seda azul e sorriu. O vestido, sério, tinha mangas longas, que lhe alcançavam os punhos, e a saia cobria-lhe os pés.

Virou as costas para o espelho e, por sobre o ombro, avaliou o modelo, fechado até o pescoço. Levou uma das mãos à cabeça e ajeitou uma mecha loira. Havia prendido o cabelo num coque suave. Alguns fios pendiam-lhe pelo pescoço, pelas faces.

Com seus sapatos de salto alto, saiu do quarto. Ninguém mais lhe diria o que fazer. *Nada de minissaias. Roupas severas. Desculpas.* Mostraria quem era, pensou com determinação. Não seria intimidada nem por ele nem por ninguém. Nunca mais.

O jantar foi um desastre. O *senõr* Costas, um moreno baixinho e gordo, mais parecia um devasso.

— Você já conhece Dulcie, Penny. Agora eu lhe apresento o pai dela, o ministro do meio ambiente — dissera Raul, empurrando-a disfarçadamente na direção do homenzinho.

Ela estendeu a mão e o ministro imediatamente levou-a aos lábios, depositando ali um beijo molhado. A língua áspera, ao tocar-lhe a pele, fez com que Penny sentisse nojo. Ela tentou libertar-se, mas o homem a reteve por muito tempo. Arriscou um olhar a Raul e arrependeu-se por ter feito isso. Ele estava furioso.

— Você tem sorte, meu caro, por contar com uma acompanhante tão bela — disse o Sr. Costas, fazendo Penny corar.

Ela se virou para Raul, o rosto afogueado. Ele afagou-lhe ligeiramente as costas, num gesto de conforto, mas os olhos escuros permaneceram distantes.

— Sei disso, Miguel. Penny é...

Antes que pudesse terminar a frase, porém, Dulcie cortou:

— Francamente, papai, isso não foi gentil de sua parte — disse com fingida pureza. Depois, segurando o braço de Raul, dirigiu-se à sala de jantar. — Oh, querido, estou faminta. Não vejo a hora de provar a deliciosa comida de Ava.

Penny engoliu em seco diante de tamanha hipocrisia. Relutante, aceitou o braço que Miguel Costas lhe oferecia e seguiu-os.

Seus olhos azuis brilharam de raiva enquanto Raul caminhava para a cabeceira da mesa, todo atenções à outra. Falavam, riam, divertiam-se. Num certo momento, fitou Penny, e em seu olhar havia um alerta. Ela se sentiu magoada.

Mas o pior estava por vir. Dulcie sentou-se à direita do anfitrião; Penny ficou à esquerda, com Miguel Costas a seu lado.

As duas horas seguintes foram de pura agonia. O velho flertava abertamente com ela, além de fazer perguntas, sobre sua família e o futuro, às quais ela achava quase impossível responder. Além disso, Dulcie monopolizou completamente a atenção de Raul.

Por fim, quando Ava levou embora os pratos e o *señõr* Costas tentou colocar as mãos nas pernas de Penny pela terceira vez, ela perdeu a paciência e deu um pontapé na canela do velho, por baixo da mesa. Ele gritou; Penny escondeu o sorriso levando as mãos à boca, fingindo tossir. O homenzinho finalmente tinha o que merecia.

Raul pousou o olhar em Penny e depois no ministro.

— Está tudo bem, Miguel? — perguntou, solícito.

— Oh, claro, meu rapaz. Ava superou a si mesma. A refeição estava excelente.

— É bom saber que você apreciou o jantar — disse Raul, os olhos estreitados fixos no rosto corado da namorada. — Quanto a você, Penny... espero que não esteja se sentindo embaraçada com o fato de conversarmos em espanhol.

Tarde demais para a lamentação. Ele a ignorara o tempo todo.

— Claro que não. — Devolveu-lhe o olhar altivo. — Conheço bem o idioma.

— É adorável saber que você fala espanhol — comentou Dulcie. Depois, fitando Raul, acrescentou: — Mas querido, você devia ter dito à pobre moça que ela tem um sotaque camponês... Bem, provavelmente isso se deve às fofocas que troca com Ava.

— Eu gosto do sotaque de Penny — respondeu Raul secamente.

Ela sentiu-se intimamente recompensada. Ao menos o namorado a defendia em alguma coisa...

— Você é muito gentil, querido — tornou Dulcie em tom suave. — Sempre amei esse lado de sua personalidade. Se meu ex-marido tivesse metade da sua sensibilidade, talvez eu não o tivesse deixado. Ele era um bruto — murmurou, sorvendo um gole de vinho tinto e sorrindo. Então, pousou o olhar maldoso em Penny e acrescentou: — Você é uma garota de sorte por ter Raul como... — fez uma pausa deliberada — ...*amigo.* Quanto a mim, não tenho nenhum. Fui obrigada a escapar de meu ex-marido por conta própria. Penny ficou lívida. Já estava farta de tantos insultos.

— É mesmo? Pois, pelo que eu soube, ele a trocou por alguém mais jovem...

— Penélope! — interveio Raul, num tom ríspido. — Não acho que o casamento de Dulcie esteja em discussão nesta mesa.

— Oh, mas não fui eu que falei nisso. Foi ela — devolveu Penny, com um sorriso.

— Ora, querido, eu não me importo — disse Dulcie, com falsa suavidade. — É duro admitir que cometemos erros. Mas quando se chega a essa conclusão... — inclinou a cabeça na direção de Penny — ...o melhor a fazer é partir. — Depois, mudando de expressão, fitou Raul. — Concorda?

— Sim, claro. — Ele lançou à namorada um olhar ameaçador e sorriu para Dulcie, dando-lhe tapinhas confortadores nas mãos.

Penny ficou ainda mais vermelha. Era tranquila por natureza, mas aquela mulher a tirava do sério. Então, forçando um sorriso, encarou-a.

— Mas não é difícil separar-se quando se tem filhos? Ela sabia muito bem que Dulcie não formara família, não podia ter filhos, mas fez questão de alfinetá-la. Se aqueles dois, pai e filha, eram uma amostra dos amigos de Raul, preferia não conhecer nenhum deles.

Raul segurou-a pelo pulso, fingindo um gesto de ternura. Mas seus dedos apertaram-na com força, demonstrando raiva. Penny não se importou. Simplesmente o ignorou. Tomou um longo gole de vinho e concentrou as falsas simpatias em Dulcie.

— Ainda bem que decidi não ter filhos logo — disse a mulher num tom dramático. — Agora vejo que foi uma decisão acertada. — Pousou os enormes olhos escuros em Raul. — Sei que concorda comigo, querido.

Penny teria adorado ouvir a resposta, mas naquele momento Ava entrou com a sobremesa: uma pirâmide de *profiteroles,* coberta de chocolate e decorada com morangos.

Miguel Costas aplaudiu, deliciado, bancando o diplomata. Os outros fizeram o mesmo, de modo que Penny se viu livre da mão de ferro de Raul. Então o ministro começou a perguntar sobre Dubai, e a conversa passou a girar em torno de negócios.

Penny estava começando a pensar que atravessara o jantar sem maiores problemas quando, terminada a sobremesa, Dulcie pôs as manguinhas de fora mais uma vez.

— Foi uma refeição e tanto, Raul. Não posso expressar como estou feliz por ter retomado nossa velha amizade... Especialmente depois do pequeno desentendimento de dias atrás. — Novamente pousou o olhar em Penny.

Raul fitou a namorada, numa ordem silenciosa. Ela manteve o olhar, desafiadora. Não faria nenhum comentário sobre a frase maldosa de Dulcie.

Raul estreitou os lábios e, virando-se para a ex-noiva, disse:

— Penny não sabia quem você era, e depois ficou sinceramente arrependida. — Em seguida encarou a namorada. — Não é mesmo, querida?

O silêncio reinou por um longo, tenso momento. Penny contemplou cada um dos presentes, que aguardavam uma resposta. Depois, devagar, levantou-se.

— Desculpem, por favor... — Viu um brilho de triunfo nos olhos de Raul e de Dulcie. Ambos haviam pensado que ela iria realmente se desculpar. Bem, ficariam chocados quando notassem que não se tratava disso, pensou, e, forçando um sorriso, acrescentou: — Como eu disse, desculpem-me, mas preciso me retirar. Estou muito cansada. Mas não interrompam o encontro por minha causa. Tenho certeza de que vocês têm muito a conversar.

Reparou, com o canto do olho, que Raul começava a erguer-se, rígido de raiva. Então antecipou-se ao comentário que ele pretendia fazer:

— Oh, não é preciso me acompanhar, obrigada. Pedirei a Ava que sirva o café. — Recolocando a cadeira junto à mesa, acrescentou: — Boa noite, *señor* Costas, Dulcie. — E, dando-lhes as costas, retirou-se.

Ava abandonou o fogão quando viu Penny entrar na cozinha.

— Não ouvi o sino... — disse, franzindo a testa, preocupada.

— Relaxe. Ninguém o tocou. Pode servir o café e o conhaque. Só para três. — Ela precisou de toda a sua força para falar normalmente, porque no fundo queria gritar e desabafar a mágoa, o ódio, a injustiça que a corroíam. — Vou tomar uma xícara aqui mesmo. Se alguém perguntar, diga que fui para a cama.

— Mas a *señorita* não pode...

— Posso sim. Por favor, não faça perguntas. Não agora.

E, atirando-se numa cadeira de pinho, descansou os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça nas mãos. Sabia que tinha sido rude, mas, afinal, fora obrigada a dividir a mesa com dois convidados do inferno.

E o que dizer de Raul? Não a apoiara em momento algum. Ao contrário, procurara manipulá-la com aquela história de desculpas, mesmo ciente de que ela não tinha a menor disposição de fazer isso.

Ela levantou a cabeça no momento em que a porta se abriu. Era Ava.

— Está tudo bem? — perguntou à governanta.

— Eles estão tomando o café, mas quanto ao resto... Nunca vi o patrão tão furioso. O que aconteceu?

Penny levantou-se e caminhou até a pia, contemplando a pilha de pratos sujos.

— Vou ajudá-la a lavar isto aqui, Ava.

— O que você fez?

— Não fui eu a responsável pelos problemas — respondeu ela secamente.

Ao colocar a louça na lavadora e limpar as panelas, contou a Ava o que ocorrera.

— Você não devia ter discutido com o patrão por minha causa — disse a governanta ao fim da história. — Eu bem que a alertei sobre Dulcie.

— Você não é paga para fazer comentários sobre minha vida. — A voz grave de Raul cortou o ar como um raio. — Vá para a cama, Ava — ordenou ele. — Preciso falar com Penélope.

Com um olhar para o patrão e outro para Penny, Ava saiu da cozinha. Raul então segurou a namorada pelos ombros.

— Ninguém, mas ninguém mesmo, me faz de bobo em minha própria casa.

— *Você* se fez de bobo. — Ela tentou se libertar, mas não conseguiu.

Raul abaixou a cabeça e colou os lábios aos dela, num beijo brutal e selvagem.

Penny sentiu falta de ar. Bateu no peito largo, procurando fazê-lo voltar ao mundo da razão. Ele então ergueu a cabeça e a fitou.

— Eu tinha duas opções: beijá-la ou matá-la. Por que isso? Que satisfação você tem em me desafiar?

As mãos enormes apertaram-lhe os ombros. Penny ergueu bem a cabeça e o encarou. Naquele momento, reconheceu que Raul não a entendia. Deu um suspiro calmo e profundo. Odiava ter que discutir com ele. Talvez, se tentasse explicar tudo com calma...

— Não tive a intenção de desafiá-lo. Foi você que provocou essa situação. Eu lhe disse que não pediria desculpas a essa mulher. — Não conseguia nem dizer-lhe o nome. — Sei que não acredita em mim, mas juro que ela tratou Ava muito mal. Pergunte a ela.

— Ava não escuta muito bem. E suponho que não lhe ocorreu ter entendido tudo errado. Claro que não. Você tinha que se comportar como uma criança malcriada... o que na verdade é.

— Oh, sim. Então meu espanhol não é bom e Ava é surda. — Ela teve que respirar fundo para

poder continuar: — Bem, ao menos agora sei qual é o meu papel aqui.

Não significava nada para Raul. Jamais significara. Agora sabia por que ele nunca a apresentara aos amigos. Julgava-a uma criança, uma jovem imatura que só era boa na cama. No momento em que precisara de apoio, Raul lhe negara ajuda.

— Você é uma hóspede especial nesta casa. Assim, espero que se comporte bem e tenha boas-maneiras. Não é pedir muito. Dei-lhe tudo o que quis e só pedi um pouco de lealdade em troca. Em vez disso, você insultou velhos amigos.

Penny estremeceu, de raiva e humilhação.

— *Lealdade?* — perguntou, e, impaciente ante tamanha arrogância, resolveu dizer-lhe algumas verdades. — Quem é você para exigir isso, se acha que sua ex-noiva pode entrar aqui, insultar Ava e a mim? "Inglesinha vulgar." Foi essa a expressão que sua *velha amiga* usou. — Deu uma risada amarga. — Quanto ao pai dela, tem o direito de passar a noite tentando acariciar minhas pernas. E eu tenho que me desculpar só para satisfazer um capricho seu!

Penny não viu o horror que se desenhou nos olhos do namorado porque, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, correu para a porta. Deteve-se por um momento e, virando-se, encarou Raul.

— Sinto muito, mas não vou me rebaixar. Nem mesmo por você. Boa noite.

— Quer parar de andar de um lado para outro, de roer as unhas e sentar um pouco? — falou Amy, exasperada. — Já contei todas as novidades, Tanya vai chegar daqui a pouco e você ainda não me disse o que há de errado.

Penny suspirou e atirou-se no sofá, ao lado da amiga. Tanya era a pessoa que agora dividia a casa com Amy. Aluna do último ano da faculdade, havia se apaixonado por Mike, dono do apartamento do andar de cima. O alegre casal iria se casar em dez dias.

*Casar* era uma palavra emotiva para Penny. Em especial nas atuais circunstâncias. Contemplou Amy e tentou dar um sorriso confiante. A amiga sempre fora a sensível; Penny, a prática. Por que as coisas tinham mudado?

— Não há muito a dizer, querida. Raul devia ter viajado comigo na sexta-feira, mas algo aconteceu no último minuto e ele não pôde vir. Mas me telefonou ontem à noite. Talvez apareça daqui a um dia ou dois.

Se fosse assim simples... Depois de deixar a cozinha da *hacienda,* na quinta-feira à noite, ela se dirigira ao quarto de hóspedes e se trocara. Esperou em vão que Raul a seguisse e que tudo voltasse ao normal.

Na manhã seguinte, ele lhe disse que precisava ficar na Espanha. Estava prestes a vencer uma concorrência governamental para construir um projeto de dessalinização da água no sul da Espanha e precisava discuti-lo com Miguel Costas, a cujo ministério o negócio estava subordinado. Também deixara implícito que o comportamento de Penny durante o jantar não ajudara as coisas.

Ela se sentira culpada por isso. Tentara se desculpar, mas Raul a interrompera com um breve:

— Não tem importância.

Em seguida, ao acrescentar que a Sra. Grimble, zeladora do apartamento de Londres, a esperava, e que Penny devia aguardá-lo na capital inglesa, ela teve alguma esperança. Até chegar ao aeroporto. Lá, ficou claro que o beijo de Raul fora apenas uma leve carícia de despedida. Podia conter tudo,

menos desejo.

— Hei, meu nome é Amy, lembra? Não tente me enganar. Você anda apagadíssima, e com uma cara... O que há de errado com esse seu romance? Pode confiar em mim, chorar no meu ombro. Hei, amigas são para essas coisas, sabia?

— Oh, Amy! — Penny suspirou. A ternura da amiga fez com que suas últimas defesas fossem vencidas. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Você estava certa quando me aconselhou a não ir morar com Raul. E que na época eu tinha tanta certeza de que iríamos nos casar! No entanto, agora — deu de ombros —, não sei mais nada. Acho que ele se cansou de mim. Ontem à noite, bem...

E contou todos os acontecimentos das últimas semanas, falou sobre seus medos, suas esperanças. Não omitiu um só detalhe. E, para sua surpresa, ao terminar, viu que Ammy caía na risada.

— Honestamente, querida, acho que não tem com que se preocupar. Vocês discutiram em Dubai, depois na Espanha... E isso não é motivo suficiente para uma separação. Não esqueça que foi Raul quem sugeriu que você vendesse o apartamento. Por falar nisso, acho que encontrei um comprador.

Raul a aconselhara a vender a casa porque, garantira, ela ganharia muito mais se investisse o dinheiro. Também a convencera de que não precisaria mais de um lugar onde viver. E, claro, Penny concordara.

— Talvez seja melhor suspender a venda, Amy.

— Oh, por favor, seja mais positiva! Faz apenas dois dias que Raul lhe disse para ficar no apartamento. Isso não demonstra que ele está cansado de você. Mostra justamente o contrário!

— Pensa mesmo assim?

— Você me disse que a governanta, Ava, acredita que ele quer se casar, mas que tem medo de assumir compromissos. A resposta é simples. Este é um ano bissexto. Em vez de preocupar-se com o que pode acontecer, espere mais um pouco. Raul vai pedi-la em casamento.

— O dia vinte e nove de fevereiro já passou há muito tempo. Caso você não saiba, já estamos no verão.

— O ano *inteiro* é bissexto. E em anos bissextos tudo pode acontecer... principalmente pedidos de casamento. Vá em frente. Fale com Raul. O que tem a perder?

A sugestão trouxe um sorriso aos lábios de Penny.

— Não, eu não conseguiria. Não tenho coragem.

— Céus! — exclamou Amy, irritada, levantando-se. — Você sempre foi segura, confiante, ambiciosa. Lembra-se de nossos planos na faculdade? Em um ano iríamos abrir nossa própria farmácia. Até escolhemos o nome: Razão e Sensibilidade, retirado do livro de Jane Austen. A união perfeita da medicina moderna com a homeopatia. *Você* era a razão e eu a sensibilidade, com essa minha paixão pelas terapias naturais.

— Eu tinha me esquecido completamente disso.

— Viu só? Depois que se apaixonou por Raul, você se transformou no oposto da racionalidade. Ficou ultra-sensível. Se mundo passou a girar em torno desse homem. Diga-me, quanto tempo mais vai viver com ele? Um ano, dois, cinco? Apaixonada, mas no limbo...

Era duro ouvir aquilo, mas Penny sabia que a amiga dissera a verdade. Ao primeiro sinal de amor, abandonara os projetos que lhe eram caros. Nos últimos meses, porém, trancafiada em quartos de hotel ou na *hacienda,* ela se perguntara inúmeras vezes o que vinha fazendo da vida.

"Apaixonada, mas no limbo" era a resposta apropriada. Expressava exatamente como se sentia.

— Vamos lá, Penny, não seja covarde. Estamos quase no final do século. A mulher já se liberou de muita coisa. Quando Raul chegar, peça-o em casamento. Do contrário, vai ficar esperando e sofrendo durante anos, sem saber quais as verdadeiras intenções dele. E isso que quer?

— Claro que não. Você tem toda razão.

— Ótimo. Minha amiga não perdeu completamente a cabeça, e isso é bom. Agora refaça a maquilagem. Vamos até o Bertorelli's, em Covent Garden, para celebrar seu futuro casamento. — Amy sorriu com simpatia. — Ah, sim, e comida italiana lhe fará bem. Um pouco de massa vai ajudar essa magreza a sumir.

Penny riu.

— Você é mesmo impossível, não? E eu a adoro.

A noite foi um sucesso. As duas ficaram observando os tipos que passavam por Covent Garden, e riram das esquisitices de um palhaço silencioso que levava um gato no ombro. Conversaram, beberam, deliciaram-se com a típica cozinha italiana e esqueceram do café.

Finalmente tomaram um táxi e voltaram para casa, felizes, rindo sem nenhum motivo especial. Amy ajeitou-se no sofá-cama da sala e Penny, com grande dificuldade, encontrou um cobertor para cobrir a amiga antes de cair, com roupa e tudo, na sua velha cama. Sequer pensou em Raul.

O som agudo de uma campainha a trouxe à realidade. Quem seria?

— Ai, minha cabeça! — ela resmungou em voz alta, olhando em torno durante alguns segundos antes que as lembranças lhe voltassem à mente.

Tratou de reunir as energias para levantar-se. Bem, ao menos a maldita campainha parara de tocar, pensou, agradecida. Mas o barulho da porta, que se abria, ecoou em sua cabeça como o tiro de um rifle. Ela fechou os olhos e sentiu-se zonza quando uma voz suave a chamou:

— Café, dorminhoca.

Penny abriu os olhos e viu Amy, que, vestindo um conjunto cinza, sorria.

— Que horas são? — perguntou, sentando-se.

Aceitou a xícara de café, tomou um longo gole e sentiu o líquido descer pela garganta.

— Oito. E tenho que estar no trabalho às nove. Como se sente?

— Amanhã ligo para contar. Acho que precisarei de um dia inteiro para me recobrar.

— Exagerada. Bem, tenho que ir. Telefone à noite, se estiver livre. Se Raul chegar, não esqueça do que decidiu ontem à noite. Pensamento positivo, confiança. Peça-o em casamento.

Amy fazia tudo parecer tão simples! Penny sorriu para a amiga.

— Não se preocupe. Você já me convenceu. Vou pedi-lo em casamento na primeira oportunidade. Satisfeita?

— Ahá, aí está a Penny que eu conheço! — respondeu Amy, sorrindo ainda mais. — E não se esqueça que sou a primeira da lista das damas de honra.

Penny ficou séria assim que a amiga saiu do quarto. Colocou a xícara quase cheia de café sobre a mesinha lateral, levantou-se e foi direto ao banheiro. Sim, iria seguir os conselhos de Amy. Mas por outros motivos...

Ela suspirou ao fechar o chuveiro e sair do box. Não fazia ideia sobre se Raul telefonara na noite anterior. E o olhar desaprovador da Sra. Grimble, quando a viu chegar no apartamento de Raul, à uma da tarde, não foi exatamente encorajador.

De qualquer maneira, certamente Raul ligaria naquela noite. Consolando-se com essa hipótese, ela se enxugou, vestiu jeans, uma blusa de cashemere creme e dirigiu-se à cozinha, em busca de algo para comer.

Depois de uma refeição leve, composta de omelete e salada, foi para a sala ampla. Uma das paredes estava completamente tomada por uma estante. Penny correu os dedos por uma das prateleiras, pegou o mais recente livro de Jeffrey Archer e acomodou-se no sofá de veludo verde que ficava perto da lareira. Cruzou as pernas e começou a ler. Momento depois, sentindo os efeitos da noitada, adormeceu.

— Onde diabos você esteve?

Penny abriu os olhos, assustada. Raul Gonzalez balançava-lhe os ombros e as palavras mal penetraram em sua mente cansada. O livro caiu-lhe das mãos e ela se endireitou nas almofadas.

— Oh, você chegou! — murmurou com suavidade, o esboço de um sorriso aparecendo em seus lábios. Era tão bom vê-lo de novo...

— Pena que não tenha podido dizer o mesmo ontem à noite! Ela o fitou, finalmente desperta.

— Ora!

Então se deu conta de que ele não ficara feliz em vê-la e seu sorriso morreu.

Ele se sentou no braço do sofá, com o terno todo amarfanhado, a camisa branca aberta no colarinho, a gravata preta sem nó.

— Não adianta negar — ele disse num tom cínico. — Telefonei para cá de hora em hora, até depois da meia-noite.

Então era isso que o aborrecia? Ela deu um suspiro aliviado.

— Posso explicar. — Levantou-se e viu o livro cair no carpete. Raul abaixou-se e o pegou.

— *Twelve red herrings* — leu, na capa. — Muito apropriado. Procurando desculpas, hein? — Ele se endireitou e colocou as mãos nos bolsos. — Se quer me deixar, é só dizer. — A voz soava fria e distante, como se tal decisão não o magoasse. — Assim não precisarei perder meu precioso tempo atravessando a Europa para procurá-la.

Ela corou. Seu *precioso tempo?* Assim era Raul. Sua arrogância nunca a incomodara, mas naquele momento deixava-a louca de raiva. Sofrera durante dias por causa daquele homem, e ele tinha a petulância de dizer, com a maior calma do mundo, que ela poderia deixá-lo, se quisesse.

— Sinto muito — Penny respondeu num tom sarcástico. — Eu não sabia que estava sendo vigiada. Caso queira saber, passei a noite com Amy.

— A noite toda? Por quem me toma, afinal? Acha que sou tolo? Chego aqui no meio da tarde e encontro você dormindo!

— Nós...

— Ele é um bom amante? — ele perguntou, furioso, segurando-a pelos ombros. — Fez você gemer e gritar como eu faço? — quis saber, os dedos apertando a pele delicada. — Disse a ele as mesmas palavras doces que me diz?

— Não, Raul. Você precisa saber que...

— Saber o quê? Que você está corada e exausta, exatamente como acontece quando faz amor comigo? Esqueceu que ensinei-lhe tudo o que sabe? Posso ler os sinais nesse seu rostinho, mocinha. Já o vi assim várias vezes... por *minha* causa.

— Canalha! — ela rebateu, o rosto vermelho de raiva. Nunca falara assim com Raul, mas a injustiça daquela acusação a tirava do sério. — Passei a noite com Amy porque estava muito bêbada para voltar para casa, e bebi exageradamente porque estava preocupada com você. E sabe por quê? Porque você me tratou como se eu fosse uma qualquer! Amy disse...

— Amy, hein? Eu devia saber. Ela nunca gostou de mim. Suponho que tenha sido ideia dela passar a noite toda fora de casa.

— Chegamos em casa às onze. Não ficamos fora *a noite toda.* Raul fitou os olhos azuis.

— Nunca saberei por que você ouve essa mulher. — Balançou a cabeça, como para afastar algum pensamento desagradável. Fechou os olhos, levou a mão ao rosto de Penny e acrescentou: — Estou cansado. Sinto muito. Acredito em você e a perdôo.

Ela tentou falar, mas as palavras ficaram presas na garganta. Sentiu-se péssima. Seu coração disparou, mostrando que, embora a raiva de Raul sumisse tão depressa quanto aparecia, a mágoa que lhe causava permanecia por muito tempo.

— Nunca mais me assuste desse jeito — ele sussurrou, deslizando as mãos para a cintura fina, nos olhos um brilho sensual. Em seguida, inclinou a cabeça, pronto para beijá-la.

Incrédula e furiosa, Penny manteve o olhar fixo no rosto marcante e perguntou-se se conhecia realmente aquele homem. Então afastou-se, deixando-o surpreso.

— O que é isso, afinal? Você me *perdoa* de quê, se não fiz nada? E por que me trata como seu eu fosse uma mulher vulgar? Bem, obrigada. Tem tanta confiança em mim que me sinto lisonjeada. Talvez eu devesse ajoelhar-me a seus pés e prestar uma homenagem à sua magnanimidade.

— Pare com isso. Foi um erro, já disse. Eu estava preocupado com você.

Preocupado? A que ponto? A ponto de casar-se com ela? A sugestão de Amy repentinamente não lhe pareceu tão maluca. Se desse a mão àquele homem, num segundo estariam na cama. Desejava isso, mas queria muito mais. Se olhasse para o futuro, veria a si mesma como amante de Raul. Só isso. Era muito pouco.

Ele se aproximou e segurou-lhe o queixo.

— Não vamos discutir de novo. Errei e peço desculpas por isso. Considere meu comportamento um desabafo machista. Senti sua falta, querida.

O coração de Penny queria dizer sim, mas a razão tentava passar outro tipo de mensagem. Levou as mãos ao peito largo, sentindo, sob o fino tecido da camisa, a musculatura poderosa. Mas, quando foi chegar mais perto, hesitou.

— Sabe em que ano estamos, Raul?

— Perto de você mal consigo saber em que dia estou. Você faz coisas incríveis comigo — ele

brincou, tomando-lhe uma das mãos e apertando-a.

Penny respirou fundo, o coração batendo acelerado. Ela o desejava e era desejada, mas...

— É ano bissexto, Raul. Você vai se casar comigo?

Levantando a cabeça, encarou-o, os imensos olhos azuis brilhando de amor e de esperança. Em segundo depois viu-se atirada bruscamente sobre o sofá. Tão bruscamente que chegou a perder a respiração.

Olhou para Raul e, ao constatar a ira na expressão viril, ainda tentou levar na esportiva:

— Bem, parece que essa não era a resposta que eu esperava. A não ser, claro, que você pretenda reunir-se a mim aqui no sofá.

— Agora entendi. — Ele deu uma risada áspera. — As discussões das últimas semanas, os desafios, o *grand finale* de passar a noite fora... Pensa que sou tolo?

— Não.

Desejou de todo o coração não ter feito o pedido, mas era tarde. Sentou-se sobre as almofadas, os olhos azuis fixos no semblante rude, e tentou tocá-lo.

Raul a fitou, arqueando uma sobrancelha cinicamente, e deu um passo para trás.

— Então você achou que o fato de me privar de seu belo corpo na última noite que passou na Espanha, e de tentar provocar meu ciúme seria uma estratégia eficiente? Mulheres melhores e mais interessantes procuraram me atrair para o matrimônio e falharam. Por que você não falharia?

O comentário teve o efeito de uma faca cortando-lhe a carne. Penny quis ignorar a dor, mas não foi capaz. O orgulho não permitiu. Por um momento tenso e longo simplesmente encarou Raul. O cabelo preto desalinhado, caído na testa, os olhos escuros implacáveis, a expressão dura... Em pé, as pernas afastadas e as mãos no bolso, ele era um monumento à força. E à maldade.

— Muito bem, sua resposta é não — ela murmurou. Em seguida levantou-se e tentou sair dali, mas Raul não deixou. Deteve-a ao segurar-lhe o braço.

— Exatamente, querida: não. De mais a mais, se um dia decidir ter uma esposa, prefiro eu mesmo fazer o pedido. Nenhuma garotinha vai me prender nos laços do casamento. Sou velho o bastante para não cair numa armadilha como essa.

Penny pensou em sumir dali, morrer, desaparecer, fazer qualquer coisa que a livrasse daquela humilhação. Mas a raiva a socorreu. Durante meses havia amado aquele homem, dando-lhe tudo o que tinha, incondicionalmente. E isso porque, no fundo de seu coração ingênuo, imaginava que ele retribuísse o sentimento. Como fora tola!

— Você está certo, como sempre. É mesmo muito *velho*. Eu já devia ter percebido isso — respondeu, desejando devolver um pouco da dor que sentia.

Os dedos de Raul apertaram-se em torno dos braços dela.

— A tentativa foi boa, garota, mas me insultar não fará com que eu mude de ideia.

— Tire suas mãos de cima de mim — ela ordenou com firmeza. Pela primeira vez, o toque daquele homem não a fazia vibrar.

— Quer saber de uma coisa? — ele perguntou, rindo. — Nem mesmo a polícia me obrigaria a casar com você. — Enlaçou-a e a apertou contra o corpo musculoso. — Conheço-a muito bem,

querida. Você não sabe me dizer "não". — E, inclinando a cabeça, procurou os lábios dela.

Penny estremeceu, impotente diante do fogo daquela boca ávida. Queria resistir, mas não podia. Sequer tinha forças para desmentir a afirmação de Raul. Aquele era o paraíso que há muito esperava. Igualzinho ao inferno da humilhação.

As mãos masculinas alisaram as curvas suaves com uma sofisticação para a qual não havia defesa. E apertaram-na ainda mais, aproximando, pressionando os corpos. Raul se movia num ritmo sensual, estabelecendo a dominação do macho, obrigando-a a aceitar sua superioridade física.

Penny tremeu violentamente. Apesar de derreter no fogo do desejo, não sentia o sangue correr por suas veias.

Com uma gargalhada sinistra, Raul libertou-a e recuou, zombando da patética capitulação.

— Você não pode me manipular, garota. Não é capaz disso. Seu corpo trai sua vontade o tempo todo. Esqueça esses planos — acrescentou com ênfase, o olhar deliberadamente cravado na curva dos seios que se insinuavam por sob o suéter de cashmere.

Penny corou. Nunca levantara a mão a ninguém em toda a sua vida. Mas, vendo o brilho de triunfo no fundo das pupilas escuras, a arrogância daquele estudo minucioso em seu corpo, ergueu o braço e deu-lhe um tapa no rosto.

— Esquecer? Claro que pretendo esquecer! — ela afirmou, a voz traindo a raiva. — Vou esquecer até mesmo que um dia conheci Raul Gonzalez!

Reparou na surpresa que se estampara nos olhos negros e quis rir, mas não teve chance. Raul devolveu de imediato:

— Sua... rameira!

Em seguida, puxou-a com força e cobriu-lhe a boca num beijo angustiado. Possesso. Penny não sentiu nenhum prazer, apenas resignação. E, quando se viu liberta, levou a mão trêmula aos lábios machucados.

— Você pediu por isso! — exclamou Raul num tom rude. — Me provocou de propósito. Mas esse truque não funciona mais. Se você quiser partir, fique à vontade. Vá.

Esse era o mesmo homem com quem estivera em Dubai poucas semanas atrás? Que dissera adorá-la, que lhe prometera tudo o que quisesse? Mentira. Tudo mentira.

Ela o observou em silêncio. Um silêncio hostil e amargo. O homem que conhecera escondia-se atrás de uma máscara fria de indiferença e de olhos sem expressão. Não a amava. Nunca a amara.

— Acho que partir é o melhor que tenho a fazer — ela disse numa voz fria e sem emoção. Depois, virando-se lentamente, acrescentou: — Vou arrumar as malas.

— Espere!

Ela voltou-se para o homem que amava, um traço de esperança no coração. Procurou nele algum sinal de arrependimento, mas não havia nenhum.

— Está se esquecendo disso — falou Raul, tirando do bolso o bracelete que lhe dera de aniversário. — Encontrei-o no hotel, em Dubai, depois que você se foi. Pensei que fosse dar pela falta dele, mas naturalmente não se importou com o presente.

Num gesto mecânico, ela estendeu o braço e pegou a jóia, colocando-a no pulso. Envergonhada por ter que admitir que esquecera mesmo o bracelete, fitou Raul e pensou ter visto dor em seus

olhos. No instante seguinte soube que se enganara, porque ele acrescentou, com um cinismo ferino:

— Estou devolvendo porque a jóia é valiosa. E acredito que você a tenha merecido... pelos serviços prestados.

Ela não respondeu. Não conseguiria. A seu redor, o mundo desabava. Amava Raul, e ele a tratava como se a tivesse encontrado na rua!

— Nada a dizer? — ele inquiriu numa voz gelada, para prosseguir, cruel: — Bem, talvez você acredite que mereça muito mais. Mande-me a conta, garota, e prometo pensar se devo pagar ou não.

As lágrimas que Penny segurara por tanto tempo ameaçaram rolar. Para que Raul não presenciasse a cena, ela girou nos calcanhares e saiu da sala.

Dolorosamente ciente da situação em que se encontrava, com o pranto cegando-lhe os olhos, fez as malas rapidamente. Deixou de lado as roupas que Raul insistira em comprar. Abriu a bolsa e viu que tinha dinheiro suficiente para um táxi. Um brilho de metal chamou-lhe a atenção. Tirou da bolsa a chave do apartamento e fechou-a com um estalido.

Com uma dor de cabeça insuportável, de mala na mão, atravessou a área social. Raul não se encontrava em lugar algum. Deixou a chave no aparador do hall e fechou a porta silenciosamente. Chamou o elevador. Quando ele chegou, com os olhos já secos, no rosto uma rígida determinação, entrou.

Já na rua, chamou um táxi e deu ao motorista o endereço do próprio apartamento. O carro partiu. Penny fechou os olhos, evitando olhar para trás. Estava tudo terminado.

# Capítulo 4

— Não fique nervosa, Sra. Gold — dizia com calma o homem de uniforme azul. — Temos que lhe fazer algumas perguntas.

— Nervosa? — Penny repetiu, lágrimas inundando-lhe os olhos. — Será que você não compreende que roubaram meu filho James?

Era como um pesadelo. Penny gostaria de acordar a qualquer momento e ver que tudo não passara de um sonho ruim. Olhou para o relógio redondo pendurado na parede branca. Seis da tarde. Hora de fechar a farmácia e subir ao apartamento, para ficar com James.

— E quanto ao pai, Sra. Gold? — perguntou uma voz. — Sra. Gold? Onde está o pai do menino?

— Como?

Ela contemplou o homem à sua frente, cuja voz parecia vir de muito longe.

— Em nove entre dez casos desses é o pai o responsável pelo desaparecimento da criança.

Penny não podia mais se esconder da dura realidade. O horror daquela situação a atingia profundamente, em todos os seus trágicos detalhes. Sua cabeça doía. Sentia náuseas. Não se encontrava na farmácia, James não estava no apartamento com Amy...

Não, não era um pesadelo. E ela não iria despertar daquele terror.

Levou as mãos trêmulas aos olhos. Alguém sequestrara seu filho, sua razão de viver. Era difícil aceitar, mas não havia outra saída. James se fora.

— Ele não tem pai — respondeu entre lágrimas.

— Talvez não agora, mas deve ter tido quando foi concebido, não é mesmo? Talvez o homem tenha decidido...

— Você não compreende. O pai nem sabe que o filho existe. Nunca soube. Por favor, não percamos mais tempo. James tem só um ano e seis meses de idade. Precisa de mim — suplicou, desesperada. — Não podemos ir procurar por ele? — Levantando-se, correu até a porta. — Vou encontrá-lo, juro.

O homem de uniforme fez um gesto de cabeça para o médico e segundos depois Penny era levada de volta à cadeira.

— Posso lhe dar um sedativo, Sra. Gold — ofereceu o médico. — Mas primeiro precisamos de todas as informações que a senhora possa fornecer. Compreende?

Penny entendia muito bem. O médico procurava proteger seu hospital. Ela chegara às cinco horas da tarde, para o último compromisso do dia: dar a vacina tríplice em James na esplêndida e sofisticada clínica anexa ao hospital de Truro.

Mãe e filho estavam sozinhos na sala de espera quando uma enfermeira se aproximara e oferecera-se para levar o menino até o consultório ao lado, para medi-lo e pesá-lo, antes da vacinação. Em circunstâncias normais ela não teria aceitado a sugestão. Mas, depois de trabalhar o dia inteiro, dirigir até a clínica, folhear revistas velhas e manter James ocupado com todos os brinquedinhos disponíveis na saleta, não conseguia raciocinar direito. Assim, entregara o filho,

ouvindo as instruções da enfermeira:

— Junte suas coisas e vá até a sala de tratamento. Em menos de um minuto nós nos reuniremos a você.

Penny esperara durante um tempo que parecera uma eternidade, cada vez mais agitada. Finalmente levantara-se, determinada a saber o porquê daquela demora. Naquele momento, o Dr. Brown entrara.

— Desculpe pelo atraso, Sra. Gold. Onde está o garotinho?

A meia hora seguinte assemelhou-se a um filme de terror, com Penny no papel de vítima.

Ela soluçou mais uma vez e fitou os rostos a seu redor: o Dr. Brown, chefe administrativo do hospital, e três policiais. Aquela era uma sala ampla, muito nova, muito branca. Penny fechou os olhos e balançou a cabeça.

Era irônico. Há alguns anos, seu próprio pai aplicava vacinas em crianças. Ia até a casa delas e lhes dava um doce por terem se comportado direitinho...

A lembrança trouxe mais lágrimas. Agora, a cidadezinha de Royal Harton, onde há dois anos ela e Amy haviam montado a farmácia Razão e Sensibilidade, não apenas tinha seu próprio hospital como também atendia a população de toda a Cornualha.

— Então podemos eliminar o pai do rol dos suspeitos? — perguntou uma voz profunda.

Eliminar, exterminar... Tanto fazia. Ela não dava a menor importância a isso.

— Sim, sim, sim — respondeu, tensa.

Havia "eliminado" Raul de sua vida anos atrás, quando deixara o apartamento sem olhar para trás. Nunca mais o vira ou falara com ele. James era a única pessoa com a qual se importava. O pobrezinho devia estar chorando, assustado, no colo de estranhos e num ambiente desconhecido.

— Por favor, façam alguma coisa!

Ouviu-se uma movimentação lá fora, mas Penny não percebeu. Estava tão absorta na própria tragédia e na culpa que nem prestava atenção ao que se passava ao redor. Só quando a mão amiga de Amy pousou em seu ombro foi que ela decidiu recuperar um pouco do autocontrole.

— Oh, Amy... Meu filho... Alguém roubou James, e por minha culpa!

— Calma. Se alguém é responsável por isso, esse alguém sou eu. Se não tivesse insistido em passar a maior parte do dia fora, visitando Nick em St. Austell, você não precisaria ter ficado até tão tarde na farmácia e nada disso haveria acontecido.

— Não!

Penny não podia deixar que a amiga assumisse a culpa por aquela tragédia. Se Amy não tivesse dividido o trabalho na farmácia e não a ajudasse a cuidar de James, ela não teria sido capaz de iniciar um negócio e educar um filho. Dizer "se eu não tivesse feito isso ou aquilo" nunca ajudara ninguém; a vida lhe ensinara isso direitinho. Assim, corajosamente, ela endireitou os ombros e, buscando a mão da amiga, olhou para os policiais.

— Desculpem. Por favor, perguntem tudo o que for necessário. Desde que isso faça meu filho voltar...

E dessa maneira começaram as piores, as mais terríveis vinte e quatro horas de sua vida.

— Tome os comprimidos que o médico receitou e vá para a cama — pediu Amy, o olhar preocupado percorrendo a figura pálida da amiga. — Já passa de meia-noite. Ficarei acordada a noite toda e atenderei aos telefonemas. Você precisa descansar. Deve estar bem-disposta quando James chegar.

Amy precisava de todo o seu poder de persuasão para convencer a amiga a voltar para o apartamento, localizado na parte superior da farmácia. Sentia o coração despedaçado. Doía-lhe ver Penny naquele estado. E por James, a quem amava como filho, tinha que se manter firme. Para ajudar a amiga.

— Eles vão encontrá-lo, querida, acredite. Você sabe que sempre fui um pouco sensitiva, não sabe? E sinto que tudo vai acabar bem. Por favor, procure descansar um pouco. James vai precisar da mãe amanhã de manhã.

— Você acha? Mesmo? — indagou Penny com voz rouca, sentindo a garganta seca. Queria acreditar naquilo, e precisava de confirmação para suas esperanças.

— Sim, acho — afirmou Amy com segurança.

— Talvez eu deva me deitar por alguns minutos, então.

Com uma tentativa quase bem-sucedida de sorriso, Penny caminhou, pelo corredor, até o quarto. Mas deteve-se em outro aposento. Devagar, temerosa, abriu a porta e entrou.

Em algum canto da mente atordoada teve esperanças de ver James ali...

Olhou para a caminha em estilo vitoriano e viu o contorno de uma forma que poderia pertencer a James. Atravessou o dormitório, na direção do berço, e com mãos trêmulas procurou tocar aquilo que deveria ser um bracinho. Mas encontrou apenas a suavidade da pelúcia.

Levou o ursinho ao peito e baixou a cabeça, deixando que as lágrimas rolassem, silenciosas, por seu rosto. As pernas recusaram-se a suportar-lhe o peso e ela caiu de joelhos, entre soluços, o corpo tremendo.

— Por quê? Oh, Senhor, por que logo o meu filho? — Recomeçou a rezar com toda a fé que possuía: — Por favor, Senhor, faça com que meu filho volte. E depressa.

Não viu Amy parar à porta, balançar a cabeça e voltar para a sala. Não ouvia nada a não ser o grito de angústia da própria alma e o choro sentido do filho.

O dia nasceu, e com ele vieram os policiais. Os noticiários da manhã falavam no bebê desaparecido. Repórteres dos principais veículos de comunicação reuniram-se na rua, em frente à farmácia e ao apartamento. O telefone não parou de tocar até Amy decidir simplesmente tirá-lo do gancho. Por fim, surgiu uma câmera de tevê, e com ela uma jornalista da BBC, a rede de rádio e televisão da Inglaterra.

Penny, tomada pelo choque e pelo desespero, concordava com tudo o que lhe diziam. Tudo o que queria era seu filho de volta. Um apelo e uma entrevista no noticiário da uma da tarde certamente ajudariam na busca. Em algum lugar, alguém a veria, reconheceria a fotografia de James e saberia onde ele se encontrava. Ou talvez os sequestradores assistissem à tevê e, comovidos com o sofrimento daquela mãe, lhe restituíssem o filho. Tudo era possível.

0 homem moreno e alto olhou sem interesse para o quarto e dirigiu-se ao bar. Largou a pasta de couro preto no chão e serviu-se de uma dose de uísque. Depois, com o copo na mão, foi até o sofá e deixou-se cair ali.

Tomou um gole da bebida amarelada e, com a mão livre, pegou o controle remoto da mesinha de centro, pressionando a tecla "liga". Observou as imagens sem prestar-lhes muita atenção, cansado do vôo que o trouxera da Espanha.

De repente saiu do marasmo. Ficou alerta. Endireitou o corpo e aumentou o volume do aparelho. O apresentador havia mencionado um nome conhecido: Penélope Gold.

Em seguida, ele viu a foto de um garotinho moreno, de cabelo preto e encaracolado, olhos negros, sentando nos joelhos da mãe e sorrindo para ela. Engoliu o uísque de um só gole enquanto ouvia a voz continuar:

— O sequestro de James, de um ano e seis meses, levado ontem à tarde de um centro médico da Cornualha, abalou toda a nação. A polícia divulgou o retrato-falado da enfermeira supostamente responsável pelo crime, na esperança de que alguém possa dar informações que façam James voltar para casa.

— Agora veremos uma entrevista e um apelo da mãe do garotinho, Penélope Gold — completou uma apresentadora.

— Penélope, você é órfã e mãe solteira — começou a repórter. — James é a única pessoa da sua família. Estou certa?

— Está. James é tudo para mim. Peço a quem o pegou que tenha bom coração e faça o imenso favor de devolvê-lo. Nunca nos separamos, nem mesmo por uma noite, desde seu nascimento. Por favor, peço a quem o sequestrou que, seja qual for o sofrimento que o tenha levado a esse ato, traga meu filho para mim. Ele é a minha vida.

O pânico e a dor na voz que fez o pedido eram de cortar o coração. E, para horror do homem que assistia ao noticiário, a entrevistadora aproveitou-se daquele desespero.

— Sei que é difícil, Penélope, mas tenho que lhe perguntar algo. A polícia diz que, estatisticamente, na maioria dos casos o pai está por trás do sequestro. Podemos ter certeza de que isso não se aplica a James?

— James não tem pai. Só tem a mim. — Fez uma pausa e, nervosa, prosseguiu: — Ele nunca teve um pai. — Penny tremia, com os braços em volta do corpo, numa atitude de defesa e proteção, perdida no sofrimento e no desespero. — Não há pai nenhum por trás disso, posso assegurar. Foi uma mulher que roubou meu filho...

A gravação terminava com uma moça ruiva e baixinha aproximando-se de Penélope Gold e abraçando-a, num gesto de conforto e carinho.

A imagem desapareceu quando o homem apertou as mãos. O barulho do copo estilhaçado ecoou no silêncio da sala. Ele não reparou no sangue que saía de seus dedos. Estava abalado. Terrivelmente abalado.

Um longo momento depois ele se levantou e foi até o telefone. Um observador casual diria que as feições sombrias haviam se fechado numa máscara impenetrável, que não traía um só sentimento, uma só emoção, enquanto o homem discava e cancelava todos os compromissos assumidos para os dias seguintes. Mas um observador mais atento teria percebido, no fundo dos olhos escuros, a imagem do inferno.

— Penny! Penny!

Alguém lhe sacudia os ombros. Ela tentou abrir os olhos, mas sentiu-os pesados. As pálpebras

pareciam grudadas com cola.

— James... Eles o encontraram!

Ela ouviu a voz como se num sonho, mas ao escutar o nome do filho saiu do mundo da inconsciência e finalmente despertou. Amy, ao lado da cama, com o rosto iluminado, tinha o cabelo vermelho desalinhado, como se houvesse levado um choque.

— Você ouviu Penny? É a polícia ao telefone. James está são e salvo!

Ela se obrigou a levantar. Lágrimas de agradecimento rolavam pelas faces lívidas.

— James, meu filho... Eles o acharam! — O coração pascia não caber dentro do peito. Penny buscou apoio no braço de Amy. — Onde está ele? Está bem? Tem certeza?

— As palavras saíam em disparada enquanto ela tentava fazer com que as pernas bambas se firmassem no chão. Maldisse silenciosamente o médico que, depois da entrevista, lhe dera uma injeção que a fizera dormir. Balançou a cabeça, tentando concentrar-se. — Por favor, Amy, onde está ele? Preciso vê-lo!

— Calma garota — disse a amiga, sorrindo de orelha a orelha. Colocando um braço em volta da cintura de Penny, conduziu-a até o banheiro. — A entrevista na televisão operou esse milagre. Ao que tudo indica, a mulher que sequestrou James fez isso num impulso de momento. É realmente uma enfermeira, mas não trabalha no centro médico. Perdeu um filho, de leucemia, há três meses, naquele mesmo hospital. Está muito abalada. Fica rondando por ali porque foi o lugar em que o viu vivo pela última vez.

— Oh! Que história triste!

— O marido trabalha durante a madrugada e não sabia de nada. Ao voltar do serviço, esta manhã, foi direto para a cama. Ao levantar, na hora do almoço, ligou a tevê para assistir ao noticiário e foi até a cozinha, certo de que a mulher havia ido trabalhar. Foi quando a viu com James no colo. Telefonou para a polícia no mesmo instante.

— Oh, Amy!

Penny jogou-se nos braços da amiga e as duas permaneceram quietas, unidas, por um longo momento. Estavam emocionadas demais para falar. Apenas conseguiam chorar. De felicidade.

— Mais uma pose, Penny! — exigiam, em coro, os fotógrafos.

Ela estava muito feliz para contestar. Com James nos braços, um sorriso tão largo quanto o oceano Pacífico, posava para os repórteres, os olhos marejados de alegria e alívio.

— Está tudo bem, meu amor — dizia, acariciando cachos negros do filho, que imitava o gesto no cabelo da mãe.

Penny riu, deliciada. Aconchegando James junto ao peito agradeceu aos repórteres e voltou para a farmácia. Um arrepio súbito tomou-lhe a pele e ela hesitou junto à porta. Virou-se, olhando por sobre o ombro.

Mas James já havia visto Amy e queria ir para o chão, balbuciando o nome da "tia". Assim, Penny não pôde ver o Jaguar preto estacionado do outro lado da rua, ou a expressão atônita do homem atrás da direção.

— Oh, estou tão feliz! — Penny exclamou naquela noite, ao ver James adormecido no berço.

— Eu sei, querida. Mas que tal deixar James dormir sozinho? Você não desgruda dele desde que

as policiais o trouxeram para cá. Colocou o berço em seu quarto. Entendo como se sente, mas não tenho certeza de que essa seja uma boa ideia. Vai ter que separar-se dele de vez em quando.

— Tem razão, Amy. Mas não hoje, está bem?

— Venha até a cozinha. Vou preparar-lhe uma xícara do meu super chocolate com marshmallow.

— Oh, aí está uma oferta irrecusável!

Penny sorriu e, depois de dar mais um beijo na testa do filho, seguiu Amy até a cozinha.

Três horas mais tarde, deitada em sua cama, ela não tirava o olho do berço. Estava exausta por causa do desgaste das últimas vinte e quatro horas, mas tinha dificuldade em conciliar o sono.

Sabia que James estava bem. Fora examinado pelos médicos da polícia e pelo Dr. Brown. Na verdade, não parecia ter sido afetado por aquela experiência. Chamara a mulher que o havia sequestrado de "tia" e aparentemente divertira-se com uma dúzia de brinquedos no tempo em que permanecera na casa dela.

Penny também sabia que devia sentir-se grata pelo fato de a enfermeira ter cuidado tão bem de seu filho; dissera à polícia que não queria prestar queixa. Infelizmente, isso estava acima de sua vontade. O serviço de promotoria da coroa britânica insistira em processá-la, mas a pena seria leve. Ela provavelmente receberia ajuda psiquiátrica para superar o trauma da perda do filho.

Penny não tinha sono por motivos muito mais complexos. Se as coisas não tivessem tido aquele final feliz, se caminhassem mal, poderia ter perdido James. Talvez ele falecesse. O sequestro a fizera pensar na própria morte, e a obrigara a encarar o fato de que, se algo acontecesse a ela, o filho ficaria sozinho no mundo.

Depois de longos meses de angústia, conseguira superar a rejeição de que fora vítima. Raul nunca a amara. Usara-a, simplesmente. E bem antes do nascimento de James já descartara a hipótese de revelar a verdade a Raul. O garoto era seu filho adorado e ela, sozinha, seria responsável por sua educação, sua felicidade. Agora, no entanto, o passado voltara a atormentá-la, e Penny não tinha mais certeza sobre se agira corretamente.

Lembrou-se do último e humilhante encontro com Raul, e de como, nas semanas seguintes à sua partida, lutara bravamente para esquecê-lo.

Vendera o apartamento para o comprador que Amy indicara. Ele trabalhava para a National Geographic Society e passara os três últimos anos fazendo pesquisas na Antártida. Penny, na época, só desejava sair da cidade onde sofrera a pior humilhação de sua vida. Felizmente, a estratégia funcionara.

Passara o fim de semana com Amy, na Cornualha. Na pitoresca cidadezinha de Royal, viram a placa "Vende-se" numa farmácia vazia, na praça do mercado. A construção antiga, de pedra, era singular, ideal para o projeto Razão e Sensibilidade. Acabaram se informando sobre o negócio e duas semanas depois voltaram para efetuar a compra. Em seguida, mudaram-se para lá.

Penny estirou-se na cama. Tudo parecera tão perfeito... Confessara a Amy sua suspeita de estar grávida, e a amiga fora maravilhosa em relação a isso. Para ser honesta, ela já desconfiava da gravidez quando pedira Raul em casamento. Se não fosse assim, jamais teria feito aquilo. Sabia até mesmo em que noite seu bebê fora concebido: na única ocasião em que Raul perdera o controle, em Dubai.

Contemplou o filho adormecido, o coração repleto de amor e de alguma coisa mais. Algo que ela

não queria reconhecer. Culpa. Remorso, talvez. Depois das últimas vinte e quatro horas, via-se obrigada a questionar se era justo privar James do próprio pai. De qualquer modo, como ele estava são e salvo, poderia decidir isso mais tarde.

Mas, se estivesse enganada...

— Vou abrir a farmácia hoje — disse Amy quando os três sentaram-se à mesa para o café da manhã.

James, do alto de seu cadeirão, levava à boca, com os dedos, uma mistura de banana e cereais. Negligenciava solenemente a colher.

Penny sorriu da travessura e virou-se para Amy:

— Se você não se importar mesmo em abri-la, ficarei agradecida.

— É um prazer, querida. Passe o dia com James. Depois de tudo, não vejo a hora de me ver num mar de prescrições!

— Divirta-se!

— Não se preocupe. Tudo correrá bem. Dóris virá, como de costume. Assim, você não terá com que se preocupar.

Dóris era funcionária da farmácia, uma jovem muito competente nascida na cidadezinha. Realmente, não havia motivo para preocupações.

Assim, Penny passou a manhã ao lado do filho. O carteiro entregou-lhe centenas de cartas de solidariedade e apoio. Também chegaram muitos brinquedos. A campainha soava a cada cinco minutos, anunciando outros presentes. Comovida com a generosidade daquela gente desconhecida, ela não se cansava de descer e subir a escada que levava à entrada do apartamento.

Segurando James com firmeza e apoiando-o num dos quadris, Penny mais uma vez correu para baixo, a fim de atender a mais um chamado. O garotinho ria, achando tudo muito divertido. E ela, que compartilhava a alegria do filho, parou de sorrir quando abriu a porta.

Um dos *cameraman* da BBC trazia um enorme urso panda de pelúcia. Agradecendo-o profusamente, e limpando as lágrimas de felicidade dos olhos, ela voltou para cima, carregando também o brinquedo.

Por sorte, quando a hora do almoço chegou, ninguém apareceu. Limpo e bem alimentado, cercado dos novos brinquedinhos, James sorriu quando Penny inclinou-se no berço para cobri-lo e o beijou no rosto.

— Eu te amo, jacaré — murmurou.

— Amo a mamãe — disse James, feliz.

Penny já não se surpreendia com a inteligência e a precocidade do filho. Ele pronunciara as primeiras palavras aos nove meses, e agora já estava quase formando frases. Cheia de orgulho, ela o observou dormir. Depois, relutante, deixou o quarto e voltou para a sala.

Tinha muito trabalho pela frente. Precisava lavar a louça, limpar a casa... Mas, em vez de pôr mãos à obra, deitou-se no confortável sofá de chintz, desfez o rabo-de-cavalo e balançou a cabeça, correndo os dedos pelo longo cabelo loiro.

Mal podia acreditar que o pesadelo terminara. James estava em casa outra vez. Com um suspiro de alívio, fechou os olhos e disse uma prece, em agradecimento.

Abriu-os ao escutar o som da campainha. Saiu do sofá e desceu a escada rapidamente. Seu filho acabara de dormir, e ela não queria que nenhum barulho o acordasse.

Abriu a porta. Tirando o cabelo que lhe caía no rosto, disse:

— Por favor, pare de tocar a campainha. Você vai acordar o bebê. — Viu a figura alta de um homem tomando quase toda a soleira. — Em que posso ajudá-lo...?

Foi ao levantar o olhar para o homem que ela interrompeu a frase no meio. Surpresa, sentiu a cor fugir-lhe do rosto.

— Não vai me convidar para entrar? — perguntou Raul. Em seguida, ignorando-lhe a expressão atônita, não esperou pela resposta. Simplesmente passou por ela, fechando a porta.

— Espere, por favor!

— Acho que não, Penélope. Já esperei muito tempo. Foram quase dois anos, e o que eu tenho a dizer só pode ser dito em particular.

A presença dele parecia ocupar muito espaço na salinha de entrada da casa. Penny estremeceu e desviou o olhar. Mesmo assim, sentiu o coração acelerado, como sempre acontecia quando estava junto daquele homem.

Um blusão de couro preto destacava os ombros largos, e uma camisa bege justa, aberta no colarinho, deixava à vista o pescoço forte e bronzeado. As pernas longas estavam metidas num jeans preto. Ela abaixou a cabeça e olhou para os sapatos que Raul usava. Griffe Gucci, é claro.

Fechou os olhos, e uma onda de ressentimentos a atingiu. Um homem que tudo tem, menos coração, merece ódio, pensou. "Recomponha-se", disse, rigorosa, a si mesma. Respirou fundo, acalmou-se e abriu os olhos. Ora, ele era apenas um homem, e nada simpático naquele momento...

Levantando a cabeça, olhou-o com frieza.

— Não tenho nada a lhe dizer. — Procurou não se intimidar com o olhar brilhante e sem remorso de Raul. Esticou o braço e segurou firme a maçaneta. — Saia daqui, agora! — disse asperamente.

Mas Raul segurou-lhe a mão e manteve a porta fechada.

— Ninguém me manda embora desse jeito! Muito menos você!

— E eu não permito que me desafiem em minha própria casa!

O toque de Raul queimava em sua pele. Penny libertou-se e esfregou as mãos, como se assim pudesse afastar as lembranças que o gesto despertara.

Ele murmurou alguma coisa incompreensível. Seus olhos brilhavam de raiva.

— Acho que fui bastante clara. Por favor, vá embora. No fundo, Penny não tinha esperança nenhuma de poder forçá-lo a partir, mas não custava fazer uma tentativa. Aquele homem a destruíra uma vez, humilhara-a. Ela levara um longo tempo para se recobrar do trauma, para recuperar a dignidade e o auto-respeito. Nunca mais cairia no mesmo erro.

O olhar sério de Raul percorreu-a dos pés à cabeça, fixando-se depois nas mãos. Uma expressão desgostosa tomava-lhe o rosto.

— Você não fez uma boa escolha — ele acusou friamente. — Se houvesse me dito que eu tinha um filho, o horror dos dois últimos dias não aconteceria. Pense nisso antes de defender essa sua

omissão — concluiu num tom cínico.

Depois virou-se e subiu a escada, enquanto Penny permanecia imóvel, incapaz até mesmo de falar. Com o coração acelerado, observou-o alcançar o topo e desaparecer dentro do apartamento. Mas o pior de tudo era ser obrigada a reconhecer que ele estava certo em relação ao filho.

A ninguém no mundo era permitido roubar ou omitir algo de Raul Gonzalez. Ninguém podia nem mesmo tentar.

Com esse pensamento sombrio, ela o seguiu com relutância escada acima.

# Capítulo 5

Penny poderia ir atrás dele e tentar expulsá-lo. Esse, porém, seria um trabalho insano. Na verdade, ficou grata pelos poucos momentos em que ficou sozinha. Assim, talvez conseguisse ordenar os pensamentos. Mil perguntas giravam em sua mente confusa. Como Raul a encontrara? E, o mais importante, por quê?

Depois do trauma do sequestro, a última coisa que desejava era que algum fantasma do passado viesse assombrá-la. Raul não poderia ter escolhido pior momento para reaparecer. Sua confiança em si mesma, como mãe, sofrera um sério revés. Não estava em condições de lutar contra aquele homem.

Uma paralisia repentina deteve-lhe os passos e ela parou assim que entrou na sala de estar. Cruzou os braços em volta do peito, numa atitude de defesa. Raul, parado no meio do aposento, irradiava uma força sinistra que não combinava com o ambiente delicado.

— Bonita casa, mas bem diferente do luxo a que você estava acostumada — ele comentou com cinismo, o olhar percorrendo a sala e detendo-se em Penny. — O dinheiro também deve ser contado. Uma farmácia não a fará exatamente rica, sabe disso.

A arrogância, aquela condenação descabida ao trabalho de Penny e a seu estilo de vida encorajaram-na a retomar o amor-próprio.

— Você se enganou. Eu nunca fui acostumada a luxos. Esse é o seu modo de viver, não o meu. Quanto ao dinheiro, não lhe parece ter feito muito bem. Nota-se isso pelos fios brancos em seu cabelo.

Se ele se sentisse insultado, paciência. Penny não se importava. Nunca quisera o dinheiro daquele homem, apenas seu amor. Mas descobrira que Raul não conhecia o significado dessa palavra simples e bela.

Tinha orgulho de tudo o que conseguira com seu trabalho e sua luta. Não permitiria que ninguém lhe tirasse isso. Principalmente Raul.

Estudou o ambiente familiar. Pousou o olhar na lareira restaurada, nos nichos laterais cobertos de prateleiras que acomodavam o som, a televisão e os livros, no conjunto estofado de três peças, coberto de chintz, na mesa de café, no carpete, nas cortinas, no papel de parede, todos em tons de rosa e verde. Aquele era seu lar e ela o amava.

— Não foi o dinheiro que fez meu cabelo ficar grisalho — disse ele, aproximando-se e segurando-a pelo ombro. — Foi uma mulher mentirosa — acrescentou com aspereza, os olhos escuros fixos no rosto pálido de Penny.

Ela estremeceu, tentando afastar-se e mostrar indiferença.

— Não me diga que a suave Dulcie andou lhe dando ordens — comentou com sarcasmo.

— Estou me referindo a mim, a você e a nosso filho. Esqueça Dulcie. Tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Penny o encarou, os olhos azuis assustados. A maneira como ele usara a expressão "nosso filho" a enchera de pânico. Bem, agora sabia por que Raul a procurara.

— Não creio que deva me preocupar com nada — murmurou, disfarçando o nervosismo, umedecendo os lábios secos.

Ele sorriu. Um sorriso satânico.

— Eu diria o contrário, minha cara. Para começar, você privou um homem de conhecer o próprio filho. — Ergueu uma sobrancelha. — Sei que o garoto é meu. Nem se incomode em negar o fato.

— Outro engano. Ele é *meu* — ela afirmou, furiosa com o modo arrogante como Raul reivindicava a paternidade, sem ter, até aquele momento, dado a menor importância a isso. — Você é apenas o pai biológico. Um banco de espermas, hoje em dia, pode ter a mesma função. Um brilho de raiva acendeu os olhos escuros.

— Ainda assim sou o pai. Mesmo que você tenha se recusado a dizer meu nome na televisão.

Ela corou.

— Eu estava nervosa quando dei aquela entrevista. Mas falei a verdade.

— Você estava nervosa! Como diabos acha que me senti? Cheguei à cobertura na hora do almoço, liguei a televisão e descobri que tinha um filho! Um filho que, além de tudo, havia sido sequestrado! E lá estava você, falando de mim da pior maneira possível!

— Não mencionei seu nome uma única vez.

— Pois devia ter mencionado. Sabia que eu viria reclamar meus direitos como pai.

Ela correu os dedos nervosos pelo cabelo. Isso nem lhe havia passado pela cabeça. Só pensava em ter de volta o filho. Encarou Raul e notou-lhe o olhar implacável.

— Não, não sabia. Isso nunca me ocorreu.

— Ingênua como sempre, hein? E acha mesmo que não tem nada com que se preocupar? Então me deixe avisá-la de que tem uma complicação e tanto pela frente. A não ser que faça o que eu mandar — ameaçou, fazendo o sangue de Penny gelar nas veias. — Onde está ele? Quero vê-lo.

— Não pode. James está dormindo — ela respondeu, mal contendo o medo.

— Posso esperar.

Disso ela não duvidava. Procurou raciocinar com calma. Raul a vira na televisão... Em sua aflição com o paradeiro de James, sequer lhe passara pela mente que o antigo namorado poderia estar na Inglaterra e, pior, assistir ao noticiário.

— Quer dizer que você estava em Londres...

— Exatamente — ele respondeu, apertando-lhe os ombros com força.

Um arrepio de terror passou pelo corpo de Penny, fazendo-a estremecer.

— Você está me machucando — murmurou com voz frágil e trêmula.

Temia pela sorte de James. Se Raul pensava que poderia tomá-lo, estava muito enganado. Tê-lo perdido por vinte e quatro horas já fora mais do que suficiente.

Nem mesmo a Amy contara toda a verdade, mas no íntimo chegara a imaginar que Raul estivesse por trás do sequestro. Se não tivesse visto numa revista, na sala de espera do hospital, uma foto do ex-namorado com Dulcie num acontecimento badalado em Madri e, pior, notado que a moça usava um anel de diamante no dedo anular direito, talvez houvesse tido bom senso bastante para não

entregar o filho para a enfermeira.

— Você tem sorte por estar viva. Porque matá-la foi a primeira ideia que me ocorreu — ele informou, e em sua voz havia uma violência que a deixou chocada. — Mas então conversei com meu advogado e soube que, por enquanto, é melhor tratá-la bem. Por causa de meu filho.

A menção da palavra "advogado" demonstrou uma atitude típica dele. Raul não correria atrás de uma mãe desesperada buscando dar-lhe conforto. Limitara-se a telefonar para o advogado, com o objetivo de prepará-lo para o caso. Com isso, não podia ter deixado mais claro o fato de quão pouco se importava com ela.

Odiou-o, naquele momento, a ponto de quase não conseguir se conter. Queria gritar que James não era filho daquele homem, mas não se atrevia. Se quisesse proteger o menino, teria que conhecer as intenções de Raul. Assim, em vez de demonstrar raiva, abaixou a cabeça e obrigou-se a contar até vinte, lutando para manter o controle.

— Nenhum comentário, querida? — ele provocou. Depois ergueu-lhe o queixo, forçando-a a encará-lo, e fitou com cinismo o rosto lívido e assustado. Depois, lentamente, seu olhar insolente percorreu-a de cima a baixo.

Penny fez força para suportar aquilo, e desejou ter se vestido de maneira mais conservadora naquela manhã. A camiseta branca deixava seus braços à mostra, enquanto o short azul revelava sem pudor as coxas bem torneadas. Aquele não era o traje mais adequado para enfrentar um inimigo como Raul Gonzalez.

Ela se recusava também a permitir que ele percebesse seu medo e sua raiva. Odiava-o. O inferno congelaria antes que aquele homem a separasse de James. Infelizmente, expressar os sentimentos em palavras não era fácil com Raul fazendo ameaças.

— Uma reação corajosa. Mas tola — ele continuou, vendo desafio nos olhos azuis.

Ela o encarou friamente. A primeira coisa em que reparara, quando o vira, foram os fios prateados por entre o cabelo negro. Agora notava que os traços também haviam mudado. O rosto estava mais magro e as maçãs do rosto, mais pronunciadas. As rugas em volta dos olhos tinham aumentado, e ao redor da boca podiam-se ver duas linhas fundas.

Ainda era um homem atraente. Aquele novo visual fazia-o parecer ainda mais poderoso, devastador, como uma pantera esperando o melhor momento para o ataque.

Ela respirou profundamente e mediu as palavras antes de dizer:

— Não sou tola. A idade e a maternidade ensinaram-me a ter paciência e cautela. Vou lhe dar cinco minutos. Diga o que tem a dizer e saia daqui.

— Cautela? Você? — Raul soltou uma risada seca. — Pois não conhece o significado dessa palavra, minha cara.

— E você não me conhece.

— Oh, claro que conheço. E posso provar — ele disse perigosamente.

Penny ficou tensa ante aquele olhar faminto. Seu coração se acelerou. Não conseguia se libertar do poder hipnótico daquele homem.

A mão morena desceu para a cintura estreita. Ela enrijeceu o corpo. Sabia que devia resistir, mas tudo o que fez foi observar o gesto, a pulsação fora de controle quando Raul abaixou a cabeça e

procurou-lhe a boca.

Fazia tanto tempo que não era abraçada, beijada, que seus sentidos responderam de imediato. Raul fora seu único homem, e fazia explodir em seu íntimo a emoção contida durante dois anos. Zonza, Penny entregou-se ao desejo, à necessidade de ser tocada como no passado.

Com um gemido de urgência, ele deslizou uma das mãos por sob a camiseta, acariciando a pele feminina, provocando ondas de prazer. A outra mão tomou um dos seios, enquanto a coxa forçava passagem entre as pernas bem torneadas.

Penny colou o corpo ao dele. Aquele beijo profundo, o cheiro masculino, tão familiares, incendiavam-na. Era como se tivesse mergulhado nas mais deliciosas sensações.

Vagamente, pensou em lutar contra aqueles braços poderosos, em não corresponder. Suas pernas tremeram, os punhos se fecharam, mas foi só. Seu corpo não a obedecia. Vencida, levou as mãos ao peito largo, com os dedos, por sobre o fino tecido da camisa, traçando os contornos dos músculos.

No momento em que os lábios ardentes a deixaram, Penny tentou recuperar o ar.

— Eu não disse? Conheço-a melhor do que imagina. A palavra cautela não faz parte do seu vocabulário, ao menos no que se refere a sexo — zombou ele.

A vergonha fez com que o rosto delicado ficasse escarlate. Ela recuou um passo, procurando fugir daquele clima sensual. Não se deteve nem mesmo quando Raul estendeu um braço e tentou segurá-la.

Furiosa com ele, mas acima de tudo furiosa consigo mesma por ter reagido daquele modo, perdeu o controle.

— Sexo! Você só pensa nisso, não é? Pois saiba que não é o único que consegue tirar uma mulher do sério. Milhões de homens podem fazer o mesmo! Seu dinheiro e seu poder não valem nada. Você é e sempre será um perdedor. Quanto a pôr as mãos em meu filho, esqueça. Ninguém será capaz de fazer isso.

— Os acontecimentos dos dois últimos dias provam o contrário. — Raul se virou e tirou a jaqueta, colocando-a sobre o sofá. Depois, atravessou a sala e foi até a lareira.

— Não age com cautela a mãe que entrega o filho nas mãos de uma desconhecida, não lhe parece?

Paralisada, ela mantinha os olhos, cheios de dor, no rosto masculino. Sentiu a garganta apertar-se e a muito custo controlou as lágrimas. Nada do que ele houvesse dito poderia tê-la ferido mais.

— Não vou discutir isso com você. Só quero lhe dizer que nunca permitirei que leve meu filho.

Ele balançou a cabeça e sorriu.

— Não tenho a menor intenção de privá-la da companhia do menino.

Penny queria acreditar na afirmação, mas não conseguia.

— Isso é o que você diz.

— Acredite em mim — ele respondeu, pegando, de sobre a lareira, uma foto que mostrava James ainda bebê. Contemplou-a por um longo momento. — Quantos meses ele tinha quando o retrato foi tirado?

— Seis.

— É um menino lindo.

— Sim, é.

Na verdade, James era a imagem em miniatura do pai. Penny lembrou-se de que, na noite anterior, não conseguira dormir, cogitando contar a verdade a Raul. Talvez a visita dele fosse uma tramóia do destino.

Suspirou. Contemplou-o, alto e elegante, encostado à lareira, e perguntou-se, receosa, o que exatamente ele desejava.

— Por favor, não fique aí parada como um animalzinho acuado! Sente-se, antes que caia, e conversemos como adultos civilizados.

Ela obedeceu porque não tinha outra escolha. Sentia-se a ponto de desfalecer. Acomodou-se no sofá e esperou que Raul prosseguisse. Mas nada foi dito, e a tensão que pairava no ar era quase tangível. Finalmente ela decidiu quebrar o silêncio:

— Você não disse que queria conversar? Pois estou escutando.

Raul recolocou a fotografia na lareira e, ignorando-lhe as palavras, começou a andar de um lado para outro.

— Quando ele irá acordar?

Penny captou nos olhos escuros uma emoção que nunca vira.

— Daqui a meia hora, mais ou menos.

Se não o conhecesse direito, diria que Raul estava nervoso.

— Sei. — Sentou-se ao lado dela. — É tempo suficiente, imagino.

— Para quê? — ela perguntou, afastando-se para não sentir o calor daquele corpo junto ao seu.

— Para acertar os detalhes do casamento, é óbvio. Ela se levantou como um raio e encarou-o com horror.

Raul não podia estar falando sério.

— *Quem* vai se casar? Você e Dulcie? — perguntou, fazendo-se de desentendida. — Pois saiba que não deixarei aquela mulher chegar perto do meu filho.

— Dulcie não tem nada a ver com isso. *Nós dois* vamos nos casar. Você e eu. O garoto precisa da proteção de um pai, e acho que o casamento é a melhor solução.

Ele *achava*! Arrogante e egoísta, como sempre.

— Pode esquecer a ideia.

— Pense melhor. Considere tudo o que posso dar a ele. Lembre-se também de que há dois anos você me pediu em casamento. Pois bem. Resolvi aceitar a proposta.

— Não — ela reiterou, recordando aquela última humilhação. Não correria aquele risco de novo.

— Não seja tão egoísta. — Raul segurou-a pelo pulso e a fez sentar-se.

— Solte-me.

— Só depois que você me escutar. Estou tentando ser gentil e manter o controle porque você acabou de viver uma experiência terrível. Mas devo lembrá-la de que não me contou que estava

grávida quando me pediu em casamento. Se tivesse feito isso, eu teria aceitado e todo esse drama teria sido evitado. Ainda nos desejamos. Podemos ter um bom relacionamento e, nosso filho, uma família.

Penny o fitou longamente. Não havia dúvidas de que ele falava sério. Por um instante considerou como seria estar casada com aquele homem.

— Sabe que tenho razão, querida.

Foi a exagerada autoconfiança contida na voz grave que a enfureceu e a fez lembrar-se de quem Raul realmente era: um homem dominador, fanático pelo trabalho, que viajava constantemente pelo mundo. Não tinha o perfil de um pai ou de um homem de família. Provavelmente James teria que agendar os encontros que quisesse ter com ele.

— Você deve estar brincando. Logo você, que sempre desprezou o casamento, vem a minha casa e faz uma proposta dessas! Tudo o que quer é a criança. Sinto, mas a resposta continua sendo não.

— Pense nisso com calma.

— Não é preciso. Não vou mudar de ideia.

— Sabe que posso reivindicar a custódia do garoto na justiça, não sabe?

Penny o encarou, incrédula.

— Você ousaria? Ele sorriu.

— É uma alternativa.

No fundo, ela não ficou surpresa. Estava esperando por algo assim desde o instante em que Raul se referira a James como "nosso filho".

— Você não ganharia. Não numa corte inglesa. Em especial depois do sequestro, que comoveu a nação.

— Quer tentar? Tenho tempo, dinheiro e os melhores advogados. Quanto a você, não tem nada disso. Como pensa em lutar contra mim?

Típico. Para Raul, a riqueza era tudo.

— Vá em frente — ela desafiou. — Mas saiba que vou lutar até a morte por meu filho.

— Mamãe?

O grito de James impediu o comentário ácido que Raul pensava em fazer. Penny levantou-se e sequer reparou na ternura que havia na expressão de Raul. Deu alguns passos e depois voltou-se. Ele não se mexeu. Era como se a voz do menino o tivesse paralisado.

— *Meu* filho — ela disse, enfatizando a palavra "meu" — pode esperar um minuto. Mas nossa situação, não. —

Fez uma pausa, encarou-o com frieza e prosseguiu: — Lembra-se do que me disse em nosso último encontro? "Mande a conta, querida"... Odeio ter que desiludi-lo, mas todo o seu poder e a sua riqueza não podem pagar uma *conta* dessas. Para ter uma família, filhos, as pessoas precisam de amor, não de dinheiro. Muito amor. Algo que você não pode comprar. A única coisa que não possui, e nunca possuirá.

Observou-o em silêncio por um segundo. O rosto marcante parecia esculpido em granito, os

olhos permaneciam cruéis, mas Penny teve a impressão de que o atingira profundamente. Em seguida, afastou essa ideia. Nada conseguia ferir aquele homem.

— Você pode pagar os melhores advogados, gastar quanto bem entender, mas nunca irá vencer. Posso permitir que veja James, mas sob minhas condições. É pegar ou largar. — Fez uma pausa, esperando pela resposta. Mas, como Raul continuasse em silêncio, prosseguiu: — É tudo o que posso lhe oferecer.

Uma vez no quarto, pegou o filho nos braços.

— Olá, meu amorzinho. Dormiu bem?

Deitou-o no trocador, tirou a fralda e tentou colocar outra, limpa. Não era fácil. James adorava ficar livre e não parava de mexer as pernas, as mãozinhas buscando o cabelo da mãe enquanto os olhos enormes a fitavam com alegria.

— Mamãe... Mamãe...

— Mamãe está aqui, querido. E sempre estará, prometo. — Penny finalmente conseguiu pôr a fralda. Ergueu-o e aconchegou-o ao peito. — Nenhum desconhecido vai tirá-lo de mim. Nunca.

— Está se referindo a mim?

Penny virou-se. Raul, à porta, observava-os.

— Não, mas se a carapuça serviu...

Ele mal a escutou. Se olhar fascinado estava fixo em James. Penny contemplou o filho e viu que ele sentia-se igualmente fascinado com a presença masculina. Olhou de um para outro. Eram iguaizinhos.

— O nome dele é James, não é? Ouvi na televisão — disse Raul, caminhando na direção dos dois.

Foram as palavras mais tristes que Penny o ouvira falar. Devia ser terrível saber o nome de um filho por intermédio da televisão... Subitamente, ela se sentiu culpada.

— Posso pegá-lo? Será que ele... não vai estranhar?

O tom hesitante aumentou em Penny o sentimento de culpa. Fitou-o e viu um Raul diferente, despido de toda a arrogância. A humildade estampada naquele olhar comoveu-a até a alma.

Agira corretamente ao não comunicar-lhe a existência do filho? Ou fizera isso por causa do orgulho, do amor-próprio ferido? Não queria que ele se sentisse obrigado a desposá-la só por causa da gravidez. Fosse como fosse, continuava insistindo no erro, e isso a perturbava mais do que queria admitir.

Forçou um sorriso e ergueu James.

— Claro que você pode pegá-lo — respondeu, sem encará-lo. — Quanto a James, não irá estranhar, não se preocupe. Ele é muito sociável e gosta do colo de todo mundo. Infelizmente — completou com ironia, lembrando-se da enfermeira que o sequestrara.

Raul sorriu, estendeu os braços e gentilmente pegou o filho.

— Fisicamente ele se parece comigo, mas ao que tudo indica herdou a ingenuidade da mãe.

— Eu *fui* ingênua. Não sou mais.

Observou Raul falar algumas palavras doces a James, em espanhol. Não importava que o menino

não compreendesse uma só palavra. O entendimento entre os dois foi instantâneo.

A cena fez Penny engolir em seco. Eles tinham os mesmos olhos, a mesma expressão, o mesmo cabelo. Viu James tocar o queixo do pai e sorriu.

— Vou fazer um chá — disse, com o coração apertado. Precisava sair dali antes de começar a chorar. Rever Raul, beijá-lo, havia despertado nela sentimentos antigos e sensuais. Sentimentos que julgara sepultados para sempre.

Aquele homem era mesmo perigoso. Penny sabia que seria muito difícil resistir àquela vibrante virilidade. E isso a apavorava.

# Capítulo 6

— Lamento, Penny. Não confio nele, não importa o que você diga — asseverou Amy.

Com a xícara de chocolate numa das mãos, o cotovelo apoiado na mesa da cozinha, Penny sentia-se cansada. Vinha tendo essa mesma discussão com Amy há quatro noites, desde que Raul sugerira levá-la, e a James, para um passeio no domingo.

— Que perigo pode haver em sair com ele por um dia?

— Não sei. Tudo o que sei é que Raul Gonzalez saiu das sombras há três semanas, primeiro pediu-a em casamento e em seguida ameaçou travar uma batalha judiciária pela custódia de James. Responda: um homem razoável teria esse tipo de atitude? Não esqueça que vi o modo possessivo como ele segurou James. Quer o garoto e vai usar seus próprios métodos para consegui-lo. Você já devia saber disso.

Num certo sentido, tudo aquilo era verdade. Com exceção de uma coisa: Penny já não acreditava que Raul quisesse lhe tirar o filho.

Um sorriso surgiu em seus lábios ao lembrar-se da imagem dele, ajoelhado no chão da sala, com James do lado. Raul construíra um castelo com peças de plástico; o filho o derrubara e ambos riram muito. Naquele momento, Amy chegara e pedira que Raul se fosse. Para tristeza de Penny, ele obedecera.

Mas telefonara mais tarde, naquela mesma noite. Calmo, correto, informara-lhe que conversara com seu advogado e que aceitava ver o filho apenas nas datas estipuladas pela lei. Depois despedira-se e prometera manter contato.

— Está me ouvindo, Penny? — perguntou Amy, trazendo-a à realidade.

— Quê? Oh... Sim, estou.

— Aquele amaldiçoado enfeitiçou-a mais uma vez.

— Não seja tola. Não há mais nada entre nós.

Era verdade. Nas visitas seguintes, Raul concentrara-se apenas em James. Nunca mais a tocara; nem mesmo lhe dirigira olhares sensuais, provocantes. Ela tentara convencer-se de que era melhor assim, mas no fundo sentia-se desapontada. Claro que não admitiria isso para a amiga.

— Não tenho tanta certeza — prosseguiu Amy. — Um leopardo não modifica as próprias pegadas. Acho que ele a está envolvendo numa falsa sensação de segurança. Vem duas vezes por semana, comporta-se bem, é educado, brinca algumas horas com James e vai embora.

— Você se preocupa demais, sabia? Sei o que estou fazendo. James precisa sentir que seus pais se dão bem.

— Pode ser bom para ele, mas insisto: não se apaixone de novo por esse homem. Espere até que os documentos sejam assinados pelos advogados e que tudo esteja dentro da lei.

— Mas eu venci esta briga, não percebe? Raul concordou com tudo o que exigi: nada de casamento, nada de batalhas legais pela custódia de James. Somos dois adultos maduros que viveram um romance infeliz, do qual James é o resultado.

— Não é possível! Não vê o que está fazendo? Você ainda estava em choque por causa do

desaparecimento do menino quando Gonzalez apareceu. E acaso ele procurou confortá-la? Que nada. Fez ameaças, só isso. Por favor, tome cuidado.

Penny parou para pensar na afirmação da amiga. Será que ainda estaria em choque? Não sabia. E não queria recordar aquele assunto. Sofrera muito por ter ficado vinte e quatro horas sem o filho. Era o bastante ter certeza de que, dali para a frente, teria James sempre por perto.

Esvaziou a xícara e levantou-se.

— Você está exagerando, Amy — afirmou, abraçando a amiga. — Vou para a cama. Não se preocupe comigo, certo? Estou bem. Amanhã irei à praia com o pai de meu filho e é tudo. Raul não conseguiria roubar James na minha frente, não acha?

Sorriu e foi para o quarto.

— Você está lindo, meu amor.

Penny sorriu e colocou James no chão.

— Sair, mamãe — disse ele, dirigindo-se com passos incertos para a porta do quarto.

Penny suspirou, feliz, e, com uma última olhadela no espelho, pegou a sacola e seguiu o filho. Na sala, encontrou-o brincando com Nick, namorado de Amy. Em seguida, escutou a campainha e desceu a escada, rumo à entrada do apartamento.

— Bom dia, Penny.

— Olá, Raul.

Ela não pôde deixar de notar, com satisfação, que não havia em Raul nenhum traço do homem de negócios. De bermuda jeans, camiseta sem manga, ele era a própria imagem da descontração.

Seus olhares se encontraram, e por um momento Penny pensou ver um brilho de desejo nas pupilas escuras. Deu um passo atrás, nervosa.

— Por favor, entre — convidou, tentando recuperar a calma.

— Posso ver que já está pronta — ele comentou, o olhar passeando com interesse pelo corpo feminino. — Você está muito bonita. Mais ainda do que eu me lembrava.

— Obrigada — ela respondeu, corando. Ajeitou o vestido longo, de crepe branco, abotoado na frente. Leve, próprio para o calor, era um de seus favoritos. — Venha — convidou, subindo a escada. Na sala, o namorado de Amy rolava no chão com James. Ela sorriu. — Este é Nick, nosso hóspede mais frequente.

— Que homem de sorte — comentou Raul entre os dentes. Penny atravessou o aposento e tomou o filho nos braços.

— Oh, obrigado por pegar esse diabinho — disse Nick, com um sorriso largo. — Ele não pára! Que energia, hein?

— É verdade — respondeu Penny. Depois dirigiu-se ao filho: — Vamos, querido? Que tal passar o dia na praia?

— Permita-me — disse Raul, estendendo os braços para pegar o garoto.

E, quando abraçou James, suas mãos tocaram os seios de Penny numa carícia deliberada.

Chocada com as sensações que aquele toque evocara, ela mordeu os lábios. A última coisa de que precisava era voltar a ser a garota ingênua de antigamente. Apanhou a sacola, que guardava toda a

parafernália de James, e seguiu Raul, escada abaixo, até a rua.

Era uma linda e ensolarada manhã de setembro. O bom humor de Penny voltou quando ela avistou o Jaguar parado junto ao velho carrinho da farmácia. E... nada tinha em comum com Raul. A exceção de James.

— Temos que ir em meu carro — disse com um sorriso. — A cadeirinha de James está lá.

— Não será necessário. Providenciei outra para o Jaguar. Aliás, providenciei tudo de que James possa precisar.

Um arrepio a percorreu. Não sabia por que, mas um sexto-sentido lhe dizia para tomar cuidado. Balançou a cabeça, como para afastar o pensamento.

— Você pensa mesmo em tudo, não? — perguntou, com um sorriso.

— Sim, penso.

Surpresa, ela observou Raul colocar o filho na cadeirinha sem nenhuma ajuda. A sacola foi tirada de suas mãos, e de repente ela se viu dentro do carro. Deu um sorriso cínico. Como pudera imaginar que aquele homem, pouco antes, a desejava? Para ele, não passava de um... um pneu sobressalente, digamos assim.

Raul manobrou o automóvel em direção à avenida principal e atravessou a cidade conversando suavemente com o filho. Depois de ver-se ignorada por quinze minutos, Penny falou em voz alta:

— Poderíamos ir até St. Austell. As praias são muito bonitas lá.

— Não se preocupe. Já planejei tudo. Vamos a Fowey, onde aluguei um barco. Assim, poderemos passear pela costa até encontrar uma praia agradável para o piquenique.

Ela quis objetar, mas, ao deparar com o olhar escuro e profundo, esqueceu-se do que iria dizer. Sentia-se hipnotizada pelo perfume familiar, másculo, da loção pós-barba de Raul. Cerrou os dentes. Fitou-o, e isso fez com que a adrenalina subisse. Tinha que parar com aquilo. Do contrário, estaria perdida. Deu de ombros e concentrou toda a sua atenção na paisagem.

Cinco horas depois, num maio preto, ela terminava o almoço e se deitava num colchão de ar, no deck de um iate. E que iate! Pensou, os olhos cerrados. James encontrava-se na parte de baixo, numa das quatro cabines, tirando a soneca da tarde.

O passeio era perfeito. Raul achara uma praia solitária e ancorara o barco. Juntos, os dois haviam passado horas brincando com James no mar e na areia.

Penny sorriu. Raul não tentava flertar com ela. Na verdade, parecia tratá-la como uma amiga, uma irmã. Nenhum olhar apaixonado, nenhum apelo sensual. E era exatamente esse o problema.

— Mais vinho? — perguntou uma voz profunda, fazendo com que ela abrisse os olhos.

— Não, obrigada. Já tomei bastante.

— Com sono?

Penny reparou que, seminu, ele parecia ainda mais forte. Imagens vívidas de outro tempo, outro lugar, tomaram-lhe a mente. Lembrou-se da piscina da *hacienda.* Dos corpos despidos, unidos. Fechou novamente os olhos, procurando evitar a dor que vinha do passado.

Vozes soavam no ar. Não falavam inglês. Espanhol, talvez. Ela tentou abrir os olhos, mas uma forte dor de cabeça frustrou a tentativa. Gemeu. Tinha a sensação de estar voando, mas não se

incomodou com isso. Estava cansada demais para se importar. Suspirou e voltou a adormecer.

As vozes e o barulho das ondas contra o casco haviam cessado. Mas havia um leve movimento. Apesar das pálpebras pesadas, ela obrigou-se a abrir os olhos e viu-se nos braços de Raul. Tentou falar, mas a língua parecia colada à boca, que por sua vez estava seca.

Um peso no estômago deu-lhe a impressão de que ia adoecer. Então sentiu o colchão suave sob as costas e girou o corpo, fitando o impassível rosto masculino de Raul.

— O que está acontecendo? — perguntou, notando a respiração pesada. Na certa tomara muito vinho e ele a levara para a cabine.

— Procure não falar.

— E James?

— Ele está bem. E dormindo.

Ao fixar o olhar no dele, Penny sentiu um medo inexplicável. Raul dissera que James estava bem, mas um brilho duro nas pupilas escuras fizeram-na duvidar de que aquilo fosse verdade.

Naquele momento, observando-o melhor, percebeu que ele trocara a roupa de banho por um terno cinza e camisa branca. E usava gravata. Gravata? Num barco?

Assustada, Penny olhou em volta da cabine. Então se deu conta de que não se encontrava numa cabine. Com um horror crescente, reconheceu o aposento: as paredes brancas, o crucifixo acima do toucador antigo, a cama com quatro pilastras...

Sua cabeça doeu ainda mais. Estava no quarto de Raul, na *haciendal* Oh, não. Devia estar sonhando. Fechou os olhos por um momento e lentamente voltou a abri-los. Não, não era um sonho. Tudo permanecia igual.

Raul segurava um copo com água.

— Tome. Vai se sentir melhor — disse e, colocando um braço sob os ombros de Penny, ergueu-a e levou-lhe o copo aos lábios.

Fraca demais para resistir, ela bebeu o líquido refrescante. Depois ajeitou-se nos travesseiros, a mente confusa. Se nada havia de mais terrível do que perder James por um dia, estar na *hacienda* com Raul era a segunda pior coisa do mundo.

Parecia um pesadelo. Certamente iria acordar, pensou, respirando profundamente e procurando levantar-se.

Não se tratava de um pesadelo. Raul, a dois passos dali, observava-a com olhos duros.

— Sente-se melhor? — perguntou secamente.

Apesar da dor de cabeça e da pedra que parecia ter tomado o lugar do coração, Penny conseguiu sentir raiva. Obrigou-se a colocar as pernas para fora do colchão. Tinha que raciocinar depressa. Não sabia como Raul a levara até lá. Ajeitou o vestido e... Mas lembrava-se de usar maio e estar deitada no convés do iate! Ah, e também recordava que Raul ajoelhara-se a seu lado e lhe perguntara se sentia sono...

— Seu... bastardo! — exclamou quando compreendeu o que havia acontecido. Ele decerto a drogara.

— Não sou. Mas meu filho seria, se dependesse de você. Eu nunca a perdoaria por isso.

A raiva cresceu dentro dela. Colocou-se em pé e avançou para Raul. Queria bater nele, arrancar-lhe os olhos. Mas parou um passo antes de alcançá-lo. Raul tinha nas mãos a sorte de James. Não poderia atacá-lo.

— Por quê? E como? — perguntou entre os dentes. Raul deu um sorriso irônico.

— Eu lhe disse que queria meu filho, não disse? Pois agora o tenho.

Ela o fitou, aterrorizada.

— Não pode ir longe com isso. A pena para sequestros é a cadeia, e por muito tempo. Vou adorar testemunhar contra você.

— Não dará certo.

— Por que se sente tão onipotente? James e eu temos amigos. A essa altura, Amy deve estar nos procurando. — Recuou quando Raul deu um passo em sua direção, as mãos enormes segurando-lhe os ombros, fazendo sua pele arder. — Deixe-me... — "Deixe-me ir", ia falar, mas não teve chance.

— Amy não está à sua procura — interrompeu ele. — Você lhe mandou um telegrama dizendo que, para relaxar depois do trauma com James, sairia de férias por duas semanas.

— Ela não vai acreditar nisso. Raul deu de ombros.

— *Ela* talvez não, mas a polícia, sim. Informei o local para onde a levei. A vizinhança sabe que costumo visitar você e James. Nada seria mais natural do que viajarmos juntos.

— E quanto aos passaportes? E a alfândega? Você não pode simplesmente entrar com duas pessoas num país estranho!

— Mas entrei. — Lançou-lhe um sorriso cínico. — Você, minha esposa, bebeu demais, e não consegui encontrar seu passaporte. Quanto a James, foi mais simples. Obtive uma cópia da certidão de nascimento tão logo soube da existência dele, e descobri que você havia deixado o nome do pai em branco. — Os olhos negros tornaram-se acusadores. — Com a ajuda de um alto oficial do governo, registrei-o como meu filho em meu passaporte.

— Você planejou tudo desde o começo, não foi? — ela perguntou, horrorizada. Como fora ingênua ao acreditar naquele homem!

— Exatamente.

O coração de Penny pareceu apertado por mãos de gelo. Como pudera se esquecer de que Raul, o dominador, faria tudo para estar no controle da situação? Fora assim no passado. E continuava assim dois anos depois. Amy tinha razão. Não havia como confiar nele.

— Você enlouqueceu, Raul — disse com firmeza, decidida a não deixá-lo vencer dessa vez. Se tivesse uma chance, escaparia e levaria James. Não podia perder o controle agora. — Não lhe ocorreu que amanhã, ou depois de amanhã, ou daqui a duas semanas, posso sair daqui com meu filho?

— *Você* pode sair. James, nunca. Meu advogado acha que eu perderia uma batalha judicial na Inglaterra, mas não na Espanha. Este é o *meu* país, onde você não passa de uma imigrante ilegal, sem passaporte. Além disso, aqui todos me consideram um pilar da sociedade. Preciso dizer mais?

— Você não vale nada! — Ela estremeceu. Aquelas palavras pareceram atingi-la nos ossos.

— Está com frio, Penny? — ele perguntou, segurando-lhe os ombros. Sabia que não era a temperatura que a fizera tremer. — Por que não toma um banho e se troca? Vem usando o mesmo

vestido há dois dias.

Ela abaixou a cabeça, para esconder a fúria que havia em seus olhos.

— Que dia é hoje?

— Segunda-feira. À tarde. — Deslizou as mãos até os pulsos finos e voltou pelo braço, numa carícia estonteante. O olhar irônico percorreu-lhe o rosto e fixou-se na curva dos seios. — As roupas que deixou aqui ainda estão no guarda-roupa.

Com os olhos azuis soltando faíscas, Penny o encarou e captou nele algo parecido com desejo. Mordeu os lábios, assustada. Ainda não estava preparada para lutar com Raul Gonzalez.

— Primeiro quero ver James.

— Ele está bem, já lhe disse. Ava e eu o colocamos na cama há uma hora. — Prendeu as mãos de Penny nas costas e enlaçou-lhe os dedos. — É você que precisa de cuidados — acrescentou, a respiração pesada e quente contra as faces pálidas, geladas.

Aquela sensualidade a ameaçava mais do que qualquer outra coisa. Penny desviou o rosto.

— Por favor, quero ver meu filho.

— Mais tarde. — Sorriu cinicamente. — Quando você me deixou, jurei que me vingaria. E, quando descobri a que ponto chegara sua traição, decidi fazê-la sofrer. Esperei um longo tempo por este momento.

— Você não pode levar isso adiante — ela murmurou, sentindo-se fragilizada.

O calor daquele corpo, os olhos negros cheios de ódio, aterrorizavam-na. Raul a enganara. Não apenas quanto as suas intenções em relação a James, mas também no que dizia respeito ao desinteresse que demonstrara. Naquele momento, havia desejo em sua expressão.

— Já levei — ele respondeu, os lábios tomando os dela.

— Não! — Penny protestou quando conseguiu se afastar e respirar, terrificada com o próprio desejo.

— Oh, sim — devolveu Raul, acariciando-lhe os seios. — Você me quer. Desesperadamente. Seu querido Nick certamente não conseguia satisfazê-la.

— Nick? Mas que loucura é essa?

— Não tente me enganar!

— Mas eu... — Ela se calou. Algo sinistro e primitivo brilhou no olhar de Raul, impedindo-a de falar.

— Você teve a ousadia de permitir que um homem passasse a noite na casa onde morava meu filho. Eu poderia matá-la por isso.

Penny pensou em explicar-lhe quem era Nick, mas depois considerou que não lhe devia justificativas.

— Foi por isso que me drogou e me trouxe até aqui?

— Sua sorte foi que James insistia em visitá-la a cada duas horas. Não fosse isso, juro, eu a teria atirado ao mar.

E, girando nos calcanhares, saiu do quarto, batendo a porta com força.

# Capítulo 7

Penny olhou ao redor do quarto e depois para a porta. Mal acreditava no que estava acontecendo. Foi até o banheiro e tirou o vestido.

Parou junto ao chuveiro, e lágrimas começaram a rolar por seu rosto. Sua cabeça doía, seu coração doía. Nunca se sentira tão perdida. Estava presa na casa de Raul, longe de tudo e de todos, sem amigos. Sozinha.

Abriu a torneira com esforço. Ao sentir a água morna no corpo, fechou os olhos, permitindo que o líquido lavasse suas lágrimas. O pranto não iria ajudá-la. Se ao menos não se sentisse tão fraca...

Não ouviu a porta do banheiro se abrir, e assustou-se quando duas mãos enormes enlaçaram sua cintura. Abriu os olhos e deparou com o peito largo de um homem. Não precisava ver-lhe o rosto para saber de quem se tratava. Aquele toque era inconfundível.

— Imaginei que você fosse precisar de ajuda para lavar as costas...

— Saia daqui! — ela gritou.

Em vão. A boca sedenta já tomara a sua, enquanto os braços fortes a prendiam junto ao corpo masculino.

Por um momento, Penny ficou atordoada pela emoção, pelas lembranças que aquele beijo provocava. Correspondeu apaixonadamente, os seios roçando a pele áspera e morena... Então se deu conta do que estava fazendo e se afastou bruscamente. Deu-lhe as costas, o coração aos pulos.

— Saia — repetiu, dessa vez com voz controlada.

— No fundo, você não quer que eu saia.

Raul enlaçou-lhe a cintura mais uma vez, abraçando-a pelas costas enquanto a outra mão acariciava-lhe os seios.

— Sim, eu quero — disse num tom frágil.

Depois empurrou o braço que a prendia pela cintura, libertando-se. Mas nesse momento ele apertou-lhe os mamilos daquele modo familiar, delicioso, e um arrepio de prazer a percorreu de alto a baixo.

— Você quer o quê, Penny? — perguntou ele, beijando-lhe o pescoço. — Que eu apague esse seu fogo, é isso? — sussurrou com voz gentil.

Ela percebeu que a raiva o abandonava e dava lugar a um sentimento indefinível, mais suave. Isso, no entanto, não importava. Estavam em guerra, e Raul não seria o vencedor.

— Não, não e não — negou em tom exasperado.

— Mentirosa. Você adora isso, e dar as costas a essa verdade não vai ajudar em nada. Já agiu assim uma vez, e o resultado foi trágico. Nunca esqueça uma coisa, querida: não deixarei acontecer de novo. Vou tomar conta de você. Protegê-la.

Penny reprimiu um gemido. Tentou dizer a si mesma que o odiava, que o desprezava. Mas, com os olhos fechados e recostada contra ele, isso era impossível. O prazer tirava-lhe a capacidade de raciocínio.

Foi transportada no tempo para a época em que vivia exclusivamente para Raul. Sentia o toque quente e sensual da boca macia, ouvia palavras eróticas sussurradas com voz rouca...

— Nada mudou. Você ainda me quer — disse ele, as mãos deslizando da cintura para os quadris, os dedos procurando tocá-la cada vez mais intimamente.

— Oh! — Dessa vez Penny não pôde esconder o gemido.

— Isso mesmo, querida, se entregue. Sei o que quer. Encostou as costas na parede, acariciando-a sem parar.

Ela queria gritar de humilhação. Não esperava que seu corpo fosse tão traiçoeiro.

— Por favor, não...

— Não mesmo? — perguntou ele com malícia, apertando-a contra o corpo.

Penny percebeu que não tinha mais como se defender. Não podia detê-lo. Na verdade, não *queria* detê-lo. Mesmo assim arriscou uma súplica:

— Por favor, pare...

— Parar? Nunca, minha cara. Esperei anos por isso. Foi muito tempo, sabe?

Lentamente, ele a penetrou. Prazer, fogo, desejo... Não havia palavra para definir o que Penny sentiu naquele momento.

— Raul...

— Diga, vamos! Diga que me quer!

— Eu... quero você! — ela gemeu, completamente fora de controle.

Não se lembrou de ter gritado quando o ápice chegou. Não percebeu, não sentiu nada além do prazer. Foi atirada numa outra dimensão, incendiada, consumida por sensações e sentimentos.

Recostou a cabeça no peito moreno, sentindo o pulsar apressado do coração masculino. Raul a envolveu com os braços e por um momento ela imaginou que ainda fossem os mesmos amantes de outrora.

Mas aos poucos, quando começou a pensar com clareza, sentiu que a realidade a esmagava, tamanha sua força. Com tristeza, compreendeu que não havia mais lugar para aquele velho sentimento. No passado, teriam se divertido às próprias custas por ter feito amor no chão do banheiro, mas agora...

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela ergueu ligeiramente a cabeça e deparou com o olhar frio de Raul. Conteve um suspiro desanimado.

— Se você acha que uma agressão pode ser benéfica a alguém, então sim, estou bem — Penny respondeu, sarcástica, e tentou se afastar.

Raul levantou-se com um único movimento, carregando-a consigo. O fato de estarem nus a deixou repentinamente constrangida.

— Não houve agressão alguma, e você sabe disso. Assim, não perca seu tempo tentando jogar a culpa em mim, porque não vai funcionar. Você também me quis, não se esqueça.

Ele estava furioso. Penny podia ver isso no brilho de seu olhar, na tensão dos músculos

poderosos.

— Mas quem foi que começou essa... brincadeira de mau gosto? — ela respondeu, recuperando o controle.

Libertou-se e obrigou as pernas bambas a movimentar-se. Sabia que Raul tinha razão, mas não admitiria isso por nada deste mundo.

Pegou uma toalha enorme e enrolou-a em volta do corpo trêmulo. Subitamente, começou a sentir frio. Precisava sair dali, pensar. Mas, antes que pudesse deixar o banheiro, Raul colocou-se a seu lado.

Ao menos ele tivera a decência de também cobrir-se com uma toalha.

— Já vai? Por quê? Alguma coisa a assustou?

— Claro que não. Mas estou farta deste banheiro. Você não tinha o direito de invadi-lo, e sabe disso. Foi como se invadisse minha privacidade.

— Por que não usa de honestidade e admite de uma vez por todas que, seja lá o que tenha havido entre nós no passado, a velha atração ainda existe? Por mais que tenha me odiado, você ainda me deseja.

— Vejam só quem fala em honestidade... É honesto sequestrar uma mulher, seduzi-la e roubar-lhe o filho?

Raul correu os dedos por entre o cabelo, com uma expressão de desgosto.

— Por favor, pare com isso! Nós simplesmente fizemos amor! Tinha que acontecer. Ainda nos queremos muito. Quanto ao resto, eu simplesmente decidi zelar pelo futuro de nosso filho.

— *Meu* filho. Agora, se não se importa, eu gostaria de me vestir e de ir vê-lo.

— Não adianta Penny. Por mais que você insista, James é *nosso* filho e está em minha casa... onde vai permanecer.

Ela mal conteve a raiva.

— Duas semanas, você disse. Depois sairemos daqui.

— Eu menti. Vocês não vão partir. E, se Deus quiser, daqui a nove meses James terá um irmãozinho. Ou uma irmãzinha.

Penny ficou boquiaberta.

— Você não vale nada! Fez isso de propósito!

— Bem, James foi concebido numa única noite, em Dubai. Assim, não tenho motivos para supor que dessa vez vai ser diferente.

Penny não encontrou palavras para definir seus sentimentos. Nunca lhe passara pela cabeça ficar grávida novamente. Reprimiu a onda de prazer que a invadiu diante da ideia de ter outro filho. Não daria a Raul essa satisfação.

— Um *ataque* no chuveiro dificilmente resultará numa gravidez — objetou com ironia.

— Um *ataque*! Deus do céu, como você mudou! A jovenzinha que conheci nunca usaria essa definição.

— A jovenzinha tola e ingênua que você conheceu deixou de existir há muito tempo! — Dito

isso, aprumou os ombros e correu para o quarto, abrindo gavetas sem cessar até encontrar algumas peças íntimas. — Você disse que minhas roupas ainda estavam aqui. Onde, posso saber?

— Segundo minhas ordens, Ava transferiu tudo o que você deixou no quarto de hóspedes para o guarda-roupa deste dormitório — disse, indicando um armário de mogno maciço.

Penny não gostou nem um pouco daquilo. Onde exatamente iria dormir? Mordeu o lábio, mas não fez nenhum comentário. Dirigiu-se ao guarda-roupa, abriu-o e contemplou a variedade de vestidos, blusas e calças que deixara ali dois anos atrás. Pegou um vestido azul-claro e colocou-o, procurando ignorar a presença marcante de Raul.

— Para nós o passado ainda está presente — ele continuou. — Prova disso é James, e os filhos que poderemos ter no futuro.

— Para mim, o passado está sepultado. Quanto a ter filhos, ouça uma coisa: se eu ficar grávida, você e Nick terão que fazer um teste de paternidade.

— É mesmo? — ele zombou, caindo na gargalhada.

Louca da vida, ela disparou:

— Ainda bem que você acha isso engraçado! Mas a grande piada ficará para daqui a nove meses.

— O fato, querida, é que temos um filho. E isso ninguém poderá mudar. De mais a mais, James já me contou que dorme no seu quarto, enquanto "tio" Nick fica no de Amy.

Penny sentiu-se uma tola. Corou e não conseguiu encarar Raul. Decidiu mudar de assunto.

— Preciso de um drinque. O efeito daquela droga venenosa que você me obrigou a tomar é terrível. Estou me sentindo doente.

E era verdade. Mas sua maior dor estava na alma. Não se conformava com o fato de ainda desejar tanto aquele homem.

Raul a segurou pelos pulsos quando ela tentou passar. Uma corrente de sensações passou entre os dois.

— Não tenha pressa, minha cara.

— Deixe-me ir.

Ele deu um sorriso gelado.

— Não.

Por um longo momento ela fitou o rosto marcante do homem que um dia amara, de quem tivera um filho, e se perguntou como pudera permitir-se enganar uma segunda vez.

— Eu *quero* sair daqui.

Os dedos dele apertaram-se em sua pele.

— Nunca — disse Raul, num tom perigosamente suave. — Vou deixar uma coisa muito clara: os medicamentos que lhe dei não teriam um efeito tão devastador. Usei o *seu* tranquilizante.

— O meu? — ela repetiu, atônita.

— Exatamente. O que o médico lhe recomendou quando James foi roubado. Tirei-os do seu armário.

— Oh!

Mais não pôde dizer. A audácia daquele homem deixou-a sem voz.

— Assim, não tente me acusar de tê-la drogado, nem de ter sido "atacada" no chuveiro. Você também quis. Por mais que me odeie, tem que admitir que entre nós a atração continua tão forte quanto no passado.

— Pare com isso!

— Não até terminar o que tenho a dizer. Em nome do passado, e de James, vou lhe dar uma chance. Pode viver aqui comigo e prosseguir de onde paramos, dois anos atrás. Ou pode voltar para a Inglaterra, sozinha e com seus próprios meios. Mas saiba que não aceitarei um relacionamento platônico.

Penny o fitou e viu um brilho gelado nos olhos escuros.

— Bem, parece que não tenho escolha, não é mesmo?

— Eu diria que essa será a única escolha que você poderá fazer.

— Mas... — Penny interrompeu-se ao notar-lhe o sorriso sinistro.

— Pense em minha proposta... enquanto se arruma para o jantar.

— Mas...

— Nada de "mas", por favor.

— Ma... — Penny quase disse de novo a palavra, mas calou-se a tempo. — Onde está James? — perguntou, evitando encará-lo. — Preciso vê-lo.

— Está no quarto que um dia foi seu. Mas não demore. O jantar será servido daqui a uma hora e meia.

Penny olhou para o filho adormecido. Ele parecia tão sereno, com o bracinho em volta do urso de pelúcia...

Inclinou-se e o beijou. James murmurou alguma coisa ininteligível, mas não acordou. Uma onda de pensamentos e emoções turbulentas a dominou.

James era um garotinho feliz. Não merecia sofrer. Competia a Penny fazer com que ele não percebesse o drama que se desenvolvia à sua volta. A despeito dos ressentimentos que nutria por Raul, como mãe ela sabia que, custasse o que custasse, não devia deixar que James fosse influenciado pelo ódio existente entre os pais.

Erguendo a cabeça, examinou o velho quarto. Seus olhos se arregalaram de surpresa quando ela viu que o dormitório havia sido transformado num berçário. Uma caminha tomava o centro do aposento. Um cavalinho de madeira ficava sob a janela; do lado oposto estavam dezenas de brinquedos. As paredes, pintadas de cor creme, haviam recebido desenhos com motivos infantis.

Nesse momento, uma enorme mágoa tomou conta dela. Durante horas, dias, semanas, tinha vivido uma espécie de sonho... ou pesadelo. A verdade era que, desde o sequestro, não tivera um único minuto de sossego. Nem conseguira raciocinar direito.

Aquele quarto... o berçário... o cruzeiro pelo mar...

Raul planejara cada movimento nos mínimos detalhes. Na certa começara a arquitetar aquele plano no instante em que soube que tinha um filho.

E Penny, eufórica com a volta de James, não avaliara o perigo que corria. Acreditara cegamente

em Raul, em sua promessa de não lutar pela guarda da criança. Como fora ingênua!

Enquanto congratulava a si mesma por comportar-se de maneira adulta, e acreditava agir do melhor modo, pela felicidade de James, Raul a enganava.

Angustiada, ela saiu do quarto e desceu a escada. Lá embaixo, correu para o abraço maternal e protetor de Ava.

Num espanhol rápido, com lágrimas nos olhos, a governanta disse:

— Minha pobre criança... Quando o Sr. Gonzalez me contou que uma mulher malvada roubara seu filho, não pude acreditar. Mas ele me mostrou o jornal e então chorei muito. Ainda bem que o patrão a encontrou, e que você trouxe o bebê para cá.

— Ava...

— Não precisa mais se preocupar. Carlos e eu defenderemos James com a própria vida. E o patrão contratou seguranças, que estão montando guarda na estrada. Vocês dois estarão bem, aqui.

Tocada pela solidariedade da velha senhora, Penny respondeu, também em espanhol:

— E bom vê-la de novo.

E, beijando as faces molhadas de Ava, deu-se conta de que Raul já havia preparado o terreno naquela casa. Não seria capaz de persuadir Ava a ajudá-la.

Ergueu a cabeça e viu que Raul estava em pé junto à porta da sala de jantar, esperando por ela. Imaculadamente vestido num terno preto e numa camisa branca, de seda, tinha a expressão gelada.

— Se vocês, senhoras, já terminaram esse choroso encontro, eu gostaria de dizer que estou faminto.

Fitou Penny e, por um segundo, a frieza desapareceu de seu olhar, substituída por um tipo de fome que ele não podia expressar na frente da governanta. Mas o brilho sensual logo desapareceu, graças ao autocontrole formidável daquele homem. Penny o seguiu rumo à sala de jantar.

— Quer um drinque? — ofereceu ele, detendo-se junto ao longo balcão de carvalho, sobre o qual se espalhavam bebidas sofisticadas e copos de cristal.

Penny ignorou a pergunta.

— Muito inteligente... Mas, sinceramente, colocar seguranças na estrada... Não acha que está exagerando um pouco?

Ele a fitou por sobre o ombro, notando-lhe a raiva e o ressentimento.

— Nada é suficiente para a segurança meu filho. Não tenho a intenção de permitir que ninguém, inclusive você, tire James de mim. Compreendeu?

Penny percebeu uma fria ameaça naquela voz e soube que não era hora de discutir. Levantou a cabeça com dignidade.

— Nesse caso, ofereça-me um cherry. Preciso mesmo de um. Não gosto de ser ameaçada por um... um... pirata.

— Um pirata? — Raul virou-se para encará-la, uma das sobrancelhas erguidas com ironia. — Realmente, Penny! Você exagera. Provavelmente porque está desesperada. — Em seguida, voltou sua atenção para as bebidas.

Desesperada era pouco, pensou ela, vendo-o aproximar-se com um copo na mão.

— Beba isto. Vai apaziguar sua imaginação e acalmar seus nervos.

Penny pegou o drinque e bebericou.

— Quero telefonar para Amy. Ela deve estar preocupada.

— Está bem.

Ela ficou surpresa com o fato de Raul ter concordado. Não esperava que isso acontecesse. Observou-o atravessar a sala rumo ao local onde ficava o telefone, discar e dizer:

— Alô? Aqui é Raul.

— Espere um momento!

Ele não lhe deu atenção. Continuou falando:

— Olá, Amy. Está tudo bem? Penny anda preocupada com você. Oh, sim... Sim, claro... Bem, ela está aqui. — Antes de entregar-lhe o aparelho, tapou o bocal e sussurrou: — Ficarei escutando a conversa. Lembre-se disso se cair na tentação de contar algo à sua amiga.

Penny pegou o fone, e lágrimas escorreram por seu rosto quando ela ouviu a voz familiar.

— Que diabos está havendo, Penny? Não entendi aquele telegrama. Não acreditei. Fui até a polícia e eles disseram que tudo estava certo, que Raul tinha deixado seu telefone caso quisessem entrar em contato.

Era sua grande chance. Tudo o que tinha a fazer era contar a verdade. A amiga moveria céus e terras para ajudá-la e... Penny provavelmente voltaria a ser notícia. Pensou nas manchetes, nos noticiários. Todos a julgariam incompetente como mãe.

Ficou parada, o aparelho nas mãos. Abriu a boca para falar, mas as palavras não saíram. Ergueu os olhos assustados para Raul. Viu dureza na fisionomia morena e entendeu que não poderia dizer a verdade a Amy.

— Penny? Querida, você ainda está aí? Ela respirou fundo.

— Sim, estou. Sinto que tenha ficado preocupada. James e eu estamos bem. Decidimos no último minuto que precisávamos de descanso, de umas férias. Então Raul... gentilmente nos ofereceu estadia na *hacienda.*

— Raul, gentil? Tem certeza? — Amy perguntou, cheia de suspeitas.

— Isso mesmo. Acho que ficaremos aqui por duas semanas. Isto é, se você conseguir levar o trabalho sozinha...

Um riso seco ecoou do outro lado da linha.

— Claro que consigo. Divirta-se, sim?

Depois de mais alguns minutos falando sobre o trabalho, Amy despediu-se e desligou, convencida de que a amiga estava bem.

— Muito bem — cumprimentou Raul, em tom zombeteiro.

Penny teria respondido se, naquele instante, Ava não houvesse entrado na sala com o carrinho do jantar.

# Capítulo 8

O jantar transcorreu num clima de tensão. Nenhum dos dois fez justiça à refeição maravilhosa de Ava. Penny esteve muito ocupada discutindo a própria liberdade com crescente desespero, enquanto Raul, inflexível, recusava-se a modificar o acordo que propusera. Ela poderia voltar para a Inglaterra, se quisesse, mas James ficaria.

Penny sentia os nervos à flor da pele toda vez que o fitava e deparava com aquele olhar implacável. Estava exausta. Tudo o que queria era acordar daquele pesadelo.

Recusara o convite de Raul para tomar café no salão. Preferira ficar ali mesmo. E agora, ao colocar a xícara sobre a mesa, continuava tensa.

— Onde exatamente devo dormir? — perguntou entre os dentes. — Não existe cama para adultos no quarto de James.

— Claro que não existe. Você vai dormir comigo.

Ele sorriu e Penny percebeu que estava falando sério. Seu peito se apertou de medo... e por causa de uma outra emoção, que ela não conseguiu reconhecer. Sabia como Raul podia ser insistente. Um macho viril e atraente, com riqueza, poder e um extremo egoísmo, determinado a fazer tudo a seu jeito.

— Não pretendo dormir com você — ela disse finalmente.

Raul levantou-se e se postou a seu lado, com uma das mãos nas costas da cadeira e a outra apoiada no tampo da mesa.

— Ah, mas o berçário foi projetado para James — argumentou com suavidade. — Só para ele. Entendeu? — Endireitando-se, ergueu o queixo de Penny com um dedo. — Fim de conversa.

Penny sentiu a raiva crescer.

— Pois para mim ainda há muito a ser falado! — gritou, levantando-se e segurando Raul pela manga do paletó, impedindo-o de sair dali. — James precisa de mim. Ainda é um bebê.

— Claro que ele precisa da mãe. Mas é grande o suficiente para dormir sozinho — ele falou, encarando os desafiadores olhos azuis. — Eu, por outro lado, gosto da ideia de dormir acompanhado.

Penny estremeceu, alarmada e envergonhada pela atração que sentia por aquele homem. Fitou-o em silêncio por um segundo. Seu coração quase parou quando Raul se aproximou mais, a mão deslizando por seu cabelo até alcançar a nuca.

— Você... não pode me obrigar a... — ela começou.

— Posso, mas espero não ter que precisar — ele interrompeu. Um sorriso cruel desenhou-se em seus lábios. — Sou um bom anfitrião. Como você vai dormir no meu quarto, eu mesmo vou levá-la até lá. E isso é inegociável. — Em seguida, abaixando a cabeça, colou os lábios nos dela.

Penny, que esperava algo selvagem, surpreendeu-se com a suavidade daquele toque. Raul parecia beber o néctar dos deuses, e aquela súbita ternura a deixou sem ação.

Ele levantou a cabeça para ver-lhe o rosto corado e murmurou:

— Por outro lado... — ergueu um dedo e traçou o contorno dos lábios femininos — ...*isto* pode

ser negociado — murmurou com um sorriso sensual. — Dou-lhe minha palavra de que só a tocarei se você me quiser. A cama é grande o bastante para nós dois.

— Não confio em você — disse ela, ainda emocionada com o beijo.

— Bem, pode colocar um travesseiro entre nós, se preferir.

— Um travesseiro? — ela zombou. Depois do que Raul fizera no banheiro, sabia que uma almofada seria o menos recomendado para deter-lhe os avanços. — Mas hoje à tarde...

— Hoje à tarde houve uma... como foi que você disse mesmo? Uma agressão. Um ataque. — Ergueu uma sobrancelha, divertido.

O rosto de Penny ficou escarlate e ela desviou a vista, furiosa e confusa. Por um segundo lembrou-se do Raul que conhecera anos atrás, um Raul que se deliciava em brincar com ela.

— Pessoalmente, acho que *terremoto* é a palavra mais adequada. Precisamos pôr a raiva e a frustração para fora. Só assim seremos capazes de concentrar nossas energias para dar uma vida saudável a nosso filho. Não devemos nos distrair perguntando se o sexo entre nós continua tão aceso como antes.

As faces de Penny ficaram mais vermelhas ainda. Por que Raul Gonzalez sempre estava certo?

— Você diz uma coisa e faz outra. No final, acaba me seduzindo.

— Grande! Mas, quando você começa a... ser seduzida — deu outro sorriso divertido — ...não há quem consiga fazê-la parar.

A verdade daquela afirmação era inegável. Ela suspirou e fechou os olhos por um segundo, para evitar ver o olhar brilhante de Raul.

— Venha, Penny.

Colocou um braço em volta dos ombros dela, que recuou instintivamente. Mas o gesto foi confortador, gentil. Raul conduziu-a até a porta e depois para o corredor. Parou ao pé da escada, surpreendendo-a ao libertá-la.

Fitou os grandes olhos azuis e, colocando um dedo sob o queixo delicado, ergueu-o.

— Não precisa se preocupar — assegurou, dando-lhe o olhar mais cortês desde que haviam chegado à Espanha.

— Pode ir para a cama com a certeza de que não levantarei um dedo sem o seu consentimento.

Penny não tinha muita escolha. Ou acreditava nele ou se preparava para uma longa luta.

Não saberia dizer quanto tempo ficou no berçário, velando o sono de James. Mas de repente percebeu que devia ir para a cama o mais depressa possível, antes que Raul subisse.

Preparou-se rapidamente e fez uma careta exasperada ao mirar a própria imagem no espelho. A única camisola que encontrou, muito antiga, era do tempo em que fazia questão de parecer atraente para Raul. Agora, chegava a considerar aquela peça indecente.

"Bem", pensou ao deitar na larga cama, "com um pouco de sorte Raul não vai ver esta maldita camisola. Se eu conseguir dormir antes de ele chegar, e levantar antes que acorde..."

Balançou a cabeça. A quem pretendia enganar? A si mesma?

Não tinha sono. Sua vida fora virada de ponta-cabeça. Estava numa terra estrangeira, com o filho no quarto ao lado e nenhuma ideia clara sobre o que fazer. Suspirou. Afundou a cabeça no

travesseiro macio e enrolou-se num canto do colchão. Pensou que devia haver alguma saída para aquela situação. Mas qual?

Gemeu. A única coisa de que tinha certeza era que nunca, jamais abandonaria o filho. O sequestro lhe ensinara muita coisa. Teria sido capaz de dar tudo... a vida, a alma ao diabo... para reavê-lo. Orgulho, dinheiro e carreira não significavam nada quando comparados a James.

Esticou-se na cama, as mãos deslizando sobre o colchão, um pensamento invadindo-lhe a mente cansada. Se era capaz realmente de dar qualquer coisa pelo filho, por que não aceitar aquela situação? James estava bem e era amado; quanto a ela, estava segura e, se não era amada, pelo menos sabia-se desejada. Muitos casamentos sobreviviam com menos do que isso. Fechou os olhos. Segundos depois, adormecia.

Não viu Raul entrar no quarto e parar junto à cama, olhando-a dormir; não sentiu o toque carinhoso da mão em sua testa, afastando uma mecha de cabelo; mas percebeu um suave beijo no rosto antes de virar-se na cama.

Ela congelava entre as altas paredes de gelo. O silêncio era tanto que cada batida de seu coração ecoava na mente. Gemeu, a cabeça girando de um lado para outro.

— Não, não! — gritou, mas ninguém ouviu o apelo.

Ela observava, com horror, a figura fantasmagórica de um homem aproximar-se. A capa branca que ele usava se arrastava, misturando-se às paredes que se fechavam sobre ela, quase tirando-lhe a vida.

De algum modo, ela sabia que estava vivendo um pesadelo. O mesmo que a atormentava com frequência desde o sequestro. Mas dessa vez era pior. Em meio a uma espessa neblina, via o homem parado à sua frente, os traços se transformando. Eram claros, ficavam inexplicavelmente escuros e voltavam a clarear. Havia pena nos olhos dele. Ela o viu abrir a boca, mas não foi capaz de ouvi-lo.

— Não! James não! — Soluços de pavor sacudiam-lhe o corpo. — Por favor! — suplicava, procurando abrir os olhos.

Então, de muito longe, soou uma voz:

— Tudo bem, querida, está tudo bem. Não chore. James está salvo. Vocês dois estão em segurança. Nada vai magoá-la de novo.

Aconchegada no corpo masculino, ela foi perdendo o medo. Recostou a cabeça no peito largo. Estremeceu e suspirou, tentou abrir os olhos e tornou a fechá-los. Então, aconchegando-se ainda mais, voltou a dormir.

Dessa vez não havia pavor nem pesadelos. Havia apenas o toque gentil dos lábios sedentos em seu rosto.

— Confie em mim. Você e James estão em segurança. Agora e sempre. — Era nisso que ela queria acreditar; assim, acreditou. — Você é tão linda, tão perfeita... E a mãe de meu filho.

Penny arrepiou-se quando os lábios firmes desceram-lhe pelo pescoço, deixando um rastro de beijos. Pousou as mãos no peito masculino, os dedos brincando com os pêlos escuros. Era um sonho. Tão maravilhoso que ela não queria mais acordar.

As mãos daquele amante onírico deslizaram para seus ombros, afastando as finas alças da camisola, puxando-a por seus pés com facilidade. Depois acariciaram-lhe as pernas, a parte interna

da coxa, caminharam até os seios, apertando os mamilos.

Penny gemeu. Em seguida ouviu um gemido. Um sorriso secreto e sensual entreabriu-lhe os lábios enquanto ela se movia sem descanso, ardendo de desejo.

— Sabe o que está fazendo comigo? — murmurou uma voz rouca antes que lábios macios se apoderassem de sua boca.

— Sim, sei... — Depois daquele pesadelo, esse era o sonho que ela queria viver para sempre.

Mas não se tratava de um sonho. Penny abriu os olhos e viu Raul inclinado sobre ela. Nos olhos escuros brilhava a chama da paixão.

— Tem certeza?

— Raul... Ouça, eu penso que...

— Não pense, querida. Simplesmente sinta — ele respondeu, beijando-a vorazmente. — Sonhei em tê-la nesta cama por tantas longas noites...

— Oh... Verdade?

Penny soltou um suave gemido, trêmula.

— Eu não me cansaria de admirá-la nem em um milhão de anos... Você sempre será minha. Sempre.

Quando ela o sentiu dentro do corpo, soube que Raul tinha razão. Pertencia a ele. Nunca deixara de pertencer.

Horas mais tarde, lentamente, ela se deu conta do que fizera. Teria algum desejo inconsciente de engravidar mais uma vez? Ou seria apenas uma mulher carente?

Estremeceu, desgostosa. Raul percebeu-lhe a reação e, colocando um braço protetor em volta dos ombros delicados, aconchegou-a.

— Não se preocupe querida. Em alguns dias estaremos casados.

A voz vitoriosa, satisfeita, a enfureceu. Como ele pudera ler seus pensamentos? Perguntou-se, ressentida com tanta arrogância.

— Não, não estaremos — respondeu, erguendo o corpo e fitando-o, os olhos azuis brilhando de raiva.

Os primeiros raios de sol entravam pela janela aberta.

— Quero você e quero meu filho. E, considerando tudo o que já fizemos, o casamento é a única saída.

— Acha, honestamente, que eu me casaria só porque você é um grande amante e...

Raul a agarrou e deitou-se sobre o corpo bem-feito.

— Grato pelo cumprimento, doçura — murmurou com voz sensual, beijando as faces coradas.

Penny tentou lutar, mas desistiu quando percebeu que Raul estava simplesmente zombando dela. De qualquer maneira, estava exausta demais para discutir, e sequer tinha certeza sobre se queria fazê-lo.

— Volte a dormir. Conversaremos mais tarde — disse ele.

Quando Penny acordou, ouviu o som de risadas infantis lá fora e deu-se conta de que estava

sozinha. Pulou da cama, colocou um robe minúsculo e foi até a janela.

O pátio brilhava ao sol de setembro. Os olhos azuis percorreram o cenário familiar: as oliveiras, o jardim de gerânios, rosas, uma variedade de flores cuidadas por Carlos. E a um canto, cercada por trepadeiras, a piscina.

Seu coração apertou-se, tamanha a emoção. James, nu e com bóias presas nos braços, sobre os ombros do pai, ria, feliz. Em determinado momento, Raul pegou-o pelos bracinhos, colocou-o na água azul e depois ergueu-o no ar.

O sol brilhava na pele morena. Ela suspirou, comovida com a cena. Rapidamente, tomou banho, colocando short e camiseta. Secou o cabelo e voltou para a janela. Pai e filho estavam sentados lado a lado na beira da piscina.

Não havia dúvidas de que James amava Raul, que, por sua vez, também o adorava. Teria ela o direito de afastá-los, de levar o garotinho de volta à Cornualha e a um apartamento sem jardim? A fazenda era um lugar maravilhoso para uma criança crescer...

Penny desceu a escada. O relógio antigo do hall marcava meio-dia, e ela ficou escarlate. Dormira até aquela hora! Envergonhada, achou profundamente embaraçoso encontrar Ava, toda sorrisos, quando entrou na cozinha.

— *Buenos dias, señora* — cumprimentou a governanta. — O patrão pediu para não acordá-la. Você precisava dormir. James já tomou banho, almoçou e está com o pai, na piscina.

— Obrigada, Ava.

— O que quer comer? Omelete ou pastéis? Fiz os seus favoritos. O Sr. Gonzalez pediu que eu os preparasse. Bem, mas talvez prefira esperar o almoço... Temos café fresco. Sente-se e tome uma xícara. Enquanto isso, podemos conversar sobre o casamento. — Enquanto falava, a governanta se movimentava pela cozinha. — Há muita coisa a fazer em tão pouco tempo...

Penny sorriu. Ava brilhava de felicidade e excitação. Até já a promovera: agora, em vez de *señorita,* chamava-a de *señora.* Decerto pensava que todos os seus sonhos tinham se concretizado e que mais uma vez a *hacienda* abrigaria uma família. Penny não teve coragem de desapontá-la.

Ao menos não ainda, pensou.

— Dê-me só o café, por favor. Podemos deixar a conversa sobre o casamento para mais tarde? Quero me juntar a James na piscina.

A resposta pareceu agradar a Ava, que abriu um sorriso antes de dizer:

— Claro. É maravilhoso ver que você sente saudade dos seus homens.

Meio sem graça, Penny pegou a xícara e dirigiu-se à piscina. Há quanto tempo Raul teria contado a Ava sobre o casamento? Céus, e se ele também tivesse falado sobre isso a James?

Não, seria muita ousadia. Assim, balançando a cabeça para afastar essas preocupações, ela caminhou na direção do jardim.

— *Bons dias,* mamãe!

Emocionada por ouvir o cumprimento em espanhol, ela pegou o filho nos braços.

— Olá, querido — disse, beijando-o no rosto.

— "Olá" não, mamãe. *Bons dias.* — Fez um movimento em direção ao solo, e Penny inclinou-se

para colocá-lo no chão.

— *Buenos dias,* querida. — Ao ouvir a voz de Raul, ela se levantou lentamente. — Como vê, andei ensinando um pouco de espanhol a James. *Bons dias é* sua versão particular de *buenos dias.* Nada mau para uma primeira tentativa, não acha?

Ela quis ficar brava, mas não conseguiu. Ao contrário, sentiu os lábios se abrirem num sorriso.

— Eu devia ter adivinhado. Confiar em você é pura perda de tempo.

— Já perdi muito tempo na vida, querida — respondeu ele, e Penny percebeu um traço de dor no fundo dos olhos escuros.

— E está querendo compensar tudo agora, certo? Por exemplo: quando contou a Ava sobre o casamento?

— Não vamos discutir na frente de nosso filho — afirmou ele. E, pegando James nos braços, levou-o para a casa.

Penny sentou-se numa espreguiçadeira e cruzou as pernas. Depois do sequestro, nunca mais deixara James sozinho. Era irônico saber que sequer o havia visto nos dois últimos dias. O pior, constatou com uma ponta de tristeza, era que James mal sentira sua falta. Do contrário, não estaria tão feliz. Além do mais, agora ele tinha o conforto e a proteção que só o dinheiro pode oferecer. Penny não podia competir com isso.

Competir. A palavra a intrigou. Será que desejava competir com Raul pelo amor do filho?

Anos atrás, amara aquele homem a ponto de pedi-lo em casamento. O fato de ter sido rejeitada a fez omitir a gravidez. Fora doloroso, mas na época não passava de uma jovem idealista e romântica. Agora sabia que existiam várias maneiras de amar. Amava James desesperadamente, amava Amy profundamente e amava Raul sem nutrir nenhuma esperança.

Amava Raul? Ficou chocada com o próprio pensamento. Quando descobrira essa verdade? Seu coração deu a resposta: na noite anterior, nos braços dele, percebera que não haveria outro homem em sua vida.

Nesse momento, ele se aproximou.

— James está bem? — perguntou ela, tentando disfarçar a emoção que sentia.

— Ava está lhe dando o almoço e depois vai colocá-lo na cama. Não precisa se preocupar com nada. Relaxe, aproveite este lindo dia e sua liberdade.

— Que liberdade? — ela ironizou.

Um leve movimento do maxilar mostrou-lhe que Raul procurava controlar a raiva, o que não lhe era habitual.

— Por favor, Penny, pode deixar a ironia para depois e ouvir com calma o que tenho a dizer?

O "por favor" pegou-a de surpresa.

— Está bem.

— Sei que a trouxe para cá sob falso pretexto. Talvez eu devesse ter feito as coisas de modo diferente, mas naquele momento estava cego de raiva. Nunca fiquei tão furioso em toda a minha vida. — Fitou-a com ar acusador. — Você devia ter me contado sobre a gravidez.

— E você podia ter me procurado depois que parti. Ao menos um telefonema, para verificar se

eu chegara bem em casa.

— Se eu tivesse feito isso, você teria me contado?

— Não sei.

— Tentei vê-la de novo, sabe? Penny levantou a cabeça, surpresa.

— Tentou?

— Mas não da maneira correta, admito. Havíamos brigado muito. Meu orgulho estava ferido e eu, furioso. Disse a mim mesmo: "Deixe-a sozinha por algumas semanas e ela perceberá o que está perdendo. Então será minha doce Penny de novo".

— Oh, Raul...

— Viajei para a América Latina e fiquei uns tempos no Brasil. Quando voltei a Londres, um mês depois, telefonei para seu apartamento e fui atendido por um estranho: o novo proprietário. Perguntei se ele sabia onde encontrá-la. — Deu um sorriso triste. — Foi quando minha arrogância de achar que poderia tê-la sempre que quisesse sofreu um golpe.

— É bom ouvir isso — ela admitiu. Saber que Raul a procurara lhe fizera um bem enorme.

— O homem me disse que, até onde sabia, a ex-proprietária do apartamento casara-se com alguém chamado Mike e que ambos estavam em lua-de-mel.

— Oh, não!

— Oh, sim.

— Mas... mas... Ora, ele me confundiu com Tanya, a garota com quem Amy dividiu o apartamento durante minha ausência.

— Sei disso. Agora. — Ele sorriu. — Mas na época fiquei tão louco da vida que, se a encontrasse, poderia feri-la.

Aquela confissão dava uma nova perspectiva ao fim desastroso daquele romance.

— Eu nunca soube disso... — comentou Penny com tristeza, perguntando-se o que teria acontecido se houvesse ficado em Londres por mais uma semana.

— Agora não importa. Vamos nos concentrar no aqui e agora, certo? — Sorriu com tanta ternura que ela ficou comovida.

— Certo — concordou, estranhamente abalada por aquela revelação.

— Ótimo. Estamos fazendo progressos. E isso nos traz até a noite passada, quando nós...

— É preciso relembrar aqueles detalhes?

— Sim, é. Porque, quando a vi daquele jeito por causa do pesadelo, percebi o que havia feito ao trazê-la para esta casa contra a sua vontade. Honestamente, eu não fazia ideia de que você estava sofrendo tanto. Peço desculpas.

— Desculpas aceitas.

— Mas não me arrependo do que aconteceu depois. Nós dois sabemos que basta beijá-la para que você se entregue, e comigo acontece o mesmo. Não posso ver seu corpo que sinto necessidade de tocá-la. Às vezes é até embaraçoso.

— Como? — Penny engoliu em seco, atônita com a confissão.

— Não se surpreenda tanto. Na certa você já sabia. Deve perceber o que faz comigo. — Estendendo as mãos, Raul pegou as dela. Em seguida, beijou-as.

Um arrepio, misto de desejo e pânico, perpassou o corpo de Penny.

— Não passa de... atração sexual — mentiu ela. Amava aquele homem.

— Sexo, luxúria, amor... Pode chamar do que quiser. O certo é que alguma coisa nos liga e permanece entre nós o tempo todo. O casamento é a solução lógica para nós... e para James. Já falei com as autoridades. Podemos realizar a cerimônia em três dias.

Penny sentiu-se tentada a aceitar. Ele não a amava, era arrogante e egoísta. Ainda assim ela o queria. Poderiam ter outros filhos. Mas...

— Espere um pouco. Você me disse que eu não poderia deixar a Espanha por estar aqui ilegalmente. Não tenho passaporte. Então, como conseguiu arranjar as coisas para o casamento?

A boca sensual abriu-se num sorriso.

— Eu menti. Em minha segunda visita a seu apartamento, enquanto você fazia café, peguei seu passaporte da gaveta da cômoda. James está registrado no documento, óbvio. Foi por isso que não precisei de nenhuma ajuda oficial para entrar na Espanha.

— Mas você me fez acreditar que...

— Digamos que foi um modo de ter certeza de que você não fugiria de mim. Na verdade, eu não esperava que acreditasse nessa história. — Beijou-lhe as mãos mais uma vez. — Nunca desobedeci às leis. Pensei que você soubesse disso.

— Acontece que registrou James também em seu passaporte...

— Não considero isso ilegal. Ele é meu filho. Agora, pare de mudar de assunto. Quero uma resposta a meu pedido de casamento. Sim ou não?

— Não sei. Você raptou a mim e a meu filho. Essa não é a atitude de um homem razoável, não lhe parece?

— Eu... estava com medo.

— Você, como medo?

— Sou humano. Tenho temores e esperanças, como todo mundo. Quando ouvi seu nome de solteira na televisão e percebi que não estava casada... e que eu tinha um filho... sentime perplexo. Depois tive raiva de mim mesmo, por não os estar protegendo. Fiquei preocupado com você.

— Você, preocupado?

— Exatamente. Vi-a em estado de choque, mas tentando fingir que tudo ia bem. Não abandonava James um só minuto. Eu não podia permitir que continuasse assim. Então falei com seu médico e ele concordou que uma temporada fora só lhe faria bem. Mas, quando lhe sugeri passar férias na Espanha, você riu. Assim, tive que tomar a decisão sozinho.

Ela franziu a testa.

— Essa sua mania de achar que sempre tem razão às vezes me assusta.

— Desculpe. Não é essa a intenção. — E, inclinando-se, beijou-a até Penny não ter como lhe negar coisa alguma. — E então? Você se casa comigo?

— Sim — foi a resposta suave.

# Capítulo 9

— Mas isso é ridículo, Raul! Eram quatro horas da tarde da véspera do casamento.

— Acontece que é a tradição.

— Não faz sentido você ir passar a noite num hotel. Temos dividido a mesma cama há dois dias. E também temos um filho, esqueceu?

Nem por um momento Penny admitia que sentia medo de ficar sozinha, com todo o tempo do mundo para pensar.

— Se eu não fizer isso, atrairei má sorte, e precisamos de toda a sorte do mundo. — Deu um sorriso zombeteiro. — E você, mais do que ninguém, sabe disso.

— Papai! Papai! O castelo!

Ambos olharam para James, que tinha areia pelo corpo, no cabelo, mas mostrava um rostinho triunfante. Conseguira fazer um monte de areia que batia na altura de seu peito.

— Ele é ótimo, não acha? — comentou Raul, beijando a testa de Penny. —Vejo-a amanhã na igreja, querida. Carlos a levará. Comporte-se. — Inclinou-se, pegou o filho no colo, parabenizou-o pelo castelo e o beijou, colocando-o em seguida na areia. — Comporte-se você também, pequenino — murmurou e, virando-se, caminhou até o carro, com uma maleta na mão.

Foi com dor no coração que Penny o observou ir. Sabia que Raul não a amava, mas descobrir que ele a esperara por dois anos lhe dera alguma esperança. Mas pensar que iam se casar por causa de James abalava sua autoconfiança.

Podia satisfazê-lo fisicamente, mas seu desejo secreto era ensiná-lo a amar. Às vezes, porém, perguntava-se se não estava sendo tola.

Uma hora mais tarde saberia que estava.

Penny não ouviu o barulho do carro que parava em frente à casa. Foi James quem alertou: — A moça, mamãe.

Uma mulher tipo mignon, de cabelo preto e olhos maliciosos, usando camisa amarela e short jeans, aproximou-se. O coração de Penny acelerou-se. Dulcie! Como pudera esquecer-se dela?

— *Buenos dias,* Penny. Ah, então este é o garotinho que causou tanto escândalo! Achei que devia vê-lo pessoalmente.

— *Buenos dias,* Dulcie. A que escândalo está se referindo? — perguntou Penny, notando que a outra usava um anel de noivado de diamantes. O mesmo que vira na revista, no malfadado dia do sequestro.

— Ora, estou falando no fato de Raul Gonzalez, um dos homens mais influentes do mundo, ignorar suas obrigações e desonrar o nome da família rebaixando-se a ponto de casar-se com alguém como você. E por quê? Por causa de uma criança que pode nem ser dele.

Penny ficou chocada. A palavra "obrigações" só podia significar uma coisa: que Raul e Dulcie haviam sido ou ainda eram noivos. Pálida, ela pegou James nos braços.

— Ele *é* filho de Raul, não importa o que você pense. Mas não podia desprezar as outras afirmações maliciosas de Dulcie. Deu-se conta de que vivera uma ilusão sensual, aceitando o pedido

de Raul, fingindo para si mesma que se tratava de uma decisão racional quando, na verdade, só fizera evitar a realidade.

— Você é mais inteligente do que eu pensava Penny. O menino é moreno como Raul... E o pobre homem sempre desejou um herdeiro. Claro que, se eu pudesse ter filhos, nós teríamos nos casado quando vocês dois se separaram, mas dadas as circunstâncias não vimos motivo para ter pressa.

Penny levantou a cabeça e, malgrado as pernas bambas, conseguiu ser sarcástica: — Então tenho que lhe agradecer por minha boa sorte... e por sua má estrela.

— Não se engane moça. Ele não a ama. Sempre volta para mim. Dessa vez não será diferente.

Dito isso, Dulcie voltou para o carro.

— Moça ruim, mamãe.

Ah, o sexto sentido das crianças...

Depois de ter colocado James na cama e haver saboreado o delicioso jantar preparado por Ava, Penny ouviu o telefone tocar. A governanta atendeu.

— E para você, querida. O Sr. Raul.

— Diga-lhe que não posso atender. Traz má sorte — disse, disparando em direção ao quarto.

Chorou muito. Com que facilidade Raul descartara a noiva, trouxera-a à Espanha e enganara às duas... Nesse momento, decidiu que nunca mais se submeteria aos caprichos daquele homem.

Iria embora dali. Levaria James. Encontrou uma mala nos fundos do armário e rapidamente jogou algumas roupas nela. Então se deteve. Precisava do passaporte. Talvez estivesse no escritório de Raul. Ia dirigir-se até lá para procurar o documento quando, subitamente, sentiu-se desanimada. Sentou-se na cama.

Para onde estava indo? De volta à Cornualha? Era isso que queria?

Estremeceu ao sentir o ar gelado que entrava pela janela aberta. Olhou para fora e viu que já anoitecera.

Levantou-se, endireitou os ombros e tomou uma decisão. Jamais permitiria que comandassem sua vida. Começaria a andar com as próprias pernas. E a primeira atitude a tomar era tirar Raul Gonzalez de sua vida. Mas não fugiria. Iria descer, telefonar e avisar que não haveria casamento.

Uma batida à porta a assustou.

— Sim? — perguntou, certa de que tratava de Ava.

— Abra, Penny!

Não se intimidou com o tom severo de Raul. Foi até a porta e a destrancou.

Ele entrou e viu a mala sobre a cama. Lentamente, virou-se para Penny.

— Pensei termos decidido adiar a lua-de-mel. Ou será que estou entendendo mal essa sua atitude?

— Está entendendo mal.

— Então pode me explicar por que a mala está aberta?

— Porque estou deixando você.

— Eu sabia! — Furioso, segurou-a pelo braço. — Você não vai a lugar algum, se quer saber. Não vou permitir.

Ao ficar perto dele, Penny sentiu cheiro de álcool. Ali estava um Raul que não conhecia, de cabelo desalinhado e barba por fazer.

— Você andou bebendo! — acusou, e então notou que ele usava as mesmas roupas que vestia quando saíra, horas atrás.

— Bebi, sim! Fiquei andando de um lado para outro no quarto do hotel, dizendo a mim mesmo que estava tomando uma atitude nobre, que podia confiar em você. Até não aguentar de saudade e telefonar para cá!

— Não quero mais discutir. Só quero ir embora, e vou. Levarei James. E não haverá mais casamento.

— Ah, vai haver sim. Não serei rejeitado duas vezes.

Empurrou-a para a cama e, deitando-se sobre ela, beijou-a. Num primeiro momento, Penny sucumbiu àquele encanto; em seguida, reagiu.

— É só nisso que você pensa! Sexo, sexo e sexo! Mas não se preocupe, pode ter o que quiser com Dulcie. Ela mesma me assegurou isso, e usava seu anel de noivado para provar o que dizia. Você não precisa de mim. Nunca precisou.

Ela o encarou, esperando uma explosão a qualquer momento. Mas nada aconteceu. Raul simplesmente fechou os olhos.

Ao abri-los, não mostrava mais raiva nem mágoa nem arrogância.

— Eu preciso de você, Penny. Dulcie jamais poderia substituí-la.

— Porque ela não pode ter filhos!

— Aquela mulher... Eu devia ter adivinhado. Esteve aqui hoje, não foi?

— Sim, esteve.

— E o que foi que ela disse? Conte-me tudo, por favor.

— O de sempre. Que eu era uma pessoa inferior, que ao se casar comigo você estaria desonrando seu nome e deixando de cumprir suas obrigações. — Ao ver perplexidade nos olhos escuros, disparou: — A verdade dói, não é mesmo?

Raul deu um sorriso amargo.

— Você entendeu mal, e a culpa foi minha. Em primeiro lugar, não estou noivo de Dulcie. Ela nunca me interessou. Seja como for, entre nós tudo terminou há dezessete anos.

— Pois você tem uma estranha maneira de demonstrar sua falta de interesse. Deu-lhe um anel de noivado e posou com ela para uma revista famosa. Tem razão: a culpa é mesmo sua!

— De que você está falando?

— Vi a foto quando esperava pelo médico. Fiquei tão chocada que não tive o bom senso de impedir que a enfermeira levasse James.

— Meu Deus!

— Você e aquela mulher foram indiretamente responsáveis pelo sequestro de meu filho! Espera

que eu acredite que ela não significa nada em sua vida? Não me faça rir!

— Eu não fazia ideia, acredite! — Raul elevou o volume da voz. — Você está errada, esteve o tempo todo errada! Céus, eu lhe devo mil desculpas, Penny. Mas não vou deixá-la partir.

— Posso saber por quê? — ela indagou em tom de desafio.

— Porque eu a amo.

— Você... você... — Ela não conseguiu terminar. Arregalou os olhos, perplexa. Seu coração começou a bater violentamente.

— Sei que não posso pedir que me ame depois de tudo o que lhe fiz, mas ainda assim quero me casar. No entanto, não posso obrigá-la a isso. Só gostaria de lhe explicar tudo antes de ouvir sua decisão. Pode me dar essa chance?

Se Raul realmente a amasse, ela lhe daria tudo. Tudo mesmo.

— Explique-se.

— Vai levar tempo. Cometi tantos erros que nem sei por onde começar. — Fez uma pausa. — Quando a conheci, percebi que era uma pessoa muito especial para mim. Adorei sua alegria, seu sorriso livre, sua vontade de viver, e decidi que a conquistaria. Depois da primeira noite que passamos juntos, eu devia tê-la pedido em casamento. Já a amava. Muito.

— Você nunca disse isso...

— Eu tinha medo. Porque você é muito mais nova do que eu. Meu pai se casou com uma mulher mais jovem e não deu certo: minha mãe fugiu com um homem de sua idade. Sei que é covardia e não estou tentando pedir desculpas, mas somos moldados pelo nosso passado. Para ser honesto, nunca fui tão feliz como no tempo em que moramos juntos.

— Por que não disse isso antes? — ela perguntou, com um sorriso terno.

— Porque eu não sabia como agir em relação a você. Essa era parte do meu problema.

— Que problema?

— Possessividade e um ciúme insano. Quando perdi a cabeça, em Dubai, mal me reconheci. Agi mal. E, para completar, fiquei louco da vida quando a mandei de volta para a Espanha e vi que você tinha esquecido o bracelete.

— Claro. Você me tirou tão depressa do hotel que nem tive tempo de arrumar minhas coisas direito.

— Você ainda tem a jóia? Usa-a?

— Não uso. Guardei no cofre do banco. Tencionava vender mais tarde, para pagar os estudos de James.

— Você não chegou a ver a inscrição atrás do fecho?

— Inscrição?

— "Raul ama Penny." Uma mensagem simples, mas verdadeira. Só que você nunca falou nela, e concluí que não se importava muito com meus sentimentos.

— Eu... — Ela se interrompeu, abalada pela emoção. Então tentou de novo: — Eu o perdôo. Mas pode me explicar como você e Dulcie foram parar naquela revista?

— Era uma festa beneficente, em prol da campanha contra o câncer. Dulcie estava noiva do orador. Ele me pediu que fizesse companhia a ela enquanto fazia seu discurso.

— Então... Dulcie está noiva de outro homem?

— Exatamente.

— Mas isso ainda não explica a foto.

— Era uma festa de celebridades, e os jornalistas tiraram muitas fotos. Fiquei surpreso ao ver que tinham escolhido a minha em vez de publicar os retratos dos artistas de cinema que lá estavam.

— Não há nada entre você e Dulcie? Jura?

— Juro. Desde que você me deixou, não tive mais ninguém. Quando pensava que a minha Penny estava casada com outro, queria sumir. Pergunte a Ava. Transformei a vida dela num inferno. Bebi muito, até que Ava roubou-me as chaves do carro e esvaziou todas as garrafas da casa. Tivemos uma briga feia, e quando me vi levantando a mão para ela percebi horrorizado que estava virando um monstro.

— Oh, eu sinto tanto...

— Então me entreguei ao trabalho. Eu nunca poderia ter outra depois de você, querida. Se não conseguisse reconquistá-la, não teria mais ninguém. Morreria como um celibatário amargo e velho.

— Você, celibatário? Oh, não. Amargo talvez, mas celibatário nunca!

— Você não compreende. Nada importa: o trabalho, a fazenda... Sem você, minha vida perde o sentido. Eu a amo desesperadamente. Tem que acreditar em mim.

— Eu acredito. E também o amo. Nunca tive outro homem, nunca terei. Só você.

— Diga que não estou sonhando!

— Você não está sonhando — ela disse, em tom de brincadeira.

— Irá se casar comigo?

— Sim.

Um beijo selou a promessa.

No dia seguinte, ao chegar à igreja, Penny viu uma figura conhecida parada à porta. Aproximou-se mais.

— Não acredito!

— Acha que eu perderia seu casamento? — Amy sorriu. — Hora de ir, companheira. Seja feliz.

Penny agradeceu e entrou na igreja, braços dados com Carlos. Raul então se virou e, sem se conter, dirigiu-se até ela, tomando o lugar de Carlos e levando-a ao altar.

Todos riram. Até o padre teve problemas em esconder o riso.

Penny e Raul, no entanto, não se importaram. Estavam num mundo próprio, envolvidos por um amor imenso.

# Sobre a Autora

JACQUELINE BAIRD começou a escrever como passatempo depois que a família fez objeção ao cheiro de tinta de suas pinturas. Imediatamente passou para o gênero romântico. Adora viajar e percorreu toda a Europa, as Américas e a Austrália e voltou para se casar com o jovem namorado. Mora em Ponteland, Northumbria, e tem dois filhos adolescentes. Gosta de jogar tênis e passa os fins de semana com o marido Jim, velejando.